

ANANDA DE SOUZA LIMA VIEIRA CARVALHO

**SEXUALIDADES DISSIDENTES, SUBJETIVIDADE E INSTAGRAM: ESTUDO DE
CASO COM JOVENS *KINKSTERS***

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientadora: LÍlian Perdigão Caixêta Reis

**VIÇOSA – MINAS GERAIS
2022**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da
Universidade Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

C331s
2022

Carvalho, Ananda de Souza Lima Vieira, 1996-
Sexualidades dissidentes, subjetividade e *Instagram*: estudo de
caso com jovens *kinksters* / Ananda de Souza Lima Vieira Carvalho. -
Viçosa, MG, 2022.

1 dissertação eletrônica (121 f.): il.

Inclui apêndices.

Orientador: Lillian Perdigão Caixêta Reis.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa,
Departamento de Economia Doméstica, 2022.

Referências bibliográficas: f. 102-111.

DOI: <https://doi.org/10.47328/ufvbbt.2022.366>

Modo de acesso: World Wide Web.

1. Jovens. 2. Sexualidade. 3. Juventude. 4. Instagram (Rede social
on-line). 5. Subjetividade. I. Reis, Lillian Perdigão Caixêta, 1964-. II.
Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia
Doméstica. Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica. III.
Título.

CDD 22. ed. 306.77

Bibliotecário(a) responsável: Bruna Silva CRB6/2552

ANANDA DE SOUZA LIMA VIEIRA CARVALHO

SEXUALIDADES DISSIDENTES, SUBJETIVIDADE E INSTAGRAM: ESTUDO DE CASO COM JOVENS *KINKSTERS*

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 25 de março de 2022.

Assentimento:


Ananda de Souza Lima Vieira Carvalho
Autora


Lilian Perdigão Caixêta Reis
Orientadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente à minha orientadora, Profa. Lílian, que com sua paciência e disponibilidade aceitou gentilmente o desafio que meu trabalho nos trazia, oferecendo acolhimento sempre muito humano e autonomia para que esse caminho pudesse ser, verdadeiramente, construtivo e de muito aprendizado.

Ao meu companheiro de vida, Leandro: confidente, revisor e parceiro. Não tenho palavras para agradecer seu suporte e cuidado, tão presentes, tão necessários para mim, Cookie e Yoko.

A minha família, especialmente minha mãe Karla e meu avô Aluísio. Mesmo distantes, vocês são presença nesse processo, oferecendo apoio, compreendendo minhas ausências, e propiciando condições para a minha educação.

À Lene, minha terapeuta, que me acompanhou e acompanha antes mesmo do início dessa jornada. Sua presença me inspira e nosso processo me aproxima cada vez mais de mim mesma.

Aos professores Odemir, Larissa e Carolina: por contribuírem para minha formação como secretária executiva, futura psicóloga e mestranda.

Aos colegas e amigos da vida e da UFV: Adriana, Amanda, Felipe, Gustavo, Luiza, Reinaldo, Rafael e Izabella; do Programa, especialmente Gustavo e Fabiano; à todas do Grupo de Pesquisa CIAJIFS; do IMA, à Jordânia; do CCH, à Silvânia e à Sheila; da UEMG, especialmente ao Abaporang e à Profa. Alissa; da Haskell, à Laura, Luísa e Wanessa; do Grupo de Estudos sobre Subjetividade, ao Yuri, Larissa e Viviane;

Aos professores Gilberto, Daniela, Simone e Delma pelas contribuições tão cuidadosas ao meu projeto e à dissertação.

À Carla, pela parceria desde o meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos participantes desta pesquisa, Caio e Débora, pela confiança e pela entrega.

Ao Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica da UFV, seus servidores e professores, que me receberam e oportunizaram a realização do mestrado.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“[...] our own internal beliefs color our interpretation of what is happening. Having an open mind and being ready to accept someone else’s experience as valid helps change your own perception”.

(Charles Moser)

RESUMO

CARVALHO, Ananda de Souza Lima Vieira, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2022. **Sexualidades dissidentes, subjetividade e *Instagram*: estudo de caso com jovens *kinksters***. Orientadora: Lílian Perdigão Caixêta Reis.

A ampliação do uso da *internet* contribuiu para a popularização das redes sociais, serviços que permitem interação síncrona e troca de informações. Com os jovens passando cada vez mais tempo *on-line*, esses espaços também se tornam palco de explorações românticas, busca de informações sobre saúde sexual e agendamento de encontros. Especialmente para as sexualidades dissidentes, marginalizadas dos processos de educação em sexualidade formais das escolas, a *internet* se constitui como espaço para busca de informações e encontro com seus pares. Nesse *hall* de sexualidades, o *kink*, ligado a práticas, atividades e identidades sexuais fetichistas, encontra nas redes sociais espaços possíveis para uma expressão mais aberta e relativamente livre do estigma vivenciado em outros ambientes sociais, propiciando a formação de comunidades *on-line* e a utilização das redes com a finalidade sexual. Destacando-se mundialmente, a rede social *Instagram* conta com milhões de usuários pelo mundo, no entanto existe uma escassez de pesquisas que tratem do seu uso pelos *kinksters*. Assim, refletir sobre a mediatização da sociedade a partir do uso da *internet* e das redes sociais, e sobre essas influências em nosso modo de vida, evoca algumas questões: como os jovens utilizam as redes sociais na construção subjetiva da sua sexualidade? Quais as suas percepções dos usos dessas redes para a finalidade sexual? Como as utilizam como compensação a deficiência das discussões em torno de sexualidades dissidentes? Como o *Instagram* atua como espaço de subjetivação da sexualidade para esses jovens? Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa foi compreender como os jovens da dissidência sexual *kink* produzem sentidos e configurações subjetivas acerca da sua sexualidade na rede social *Instagram*. Buscou-se: 1) conhecer como os jovens utilizam o *Instagram* como uma rede sócio-sexual; 2) compreender como os jovens gerenciam o estigma relacionado às práticas *kinky* no *Instagram*; 3) analisar os processos de desenvolvimento da sexualidade vivenciados por esses jovens. Para tal, a pesquisa utilizou como suporte teórico a Teoria da Subjetividade, apoiando-se na Metodologia Construtivo-interpretativa e na Epistemologia Qualitativa de González Rey. Desenvolveram-se dois estudos de caso com jovens (23 e 26 anos) que possuem um perfil na rede social *Instagram* associado à sua identidade e/ou práticas *kinky*. Os instrumentos utilizados foram a entrevista, o complemento de frases e a observação dos perfis dos participantes na rede social. O processo construtivo-interpretativo levou à elaboração de indicadores e hipóteses que possibilitaram

compreender como a sexualidade se configura subjetivamente nos participantes, como a utilização da rede mobiliza exposição, privacidade, estigma e criação de comunidades e como tensiona as relações existentes na família. As discussões contribuem para a compreensão dos aspectos singulares do desenvolvimento da sexualidade a partir da utilização do ciberespaço por jovens.

Palavras-chave: Sexualidade. Subjetividade. Instagram. Kink.

ABSTRACT

CARVALHO, Ananda de Souza Lima Vieira, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, March, 2022. **Dissident sexualities, subjectivity and Instagram: a case study with young kinksters.** Adviser: Lílían Perdigão Caixêta Reis.

The expansion of the use of the internet contributed to the popularization of social networks services (SNS), which allow synchronous interaction and exchange of information. As young people are spending more time online, these spaces also become the scene of romantic explorations, searching for sexual health information, and scheduling romantic dates. Especially for dissident sexualities, marginalized from the formal processes of sex education in schools, the internet constitutes a space for searching for information and meeting with their pairs. In this hall of sexualities, kink, linked to fetishistic sexual practices, activities and identities, finds in SNS possible spaces for a more open and relatively free expression of the stigma experienced in other social environments, providing the formation of online communities and the socio-sexual use of the SNS. Standing out worldwide, the social network Instagram has millions of users around the world, however there is a lack of research that treats its use by kinksters. Thus, reflecting on the mediatization of society through the use of the internet and SNS, and on these influences on our way of life, raises some questions: how do young people use SNS in the subjective construction of their sexuality? What are their perceptions of the uses of these SNS for sexual purposes? How do they use them as a compensation for the deficiency of discussions around dissident sexualities? How does Instagram operate as a space for the subjectivation of sexuality for these young people? Thus, the general objective of this research was to understand how young people from kink sexual dissidence produce subjective meanings and configurations about their sexuality on the SNS Instagram. We search to: 1) find out how young people use Instagram as a socio-sexual networking site; 2) understand how young people manage stigma related to kinky practices on Instagram; 3) analyze the processes of sexuality development experienced by these young people. To this end, the research used the Theory of Subjectivity as theoretical support, based on the Constructive-Interpretative Methodology and on the Qualitative Epistemology of González Rey. Two case studies were developed with young people (23 and 26 years old) who have a profile in the SNS Instagram associated with their identity and/or kinky practices. The instruments used were the interview, the complement of sentences and the observation of the participants' profiles on the SNS. The constructive-interpretative process led to the elaboration of indicators and hypotheses that made it possible to understand how sexuality is subjectively

configured in the participants, how the use of the SNS mobilizes exposure, privacy, stigma and the creation of communities and how it tensions the existing relationships in the family. The discussions contribute to the understanding of the unique aspects of the development of sexuality from the use of cyberspace by young people.

Keywords: Sexuality. Instagram. Subjectivity. Kink.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dados dos participantes da pesquisa	41
Quadro 2 - Esquema de experiências de Caio	54

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABDL	Adult Baby Diaper Lover
BDSM	Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão e Sadomasoquismo
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CID	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde
CNS/MS	Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde
DSM	Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais
OMS	Organização Mundial de Saúde
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
SM	Sadomasoquismo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TS	Teoria da Subjetividade
UFV	Universidade Federal de Viçosa

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – REVISÃO DE LITERATURA	18
1.1 Juventudes e sexualidades	18
1.2 Educação em sexualidade	19
1.3 O <i>kink</i> como dissidência sexual	22
1.4 As sexualidades a partir das redes sociais virtuais	26
1.5 A subjetividade na perspectiva cultural-histórica de González Rey	31
CAPÍTULO 2 – BASES EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS	37
2.1 Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa	37
2.2 Participantes	39
2.3 Considerações éticas	42
2.4 Os caminhos para construção da informação	43
2.4.1 <i>Entrevista</i>	43
2.4.2 <i>Observação exploratória e não-sistematizada</i>	44
2.4.3 <i>Complemento de frases</i>	45
2.5 Construção das informações	46
CAPÍTULO 3 – PRODUÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES	49
3.1 O Caso de Caio	49
3.1.1 <i>Caracterização do participante e construção do cenário social da pesquisa</i>	49
3.1.2 <i>Eixo de produção 1 – “O meu grupo é o grupo do Age Play”: A configuração subjetiva da sexualidade</i>	50
3.1.3 <i>Eixo de produção 2 – “Por que se não já viu, né?!”: Exposição, privacidade e estigma</i>	59
3.1.3 <i>Eixo de produção 3 – “Claramente eu”: O Instagram, o eu e o nós</i>	65
3.2 O Caso de Débora	72
3.2.1 <i>Caracterização do participante e construção do cenário social da pesquisa</i>	72
3.2.2 <i>Eixo de produção 1 - "Isso tem nome? Caraca...": Eu, fetichista, Pet Player</i>	73
3.2.3 <i>Eixo de produção 2 - "O que eu mais gosto do Instagram: conversar": Interações e explorações virtuais</i>	83
3.2.4 <i>Eixo de produção 3 - "No fundo nossos maiores medos são nossos maiores desejos": Contradições e tensionamentos</i>	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	112
APÊNDICE B – INSTRUMENTO COMPLEMENTO DE FRASES	114
APÊNDICE C – INSTRUMENTO ENTREVISTA	117

INTRODUÇÃO

A partir dos anos 60, de forma mais intensificada, para além da família e da escola, a mídia ganhou espaço na construção das identidades dos jovens¹ e configuração das suas relações sociais, sendo representada principalmente pelas revistas e pela televisão. Mas foi no avanço dos anos 90 que a *internet* se tornou o centro da produção midiática, e por meio do compartilhamento virtual de ideias, modos de vida e visões de mundo, vem se tornando referência para as interações, identificação de si e aprendizado dos jovens (BISPO, 2017).

Em 2018, no Brasil, o público com maior acesso à *internet* foi o de jovens de 20 a 24 anos, sendo o celular o equipamento mais utilizado para se conectar (IBGE, 2020). Desse modo, a *internet* possibilita a muitos o primeiro contato para dúvidas, descobertas sobre si e para experiências de prazer (BISPO, 2017).

Outra consequência desse uso frequente é que as explorações românticas e sexuais dos jovens também migraram para o ambiente *on-line* (LYKENS *et al.*, 2019). Assim, o meio virtual é utilizado para uma série de práticas: consumo de pornografia; *sexting*; namoro, paquera e agendamento de encontros sexuais por meio de aplicativos e *sites* de namoro; busca de informações sobre saúde sexual; flerte nas redes sociais (BISPO, 2017; DE RIDDER, 2019; LYKENS *et al.*, 2019; NAEZER, 2018; PATTERSON *et al.*, 2019; SHAH *et al.*, 2019). Além disso, o uso massivo das mídias sociais fez surgir um debate acerca de seus possíveis efeitos na sexualidade (TODARO *et al.*, 2018).

Especialmente para as identidades sexuais e de gênero minoritárias e dissidentes, marginalizadas dos processos de educação sexual formais das escolas, a *internet* se constitui como espaço para busca de informações e encontro com seus pares (COLOSI; LISTER, 2019; HOBAICA; KWON, 2018). As sexualidades dissidentes representam sexualidades não convencionais e diversas, homossexuais, pornográficas, fetichistas, em oposição àquelas consideradas boas ou normais (RUBIN, 2017).

Nesse *hall* de sexualidades, indivíduos que se identificam com a sexualidade *kink*, ligada a práticas, atividades e identidades sexuais fetichistas, encontram nas redes sociais espaços possíveis para uma expressão mais aberta e relativamente livre do estigma vivenciado em outros

¹ “[...] no Brasil, há um uso concomitante de dois termos: adolescência e juventude. Suas semelhanças e diferenças nem sempre são esclarecidas e suas concepções ora se superpõem, ora constituem campos distintos, mas complementares, ora traduzem uma disputa por abordagens distintas” (SILVA; LOPES, 2009, p. 88). Tendo isso em consideração, neste trabalho optou-se por utilizar ambos os termos como sinônimos, a partir da compreensão de adolescência da psicologia sócio-histórica e dos estudos sociológicos em torno da juventude.

ambientes sociais, propiciando a formação de comunidades *on-line* (COLOSI; LISTER, 2019; SILVA, 2018; WIGNALL, 2017).

O ciberespaço também se torna relevante para a comunidade BDSM ao permitir a troca de experiências, informações, fortalecimento do grupo e disseminação do seu estilo de vida em contraposição ao estigma social que o marca (SILVA, 2018). O BDSM é um “acrônimo utilizado para reunir práticas sexuais/eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais” (FREITAS, 2012, p. 29) e que “deve ser lido sempre em pares, ou seja, BD significa Bondage e Disciplina, DS, Dominação e Submissão, e SM, Sadomasoquismo” (SILVA, 2018, p. 3310). Além disso, a *internet*, juntamente a outras tecnologias de comunicação, pode provocar um efeito de desinibição nos relacionamentos *kinky*/BDSM permitindo que os indivíduos negociem as suas preferências sexuais, atenuando dificuldades de comunicação (RUBINSKY, 2018).

No relatório de uma pesquisa que buscou analisar o tempo dedicado às formas de mídia *on-line* e tradicionais em nível global, o GlobalWebIndex (2019) identificou o Brasil como o segundo país que passa mais tempo por dia nas redes sociais. Sem surpresa, a pesquisa também identificou os jovens entre 16 e 24 anos como consumidores mais ávidos das redes sociais, dedicando mais de duas horas e meia a essa atividade diariamente.

Além da sua função comunicativa, algumas redes sociais também têm uma função sexual para os seus usuários. Wignall (2017) classifica como sócio-sexuais as redes utilizadas para ambos os propósitos, como a rede *Fetlife*, dedicada exclusivamente ao público *kinky*, fetichista e BDSM. Para as subculturas sexuais, as redes sociais facilitam a criação de comunidades *on-line* e oferecem possibilidades flexíveis em termos de privacidade e anonimato – como a utilização de pseudônimos – para troca com seus pares (WIGNALL, 2017).

Nesse cenário de grande volume de uso de redes sociais, o *Instagram* vem ganhando bastante relevância: o Brasil é o terceiro maior mercado no mundo (ENBERG, 2019) e seu uso como ferramenta de acesso a notícias no mundo dobrou desde 2018 (LEVY *et al.*, 2020).

O *Instagram* é uma plataforma de compartilhamento de imagens lançada em 2010 (SHAH *et al.*, 2019). Seu mecanismo principal permite ao usuário “seguir” os perfis que lhe interessam, bem como ganhar “seguidores” que receberão atualizações do conteúdo veiculado nos perfis que seguem por meio do seu *feed* de notícias. Os usuários podem interagir “curtindo” o conteúdo compartilhado – que hoje não se restringe apenas a fotos, mas engloba também vídeos, por exemplo –, comentando e marcando outros usuários em suas publicações, e trocando mensagens. Apesar de a troca imagética ser o principal recurso do aplicativo para celulares, a

rede integra diferentes recursos e funcionalidades, permitindo, por exemplo, seu uso corporativo como estratégia de *marketing* e vendas.

Pesquisas enfatizam o uso, por grupos com identidades e práticas sexuais não-normativas, de redes sociais convencionais, como *Facebook* e *Twitter* (COLOSI; LISTER, 2019; SILVA, 2018; WIGNALL, 2017) e de redes sociais alternativas, como o *Tumblr*, e o *Fetlife* (COLOSI; LISTER, 2019). No entanto, existe uma escassez de pesquisas que tratem do uso do *Instagram* por esses grupos.

São evidentes o impacto e as mudanças provocadas pela era digital nos modos de vida e nas relações sociais. Ainda que exista um fosso digital de acesso à *internet*, o número de pessoas conectadas vem crescendo com a maior democratização desse acesso, e, consequentemente, a quantidade de usuários das redes sociais também aumenta.

Se a juventude em si já engloba processos de inserção e transição diversos, em uma sociedade que se torna mais profundamente midiaticizada e digitalizada, esses processos se reconfiguram. Nesse sentido, cabe pensar a sexualidade como uma trama inserida em um complexo sistema de atravessamentos históricos, sociais e culturais, nos quais os jovens negociam papéis e identidades como indivíduos ativos.

O estudo da subjetividade, a partir da Teoria da Subjetividade (TS)², apresenta-se como alternativa para compreensão desse fenômeno e de suas complexidades, pois possibilita “reconhecer a pessoa no lugar da produção [...], com base em como configura seu mundo e em de que modo o subjetiva” (MITJÁNS MARTÍNEZ *et al.*, 2020, p. 39). Partindo-se da TS, a subjetividade é compreendida como uma qualidade dos processos humanos autogeradora, implicada e constituída historicamente na cultura pela integração de processos simbólicos e emocionais e na indissociabilidade entre social e individual. Assim, entende-se que a sexualidade é configurada subjetivamente por meio das histórias individuais e experiências sociais do sujeito que, de forma indissociada, geram sentidos subjetivos.

Assim, refletir sobre a midiaticização da sociedade a partir do uso da *internet* e das redes sociais, e sobre essas influências em nosso modo de vida, evoca algumas questões: como os jovens utilizam as redes sociais na construção subjetiva da sua sexualidade? Quais as suas percepções dos usos dessas redes para a finalidade sexual? Como as utilizam como compensação a deficiência das discussões em torno de sexualidades dissidentes? Como o *Instagram* atua como espaço de subjetivação da sexualidade para esses jovens?

² González Rey (2005, 2007a, 2007b, 2010, 2011, 2019).

Meu interesse pessoal pelo tema da juventude e redes sociais veio a partir do meu trabalho de conclusão de curso, no qual abordei a temática a partir da perspectiva de subjetividade de González Rey, analisando o caso de uma influenciadora digital local com perfil no *Instagram*. Aliado à vontade continuar utilizando esse referencial e pesquisa no *Instagram*, estava meu interesse pessoal em estudar a sexualidade.

A pertinência do trabalho reside em sua possibilidade de proporcionar uma maior compreensão da sexualidade dentro dos processos de desenvolvimento humano, considerando a utilização do ciberespaço pelos jovens. Além disso, pode contribuir para ampliar a discussão em torno da inclusão das dissidências sexuais no escopo das políticas públicas de educação em sexualidade e da superação da lógica de patologização historicamente associada ao *kink*.

À medida que o desenvolvimento e a constituição da subjetividade dos jovens, no que diz respeito à sexualidade, se insere na trama familiar, suas novas configurações, representadas aqui pela utilização das redes sociais virtuais, se retroalimentam e se afetam. Trabalhar esse tema no Departamento de Economia Doméstica, que tem como foco as interfaces entre família e sociedade, possibilita o diálogo e a construção de novos significados acerca dessa dinâmica, bem como a discussão acerca de políticas públicas voltadas para as juventudes nos campos da saúde e educação. Além disso, dados os atravessamentos históricos e sociais nas trajetórias dos jovens, para compreender seus contextos e situações é necessário ouvi-los e considerar as singularidades, o que não significa, entretanto, negar a recursividade entre social e individual.

Desse modo, o objetivo geral desta pesquisa foi compreender como os jovens da dissidência sexual *kink* produzem sentidos e configurações subjetivas acerca da sua sexualidade na rede social *Instagram*. Buscou-se: 1) conhecer como os jovens utilizam o *Instagram* como uma rede sócio-sexual; 2) compreender como os jovens gerenciam o estigma relacionado às práticas *kinky* no *Instagram*; 3) analisar os processos de desenvolvimento da sexualidade vivenciados por esses jovens.

Como aporte teórico, recorreu-se às contribuições do estudo da subjetividade de González Rey enquanto alternativa que considera a singularidade dos processos humanos e seu valor na geração de um modelo compreensivo e explicativo dos fenômenos estudados.

No primeiro capítulo serão apresentados os aspectos temáticos, encontrados na literatura, que forneceram as bases para discussão e interpretação das informações: juventudes e sexualidades; educação em sexualidade; o *kink* como dissidência sexual; as sexualidades a partir das redes sociais virtuais; e a subjetividade na perspectiva cultural-histórica de González Rey.

Em seguida, no segundo capítulo, serão abordados os princípios epistemológicos que orientam a Teoria da Subjetividade e que conduziram o desenvolvimento do trabalho. Também será explorado o caminho metodológico percorrido para a construção das informações. Serão descritos o locus de realização da pesquisa e os participantes, os instrumentos utilizados, e os recursos para análise/construção.

No terceiro capítulo apresentaremos o processo de construção e análise das informações a partir do modelo construtivo-interpretativo. Serão discutidos dois estudos de caso: o de Caio, *Age Player*, e o de Débora, *Kitten Player*, elencando os indicadores e as hipóteses formuladas.

Finalmente, traremos as considerações finais, retomando os objetivos do trabalho, sintetizando as discussões trazidas e apontando as implicações da pesquisa para os debates sobre a temática.

CAPÍTULO 1 – REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo reúne discussões e reflexões acerca das principais categorias temáticas deste trabalho pelas quais se sustentará seu aporte teórico. Sua estruturação se organiza nos debates sobre: juventudes e sexualidades; educação em sexualidade; o *kink* como dissidência sexual; as sexualidades a partir das redes sociais virtuais; e a subjetividade na perspectiva cultural-histórica de González Rey.

1.1 Juventudes e sexualidades

Estudos (ABRAMO, 2008; HEILBORN, 2006, 2012; WEISHEIMER, 2005; WEISHEIMER, 2019) têm apontado para uma discussão do conceito de juventude de modo a problematizar a definição construída a partir de elementos biológicos baseados em marcos etários e mudanças corpóreas. Eles enfatizam os processos subjacentes dessa fase e as especificidades sociais, históricas, econômicas e políticas dos sujeitos.

Desse modo, a juventude, enquanto processo social, engloba trajetórias biográficas distintas construídas socialmente a partir dos modos como a condição juvenil é vivenciada segundo diferenças de gênero, classe, etnia etc. (ABRAMO, 2008; HEILBORN, 2012; MANDELLI; SOARES; LISBOA, 2011). A partir da categoria condição juvenil, a vivência da juventude se expressa em um modelo hegemônico socialmente estabelecido do que é ser jovem, baseado na subordinação do jovem em relação ao adulto. Já a categoria situação juvenil revela a singularização dos processos e percursos vivenciados pelos jovens em configurações distintas da condição juvenil. Afasta-se, portanto, da ideia de juventude estritamente vinculada a uma faixa etária ou transição à adultez, para conceber o jovem como indivíduo concreto. Com as especificidades de um lado, e as multiplicidades de outro, torna-se necessário falar-se em “jovens” e “juventudes”, no plural (WEISHEIMER, 2019).

As diversas instâncias que compõem os meios de socialização dos jovens, como família, escola, espaços de cultura e lazer, contribuem para a formação da identidade e dos valores em um processo relacional, ou seja, baseado nas relações estabelecidas com o mundo e com os outros (ABRAMO, 2008; DAYRELL, 2005). Assim, as juventudes contemplam “variados processos de inserção em várias dimensões da vida pessoal e social, como sexualidade, trabalho, participação cultural e política etc.” (ABRAMO, 2008, p. 43).

Em nossa cultura a juventude comumente é tida como um momento de experimentação e consolidação de práticas e representações permeada por transições, como ocorre com a

primeira relação sexual. No que diz respeito à sexualidade, seu aprendizado representa uma tomada de autonomia do jovem por meio da experimentação e da impregnação da cultura sexual do grupo. Esses processos, ao invés de serem produtos exclusivos do funcionamento biopsíquico dos sujeitos, se inserem em cenários socioculturais variados (HEILBORN, 2006).

Podemos conceituar a sexualidade enquanto

[...] uma dimensão ontológica essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico e dialético. A sexualidade não pode, pois, ser restringida à sua dimensão biológica, nem à noção de genitalidade, ou de instinto, ou mesmo de libido. Também não pode ser percebida como uma “parte” do corpo. Ela é, pelo contrário, uma energia vital da subjetividade e da cultura, que deve ser compreendida, em sua totalidade e globalidade, como uma construção social que é condicionada pelos diferentes momentos históricos, econômicos, políticos e sociais. (FIGUEIRÓ, 2001, p. 39).

Assim como o posicionamento teórico por “juventudes”, poderíamos nos arriscar a uma orientação rumo às dimensões da situação das sexualidades juvenis. A partir da perspectiva evidenciada, ressalta-se a natureza humana da sexualidade, e que como tal, está inserida em uma trama histórica e culturalmente situada, constituindo-se, pois, em uma produção subjetiva. Essa concepção será retomada na seção 1.5.

1.2 Educação em sexualidade

Enquanto a família tem papel inicial na transmissão de valores sexuais e influência na concepção de sexualidade do indivíduo, à educação sexual escolar cabe a orientação, formação e discussão dessas concepções e valores, questionando-os e possibilitando sua compreensão numa perspectiva histórico-cultural e ética (MAIA; RIBEIRO, 2011).

O ensino sobre sexualidade no Brasil esteve pautado na ciência e na saúde desde o século XX, com ideais higiênicos e normatizadores circundados pela concepção de uma família saudável, até a preocupação com a epidemia de AIDS na década de 1980 (FIGUEIRÓ, 2009 *apud* BISPO, 2017). Bispo (2017) também destaca que esse discurso naturalizante desconsidera escolhas individuais, gênero, orientação sexual e que, ainda hoje, a educação sexual nas escolas se restringe à disciplina de Ciências.

A educação sexual pode ser compreendida como um processo de assimilação de atitudes, valores, comportamentos e manifestações ligados à sexualidade e expressos em padrões sociais durante a socialização (MAIA; RIBEIRO, 2011). No entanto, em consonância com o proposto por D’Andrea (2014), será adotado neste trabalho o termo “educação em

sexualidade”. Para a autora, o emprego de “educação sexual” está atrelado a práticas educativas historicamente controladoras e normativas. Por outro lado, o primeiro termo remete a uma educação com

[...] ações de ensino aprendizagem sobre temáticas relacionadas à sexualidade que contemplem informações científicas, objetivas e livres de pré-julgamentos, a discussão de valores, sentimentos e emoções e que estejam comprometidas com a transformação da sociedade rumo à equidade de gênero e à valorização da diversidade sexual. (D’ANDREA, 2014, p. 29).

Tais ações orientadas à autonomia, à vivência positiva da sexualidade, ao questionamento de padrões normativos socialmente estabelecidos e à formação crítica, estão inseridas em uma abordagem emancipatória da sexualidade, reforçada pela autora e defendida por Figueiró (2001). Esse posicionamento é coerente com a postura epistemológica adotada, dentro da qual a prática científica do pesquisador se articula a um “compromisso colaborativo de transformação social”, de “explicar, denunciar e fazer parte das mudanças pertinentes na sociedade em que ele vive” (PATIÑO TORRES, 2020, p. 187-188).

Apesar da orientação formal para a educação em sexualidade nas escolas por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1997, que apregoam uma educação pluralista e transversal, permanecem muitos desafios: sua adoção não é obrigatória em todos os estados brasileiros, existe um despreparo técnico e emocional dos educadores para trabalhar o tema da educação sexual; predominância de um discurso biologizante e de proteção sexual; posturas e práticas pedagógicas retrógradas e repressoras norteadas por valores pessoais; preparação tardia dos jovens baseada na ideia de uma idade ideal para iniciação sexual; silenciamento sobre a diversidade sexual (DINIS; ASINELLI-LUZ, 2007; D’ANDREA, 2014; HEILBORN *et al.*, 2006; RIBEIRO; MAIA, 2011; ALMEIDA *et al.*, 2011).

Em contraposição ao ideal de transversalização da educação sexual nas escolas, Higa *et al.* (2015) identificaram que grande parte das escolas concentram suas ações em conteúdos já previstos no currículo, direcionando-os às aulas de ciências e biologia. Assim, as dimensões culturais e sociopolíticas da sexualidade não são atingidas, formando indivíduos pouco críticos, em um espaço onde a possibilidade de convivência e relações afetivas seria fecundo a essa formação. Assim, os referidos autores apontam para necessidade da educação sexual com uma abordagem ampliada do cuidado, contemplando diversidade, valorização do corpo, higiene, papel dos gêneros na sociedade e considerando as necessidades dos alunos.

O olhar da escola como instituição responsável por formar indivíduos críticos, com prática educativas voltadas à ética do sujeito e questionamento de padrões é retomado por Maia

et al. (2012). A proposta desses autores se baseia em uma visão crítica das práticas educativas, que devem servir à emancipação dos sujeitos, considerando as especificidades sociais, culturais e políticas dos contextos de inserção dos jovens. Para tanto, devem desnaturalizar padrões de beleza e heteronormatividade.

Maia *et al.* (2012) desenvolvem uma proposta de intervenção abrangendo diversos temas: conceito de sexualidade; conceito social de adolescência, fisiologia e saúde, saúde sexual e reprodutiva, iniciação sexual, gravidez na adolescência, violência sexual, padrões de beleza e atitudes de discriminação e gênero e diversidade sexual. A abrangência desses temas parece melhor se aproximar do preconizado pelos PCN, ao associar aspectos relativos ao corpo, prazer, processos biológicos, construções sociais em torno de gênero, adolescência e padrões, priorizando a autonomia e responsabilidade do jovem.

Além desses aspectos, Furlanetto *et al.* (2018) apontam que mesmo após mais de vinte anos da implementação dos PCN, suas práticas não foram consolidadas, principalmente em relação à transversalização do tema, com deficiência na capacitação docente e presença de discriminação às diferentes formas de expressão da sexualidade nos espaços escolares. Assim, para Moncayo Quevedo (2017),

as políticas de inclusão e educação sexual não estão inscritas nas práticas ou relações de professores e alunos apenas pela força da determinação legal ou da imposição de normas [...], mas passam pelos processos subjetivos que permeiam a relações humanas e que geram conflitos de interesses e intenções. (MONCAYO QUEVEDO, 2017, p. 153, tradução nossa).

Dessa forma, o autor ressalta a importância do reconhecimento dos processos subjetivos de professores e alunos na educação sexual, distanciando a sexualidade de uma ideia funcional e normativa. Do mesmo modo, Furlanetto *et al.* (2018) alegam a necessidade de se pensar de maneira crítica os processos de subjetivação de jovens tendo em vista a internalização de preconceitos que podem resultar em atitudes sexuais discriminatórias.

Como resposta às demandas das juventudes, foi instituído em 2013, por meio da Lei 12.852, o Estatuto da Juventude, para o qual são considerados jovens as pessoas com idade entre quinze e vinte e nove anos de idade. O documento se afirmou como instrumento de garantia e proteção dos direitos dos jovens brasileiros, além de fortalecer a cidadania e a inclusão social e política dessa parcela da população.

Dentre as garantias do documento, encontra-se o direito à diversidade e à igualdade, sendo vedada a discriminação por orientação sexual. A efetivação desse direito pelo poder público inclui a adoção de temas sobre questões de orientação sexual e de gênero “na formação

dos profissionais de educação, de saúde e de segurança pública e dos operadores do direito” e a “inclusão, nos conteúdos curriculares, de temas relacionados à sexualidade, respeitando a diversidade de valores e crenças” (BRASIL, 2013). Nesse sentido, o direito à diversidade e à igualdade tem estreita relação com os preceitos de educação em sexualidade supracitados contidos nos PCN, favorecendo a desnaturalização de discursos discriminatórios e incluindo sexualidades não-hegemônicas.

Em relação às minorias sexuais e de gênero, percebe-se uma grande limitação no oferecimento de informações e conteúdos de educação em sexualidade que superem a normalização da heteronormatividade e sejam, de fato, inclusivos. Uma educação pautada nesses termos produz conhecimento insuficiente e leva a consequências negativas, como internalização de estigmas e sentimentos de vergonha, invisibilidade e autoculpabilização por aqueles que se inserem nesses grupos minoritários (HOBICA; KWON, 2018).

1.3 O *kink* como dissidência sexual

Discutindo a diversidade sexual e sua opressão, Rubin (2017) apresenta alguns pressupostos culturalmente arraigados que representam obstáculos no desenvolvimento do que chamou de uma teoria radical do sexo, a qual “deve identificar, descrever, explicar e denunciar a injustiça erótica e a opressão sexual e [...] produzir descrições ricas da sexualidade tal como ela se apresenta na sociedade e na história [...]” (RUBIN, 2017, p. 77). Dentre esses pressupostos estão, por exemplo, as ideias de um sexo a-histórico, fisiológico e psicológico, de um sexo negativo e perigoso e a existência de um sistema hierárquico de valoração dos atos sexuais. Esses, por sua vez, estão posicionados a partir de valores sociais e se organizam em um “círculo mágico”. Dentro desse círculo estão as sexualidades tidas como boas, normais, naturais, heterossexuais, reprodutivas, monogâmicas, conjugais e não comerciais, ou seja, sexualidades socialmente privilegiadas. Nos limites externos estão as sexualidades “más” e anormais”, aquelas não reprodutivas, fora do casamento, homossexuais, em lugares públicos, pornográficas, fetichistas, intergeracionais e sadomasoquistas: sexualidades dissidentes.

Para a autora essa hierarquia também se configura por áreas de disputa entre o que seria o sexo “bom” e o sexo “mau”. Uma linha tênue divide essas zonas, como uma fronteira: quanto mais próximo da linha, mais próximo do que é tido como bom e normal. Ainda que algumas sexualidades estejam se aproximando dessa linha, sexualidades fetichistas e sadomasoquistas, por exemplo, permanecem em uma posição enraizadamente próxima dos limites externos

(RUBIN, 2017). Apesar de essa construção ser originalmente de 1984, o círculo mágico parece representar hierarquias e valores que persistem hoje.

As sexualidades fetichistas e sadomasoquistas as quais Rubin (2017) se referiu podem ser entendidas como sexualidades *kinky*, no sentido amplo da palavra. Mas afinal, o que é *kink*? Dentre seus significados possíveis, o verbete *kink* pode ser traduzido por “excentricidade, esquisitice, mania, veneta, capricho” e também designar “preferência sexual incomum” (KINK..., 2016). Wignall (2018) aponta que não existem definições claras ou unificadas, sendo a palavra usada em oposição ao “sexo baunilha”, que consiste em atividades sexuais convencionais, e para indicar um tipo de sexo considerado desviante. Assim, o termo é utilizado muitas vezes ora como um adjetivo com essa conotação, ora como um substantivo sinônimo de BDSM ou SM (sadomasoquismo). Como substantivo costuma ser empregado ao longo do texto, substituindo BDSM ou SM, uma vez que esses acrônimos tenham sido definidos.

De fato, ao observar a utilização do termo *kink* na literatura nos deparamos com os empregos destacados anteriormente. Rubinsky (2018) apresenta *kink* e BDSM como sinônimos ao longo do texto; Colosi; Lister (2019) apontam o *kink* como termo que se refere a práticas que envolvem fetiches e BDSM; Freitas (2012) resgata seu significado tal como é visto no dicionário, um adjetivo para designar algo estranho e excêntrico. Newmahr (2011) aponta o termo *kink* como uma das formas pelas quais os membros da comunidade SM referem-se a si mesmos ou a suas práticas, tendo segundo a autora, ressurgido como um termo mais popular. Weiss (2011) comenta que o *kinky* pode ser um termo usado pelos praticantes de SM para designar suas práticas e quem as pratica, em oposição ao termo “baunilha”. Lin (2017) utiliza *kink* e BDSM como sinônimos destacando, no entanto, a amplitude maior do termo *kink*. Sprott; Hadcock (2018) e Sprott (2020) também utilizam os termos como sinônimos, os primeiros apontando *kink* como um termo utilizado por comunidades sexuais alternativas nos EUA, ou seja, enfatizando o seu uso pelos praticantes, enquanto o acrônimo BDSM seria mais utilizado pelos pesquisadores que investigam sexualidades alternativas.

Para além da questão dos usos secundários do termo *kink*, Wignall (2018) argumenta que a sua abrangência é uma característica positiva em face às limitações de outras expressões, como BDSM e SM, por exemplo. Seja isso pela especificidade que pode excluir as práticas sexuais e grupos não contidos nesses acrônimos, ou pelos usos históricos estigmatizados e patologizantes dos termos sadismo e masoquismo.

A esse respeito, destacam-se os esforços para despatologização dessas sexualidades. Desde sua primeira versão, ainda no século XIX, o Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) da Associação Americana de Psiquiatria (APA) contribuiu com a

estigmatização das sexualidades *kinky*. Sadismo e masoquismo sexual, fetichismo e outros comportamentos sexuais atípicos foram categorizados como desvios sexuais e posteriormente como parafilias (LIN, 2017; RUBINSKY, 2018, WIGNALL, 2018). Se de um lado a palavra parafilia “representa variação (para) da atração (filia)” (WIGNALL, 2018, p. 20), de outro ela representou uma categoria para diagnóstico. A última versão, o DSM-V, de 2013, representou um importante avanço nesse movimento de despatologização de adultos que se envolvem em práticas sexuais consensuais atípicas, introduzindo a diferenciação entre parafilia e transtorno parafilico³ (LIN, 2017; WIGNALL, 2018).

Moser (2019), no entanto, questiona o DSM-V apontando para diversas inconsistências conceituais na diferenciação elaborada pela APA anteriormente citada. A citação a seguir aponta algumas provocações presentes em sua crítica:

A nova definição de parafilia parece incluir indivíduos com fantasias de estupro (comuns entre homens e mulheres; e por definição "não consensuais"), interesse em parceiros com o púbis raspado (não fenotipicamente normal), preferência por ser o parceiro receptivo nas relações anais (estimulação não genital), preferência por estimular oralmente os genitais do parceiro sem reciprocidade (carícias não preliminares), ou preferência por parceiros transgêneros (não fenotipicamente normais no pré-operatório e possivelmente no pós-operatório). A excitação por romances românticos (que raramente se concentram na cópula) e a excitação para imagens de seios e nádegas sugerem que muitos de nós têm parafilias. As fantasias sexuais centradas em pelo menos alguns temas parafilicos são comuns (Ahlers *et al.*, 2011; Joyal, Cossette, & Lapierre, 2015). Os indivíduos normófilos podem na realidade ser uma minoria sexual. (MOSER, 2019, p. 4-5, tradução nossa).

Tendo uma carreira dedicada aos estudos sobre BDSM, Charles Moser (2019; 2021) argumenta que apesar de o DSM-V listar as parafilias enquanto transtornos mentais e assumir-se enquanto documento baseado em evidências e com bases científicas para sua elaboração, pesquisas e estudos não demonstram que as “parafilias são transtornos psiquiátricos”, mas que “os indivíduos com uma parafilia são indistinguíveis da população geral, exceto por seus interesses sexuais” (2021, p. 5, tradução nossa).

Alguns avanços, porém, podem ser verificados, como por exemplo, a nova Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID-11), lançada em 2019, e que passou a valer a partir de 2022. O documento, que é criado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), removeu Fetichismo, Travestismo Fetichista e Sadomasoquismo dos diagnósticos psiquiátricos, distinguindo o BDSM da violência ao enfatizar o aspecto consensual

³ O DSM-V classifica que “o termo parafilia representa qualquer interesse sexual intenso e persistente que não aquele voltado para a estimulação genital ou para carícias preliminares com parceiros humanos que consentem e apresentam fenótipo normal e maturidade física” (APA *et al.*, 2013, p. 685), já o “um transtorno parafilico é uma parafilia que está causando sofrimento ou prejuízo ao indivíduo ou uma parafilia cuja satisfação implica dano ou risco de dano pessoal a outros” (p. 685).

envolvidos nas práticas (NUR, 2020; OMS, 2022). Essa mudança apresenta enorme relevância para a comunidade dada a discriminação sofrida, o estigma atribuído e as repercussões para saúde mental dessas pessoas.

Tendo esses fatores em consideração, Wignall (2018) propõe a seguinte definição:

Kink é o conjunto de atividades que envolvem o uso mutuamente consensual e consciente, entre duas ou mais pessoas, de troca de poder ou encenação de troca de poder, para prazer sensorial, emocional ou psicológico. Esses são principalmente orientados para o sexo e podem incluir infligir/receber dor, o uso de equipamentos (couro, látex, capuzes, etc.), fetichismo/parcialismo, e normalmente têm um nível de intimidade entre os envolvidos. Também deve haver um entendimento mútuo entre os envolvidos de que o que está sendo feito é kinky. (WIGNALL, 2018, p. 31, tradução nossa).

No entanto, o autor destaca que essa definição pode não contemplar todos os envolvidos nas práticas *kink*, diante de sua natureza social e simbólica.

O termo “fetichismo” está historicamente ligado a comportamentos sexuais “atípicos”, incluindo o interesse sexual em um objeto inanimado. Já o parcialismo, a partir do DSM-V, foi incorporado à classificação de Fetichismo, e representa o foco exclusivo em uma parte corporal (APA *et al.*, 2013; KAFTA, 2010; MOSER, 2019). O termo “fetiche”, além de uma utilização informal pelas pessoas em diálogos e situações distintas, também pode constituir-se como conceito dentro de uma perspectiva específica, como na teoria psicanalítica de Sigmund Freud. Destacamos esses pontos para situar o uso do termo ao longo desta pesquisa. Em consonância com o trabalho de Hilleren (2018, p. 15-16, tradução nossa), concordamos com a “ideia de que o fetichismo existe como parte do espectro normal de expressão sexual e, portanto, consistente com a ampla variedade de expressão humana em oposição à visão patológica”. Ademais, no Capítulo 3, referente à construção das informações, é relevante enfatizar que o uso da palavra “fetiche” para se referir às práticas *kinky* dos participantes ocorreu como referência à própria narrativa inicialmente enunciada por eles.

Um dos componentes das práticas BDSM, SM ou S/M trata-se do *role playing* (MOSER; KLEINPLATZ, 2006), ou seja, a interpretação de papéis. Como características presentes na definição do *kink*, a troca de poder e a encenação de troca de poder implicam o estabelecimento de papéis que representarão, por sua vez, a alternância entre dominância e submissão.

Serão tratados, no Capítulo 3, dois tipos de *role playing*. O primeiro trata-se do *Age Play* e envolve a encenação relativa à idade. Os *Age Players* podem assumir o papel de um *Daddy* ou uma *Mommy*, figuras em posição de dominância, que dividem a cena com os *Littles*, que podem ser bebês, crianças ou adolescentes, em posição de submissão (TIIDENBERG;

PAASONEN, 2019). O participante da pesquisa que se engaja no *Age Play* também pertence à comunidade ABDL. O acrônimo deve ser lido em pares: as letras AB significam “*Adult Babies*”, ou seja, bebês adultos, o que inclui comportamentos como usar fraldas, chupeta e mamadeira, engatinhar e desejar ser um bebê; e as letras DL significam “*Diaper Lover*”, um amante de fraldas, o que inclui usar fraldas de forma voluntária (HILLEREN, 2018; HAWKINSON; ZAMBONI, 2014).

O segundo trata-se do *Kitten Play*, uma subseção do *Pet Play*, o qual representa a encenação relativa a pets, como cachorros e gatos. O *Kitten Play* envolve a performance de um gatinho, o qual é submisso e possui características como ser brincalhão e mimado. Os gatinhos, submissos, representam seus papéis ao lado dos seus donos, em posição dominante, que devem treiná-los e cuidar deles (AYLI, 2018).

Nesse sentido, tendo em vista a marginalização das práticas sexuais consideradas não convencionais, o despreparo escolar ao lidar com a sexualidade (BISPO, 2017, ALMEIDA *et al.*, 2011) e a dificuldade de diálogo no âmbito familiar (HEILBORN, 2012; RESSEL *et al.*, 2011), as mídias surgem preenchendo esses espaços nas discussões sobre sexo, sexualidade e gênero (BISPO, 2017), passando também a afetar os discursos dos outros meios: família e escola (DINIS; ASINELLI-LUZ, 2007).

1.4 As sexualidades a partir das redes sociais virtuais

A despeito das possibilidades de desenvolvimento proporcionadas pelo advento de uma sociedade digital, com tecnologias facilitadoras da comunicação, acesso à informação e entretenimento, surgiram paralelamente preocupações relacionadas ao seu uso, principalmente entre o público jovem. Shah *et al.* (2019) a partir de uma pesquisa do *Pew Research Center*, apontam que 91% dos adolescentes da amostra usam mídias sociais para manter contato com colegas, dos quais 94% usam as mídias sociais diariamente, refletindo o impacto da tecnologia na vida desses sujeitos e levando à inquietação em relação às consequências negativas e riscos do uso das mídias e redes sociais.

Os riscos são definidos por Machimbarrena *et al.* (2018, p. 2, tradução nossa) como “um conjunto de problemas psicossociais característicos da *internet*, iniciados e mantidos em um contexto *on-line* que possui relacionamento mútuo e bidirecional com a realidade *off-line* do indivíduo”. O contexto *on-line* também serve de espaço de desenvolvimento da identidade (MACHIMBARRENA *et al.*, 2018; SHAH *et al.*, 2019) e da sexualidade dos jovens

(MACHIMBARRENA *et al.*, 2018), deparando-os com desafios relativos à intimidade, sexualidade, comportamento agressivo e uso problemático.

Nesse cenário, surge uma prática comum entre os jovens, denominada “*sexting*”, que consiste em “compartilhar fotos nuas, sexualmente explícitas ou sugestivas por meio de plataformas de texto ou de mídia social” (FRANKEL *et al.*, 2018, p. 190, tradução nossa). A atividade de *sexting* tem sido associada a outros riscos *on-line*, como a vitimização por *cyberbullying*, o aliciamento sexual *on-line* de menores, o abuso virtual de namoro e o uso problemático da *internet*. O *sexting* é um comportamento que tende a se repetir continuamente ao longo do tempo entre os adolescentes que o praticam e sendo o grupo mais vulnerável à sua utilização os adolescentes mais velhos (MACHIMBARRENA *et al.*, 2018; VAN OUYTSEL *et al.*, 2019).

Essa atividade pode se dar de forma associada a uma série de outros riscos e tem conexão com a saúde mental. Verifica-se isso no estudo de Frankel *et al.* (2018), no qual a ocorrência prática de *sexting* consensual foi mais provável em jovens que relataram sintomas depressivos, *bullying* eletrônico, tentativas de suicídio e uso de tabaco e álcool, por exemplo.

Outro comportamento de risco associado à atividade sexual *on-line* do jovem é o consumo de pornografia. Shah *et al.* (2019), ao realizarem uma revisão acerca das implicações psicossociais para os adolescentes decorrentes do uso de novas tecnologias, encontraram diversos estudos apontando para os impactos negativos da pornografia. Eles incluem: prejuízos no desenvolvimento psicológico do adolescente, internalização de expectativas acerca do corpo fora da realidade, comportamentos sexuais de risco (múltiplos parceiros sexuais, prática de sexo anal, uso de álcool e drogas durante o último encontro sexual) e maior chance de comportamento sexualmente agressivo com a exposição à pornografia violenta.

Embora exista uma perspectiva na qual a percepção da sexualidade no contexto digital esteja centrada na ideia de risco, perigo e consequências indesejadas, outros estudos redirecionam a mirada da sexualidade pelas lentes de autonomia e diversidade.

A reconceitualização das atividades sexuais *on-line* dos jovens proposta por Naezer (2018) considera-as não como comportamentos de risco, mas como aventuras: “atividades com resultados incertos que podem levar a resultados negativos, mas também a resultados positivos, ou a ambos” (NAEZER, 2018, p. 725, tradução nossa). Essa compreensão implica o entendimento de que atividades sexuais arriscadas não levam necessariamente a resultados desagradáveis, pois envolvem as diferentes interseções que podem resultar dos pares: agradável *versus* desagradável, e arriscado *versus* seguro (NAEZER, 2018).

Assim como essas variações, as definições de risco e prazer também não são estáveis, pois têm um caráter subjetivo e dinâmico: baseiam-se no julgamento pessoal da situação entrelaçado a normas sociais histórica e culturalmente específicas. Além disso, o risco tem um potencial construtivo que pode contribuir para o empoderamento dos jovens e ser parte do prazer. Esse caráter traz como consequência a necessidade de investigar de forma aprofundada e específica o que constitui risco, ao invés de se assumir uma ideia *a priori* (NAEZER, 2018). Essa visão positiva é corroborada por Wignall (2017), que compreende o sexo como uma atividade de lazer. A partir dessa perspectiva ele acredita ser possível enxergar os riscos ao lado dos prazeres de uma atividade.

No entanto, é fundamental pensar nos aspectos sociais atrelados à avaliação dos riscos de uma atividade, como enviar uma foto sensual para alguém. As estruturas sociais existentes afetam essas noções nos jovens, levando-os, por exemplo, ao receio de que suas práticas, atividades ou desejos sexuais sejam descobertas por outrem. Isso conduziria à exclusão, violência ou estigmatização, bastante ligados a questão de gênero, e ilustrados por meio de estigmas sexistas, como “vagabunda”, para aquelas que têm o conteúdo que enviaram espalhado por quem o recebeu. Nesse sentido, Naezer (2018) alerta para os perigos da dicotomização entre o que seria idealmente o sexo seguro e o sexo perigoso, pois pode ignorar potenciais riscos contidos na dita prática sexual “segura”, ao mesmo tempo em que estigmatiza outras práticas, como o sadomasoquismo. Dessa forma, torna-se fundamental pensar nas multiplicidades existentes nas práticas sexuais dos jovens, bem como suas contradições, ouvindo-se as vozes desses sujeitos (NAEZER, 2018).

De forma similar, De Ridder (2019) traz o debate acerca das práticas sexuais *on-line* por meio do *sexting* e pela autorepresentação sexual virtual dos jovens, enfatizando a expressão destes. O discurso social que muitas vezes domina os espaços pelos quais esses jovens transitam carrega consigo um pânico moral acerca dos riscos e perigos provocados pelo *sexting* e expressão sexual *on-line*. Assim, questões relativas à sexualidade e ética nos contextos digitais, bem como o protagonismo jovem em relação à sua própria sexualidade acabam sendo substituídas (DE RIDDER, 2019).

De Ridder (2019) corrobora a ideia de Naezer (2018) em relação à influência dos valores sociais no mundo virtual dos jovens. Mídia, escola, família, através de seus discursos, são meios pelos quais os jovens aprendem o estigma relativo ao *sexting* nas diversas interações. Para o autor, essas instituições referidas não questionam o estigma em si, mas ensinam os jovens a reduzir os seus símbolos. Nesse sentido, para os jovens do estudo, o *sexting* é visto como um estigma: quem o pratica é considerado desviante, vítima, alguém que deveria se envergonhar.

Uma forma de reduzir o símbolo de estigma seria, por exemplo, fazer-se irreconhecível nas fotos sensuais enviadas. Assim, com seus discursos moldados por uma ideologia, a naturalização da vitimização, do desvio e da vergonha como consequências à autorrepresentação sexual *on-line*, contribui para uma atitude negativa e intolerante em face às diferenças e à utilização das mídias digitais para expressão da sexualidade (DE RIDDER, 2019).

Assim como nos trabalhos de De Ridder (2019) e Colosi; Lister (2019), utilizaremos o conceito de estigma como tratado por Goffman (1963). Para o autor, diante das expectativas criadas socialmente com relação a quais atributos são ou não considerados normais e naturais, fazemos exigências sobre como o outro deveria se apresentar e quais exigências deveria preencher. Assim, o indivíduo que possui atributos e características que confrontam as expectativas de normalidade culturalmente definidas dentro de um grupo é considerado “[...] uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca”, reduzido a alguém “estragado e diminuído”, desacreditado, que deixa de ser “considerado uma criatura comum e total” (GOFFMAN, 1963, p. 4).

A autorrepresentação sexual nas mídias digitais está associada ao *sexting*, envio de conteúdo sexual, e ao flerte, por meio delas. O paradoxo descrito pelo autor relativo à autorrepresentação sexual nas culturas digitais juvenis se refere às “oportunidades que a mídia digital cria para a comunicação sexual, enquanto rotula esse comportamento como desviante” (DE RIDDER, 2019, p. 575, tradução nossa). Assim, o autor ressalta a importância de levar em consideração as vozes dos jovens e situá-las em seus contextos socioculturais ao mesmo tempo em que reconhece a utilização dos espaços das mídias pelos jovens para fazer sentido de aspectos da sua vida íntima e sexual.

Além desses usos, destaca-se também a utilização da *internet* pelos jovens para paquerar, namorar e agendar encontros sexuais por meio de *sites* de namoro e de redes sociais. Apesar de muitos *sites* terem restrição de uso de menores, esse fator não é um impeditivo de uso, seja para iniciar relações românticas ou para fazer novos amigos (LYKENS *et al.*, 2019).

Especialmente para as identidades sexuais e de gênero dissidentes, a *internet* assume um espaço de maior protagonismo. Em razão do recebimento inadequado de informações de educação em sexualidade, jovens pertencentes a minorias sexuais utilizam a *internet* como instrumento para busca de orientações sexuais, práticas de sexo seguro, identidades sexuais, e outros assuntos relacionados (HOBICA; KWON, 2018).

Com o advento do computador, da *internet* e a diversificação do uso da informática, as redes sociais virtuais apontam como forma representativa de comunicação interpessoal da pós-

modernidade. No contexto de um mundo globalizado, as redes sociais representam territórios de fluxos constantes, trocas de informação e ideias, além de se configurarem como espaços de subjetividade, ou seja, os indivíduos se transformam, se representam, se reinventam como querem ser vistos e de acordo com as expectativas dos outros sujeitos com quem socializam (MIRANDA, 2012).

As redes sociais podem ser definidas como

Serviços baseados na web que permitem que indivíduos (1) construam um perfil público ou semi-público dentro de um sistema limitado, (2) articulem uma lista de outros usuários com quem compartilham uma conexão e (3) visualizem e percorram sua lista de conexões e aquelas feitas por outras pessoas dentro do sistema. A natureza e a nomenclatura dessas conexões podem variar de site para site. (boyd⁴; ELLISON, 2007, p. 211, tradução nossa).

Rompendo as barreiras da distância, esses serviços permitem a interação síncrona, a troca de informações, e possibilitam tanto a manutenção de relacionamentos existentes no mundo *off-line*, como a criação outros laços por meio de novas conexões.

Especificamente para os jovens, as redes sociais tornaram-se um espaço para socialização com seus pares, assim como os usuais *shopping centers* e jogos de futebol. Ser socialmente aceito significa estar nesses espaços considerados “legais”, aos quais podemos incluir o *Facebook*, o *Instagram* ou a rede social em voga, “legal” em determinado tempo em uma sociedade. Adicionalmente, identidades diferentes entram em cena a depender das práticas tidas como adequadas para aquela rede e da audiência que ela mobiliza, permitindo autorrepresentações diferenciadas (boyd, 2014).

Colosi; Lister (2019) identificaram que os praticantes de *kink* estão sujeitos e conscientes da estigmatização decorrente das suas práticas e identidades fetichistas, o que impacta seu comportamento *on-line* nas redes sociais. Nas redes sociais convencionais, como o *Facebook*, eles enfrentam dificuldades de se expressar abertamente, já que lá sexualidades e práticas sexuais não normativas parecem menos toleradas e mais controladas por meios de métodos de policiamento formais e informais. O controle formal ocorre por meio das “Diretrizes da Comunidade” da rede social, que através das suas políticas sexuais restringe o conteúdo passível de publicação. Com isso, até mesmo redes sociais alternativas, como o *Tumblr*, estão sujeitas a restrições. Por sua vez, o controle informal é o exercido pelos próprios usuários da rede e direcionados aqueles com sexualidades não normativas, por meio de desaprovação (COLOSI; LISTER, 2019).

⁴A autora pede que seu nome seja escrito em letras minúsculas.

Dessa maneira, os indivíduos empregam estratégias de gerenciamento do estigma, que envolvem: o uso de uma rede social alternativa como o *Fetlife*, como forma de criar uma comunidade com suas próprias normas e valores; o cuidado para quem são divulgadas as práticas e identidade *kinky*, ocultando-as em determinados ambientes e exercendo uma separação entre a vida *kinky* e a vida regular. Assim, é necessário repensar as políticas das redes sociais para torná-las inclusivas a todas as identidades sexuais, pois o policiamento das sexualidades e o gerenciamento do estigma podem acentuar ainda mais a segregação e a estigmatização das práticas sexuais *kinky*, marginalizando-as em espaços virtuais alternativos. (COLOSI; LISTER, 2019).

Wignall (2017) focaliza a possibilidade de uso sócio-sexual das redes sociais por minorias sexuais para desenvolver uma comunidade e interagir. No seu estudo, a rede social convencional *Twitter* é utilizada por uma subcultura sexual, o *Pup Play*, promovendo um espaço “relativamente livre de estigma”, com ênfase no pertencimento e identificação *kinky*. A utilização das redes sociais favoreceria assim o desenvolvimento *on-line* e *off-line* da subcultura sexual ao permitir encontrar outras pessoas com interesses semelhantes e manter as relações de fora do meio virtual no ambiente *on-line* (WIGNALL, 2017).

A motivação do uso do *Twitter* por essa subcultura estava relacionada a características que também podem ser encontradas em outras plataformas: flexibilidade nos níveis de privacidade da plataforma; possibilidade do uso de pseudônimos; capacidade de procurar e seguir facilmente seus pares; chance de alternar perfis de modo simples, permitindo a separação entre diferentes aspectos da “identidade *on-line*”; e a comunicação síncrona e assíncrona oportunizada. O autor estabelece uma comparação do *Twitter* com espaços sociais usados anteriormente na história para o encontro de pessoas com identidade *kinky*. Assim como eles, a rede social permite o desenvolvimento de uma comunidade por meio das interações comunicativas, o compartilhamento de identidades e oferecimento de suporte entres os indivíduos (WIGNALL, 2017).

Desse modo, percebe-se o uso sexual de uma rede social convencional, o *Twitter*, levando-nos a considerar como isso pode ocorrer também em outras redes, como o *Instagram*.

1.5 A subjetividade na perspectiva cultural-histórica de González Rey

Guiando-se à definição ontológica de uma nova qualidade dos processos humanos, autogeradora, implicada e constituída historicamente na cultura pela integração de processos

simbólicos e emocionais e na indissociabilidade entre social e individual, González Rey avança nos caminhos percorridos por Lewin, Vygotsky e Bozhovich.

Antes de adentrar na discussão sobre a Teoria da Subjetividade propriamente dita, é interessante destacar as contribuições de Lev Vygotsky para a construção dessa teoria. Ainda que haja uma leitura crítica de González Rey em relação à perspectiva cultural-histórica vigotskiana, é inegável que a base deixada pelo pesquisador russo serviu às produções para a Teoria da Subjetividade.

Vygotsky foi um teórico que utilizou dos fundamentos marxistas para construção de uma psicologia que superasse as dicotomias presente nas teorias anteriores à dele (Psicanálise, Behaviorismo, Gestalt) através de uma leitura da realidade a partir do método do materialismo histórico-dialético (SANTA; BARONI, 2014). Nesse sentido, as cisões presentes nas psicologias daquela época: interno/externo, subjetivo/objetivo, individual/social, entre outras, são analisadas pelo autor como elementos indissociáveis e que se relacionam dialeticamente.

Essa reflexão nos leva à compreensão de que o autor analisa o sujeito a partir de sua realidade sócio-cultural, compreendendo-o pela noção de complexidade. Para Vygotsky (2009), o desenvolvimento humano, ao ser analisado sob a ótica da dialética entre indivíduo/sociedade, ocorre a partir da apropriação da realidade cultural (constituída ao longo da história) e da participação ativa do sujeito na produção dessa, ou seja, é na medida em que o indivíduo se insere na cultura a qual pertence que a modifica e desenvolve recursos para modificar a si mesmo e se tornar humano.

De acordo com Vygotsky (2009), esse processo de gênese da humanização, dado pela apropriação da realidade histórico-cultural, não se dá de maneira direta, mas mediado por signos que, segundo o próprio autor, conferem ao psiquismo uma operação qualitativamente superior aos demais seres que não detém esse recurso. O principal elemento mediador estudado por Vygotsky foi a relação entre pensamento e linguagem, os quais se relacionam dialeticamente para o autor. Essa relação seria, então, o elemento chave para a compreensão de como o sujeito internaliza a realidade cultural, apreendendo os significados sociais, e ao mesmo tempo dá particularidades a ela, produzindo o que Vygotsky (1934) *apud* BARROS *et al.* (2009) chama de sentido. Portanto é através da mediação da linguagem/pensamento que o sujeito internaliza o mundo social e ao mesmo tempo o converte em psicológico (AGUIAR *et al.*, 2009).

González Rey, por meio da sua TS, inaugura assim um novo domínio capaz de “explicar o indivíduo e o social por meio de uma qualidade compartilhada que resulta da gênese histórica, social e histórica da mente humana e do funcionamento social” (GONZÁLEZ REY, 2019, p. 27-28, tradução nossa), desenvolvendo uma Teoria da Subjetividade de base cultural-histórica.

A subjetividade é então concebida pelo autor como

[...] um sistema simbólico-emocional orientado à criação de uma realidade peculiarmente humana, a cultura, da qual a própria subjetividade é condição de seu desenvolvimento e dentro da qual tem a sua própria gênese, socialmente institucionalizada e historicamente situada. (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017, p. 27).

A organização da subjetividade humana ocorre a partir das categorias sentidos subjetivos, configurações subjetivas, sujeito, subjetividade individual e subjetividade social, que se constituem mutuamente em um sistema configuracional, ou seja, um sistema recursivo em fluxo e em movimento (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). A relação do sujeito com o mundo ocorre pela articulação entre emoções e processos simbólicos, que constituem unidades qualitativas dinâmicas chamadas sentidos subjetivos. O sentido subjetivo se afasta da relação imediata sentido-palavra, diferenciando-se da categoria sentido em Vygotsky, além de enfatizar a relação do simbólico com o emocional e não apenas entre intelectual e afetivo (GONZÁLEZ REY, 2007a).

Desse modo, os sentidos subjetivos representam a unidade básica de estudo da subjetividade e podem ser definidos como: “unidades simbólico-emocionais que expressam a maneira pela qual uma pessoa experimenta várias esferas da vida” (GONZÁLEZ REY; MONCAYO QUEVEDO, 2019, p. 134, tradução nossa).

A partir desses sentidos emergem configurações subjetivas: autorreguladoras e autogeradoras, elas organizam o “fluxo caótico” de sentidos subjetivos. Podem ser definidas como: “[...] uma formação autogeradora, que surge do fluxo diverso dos sentidos subjetivos, produzindo, de seu caráter gerador, grupos convergentes de sentidos subjetivos que se expressam nos estados subjetivos mais estáveis dos indivíduos no curso de uma experiência” (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017, p. 63).

A subjetividade social e a individual são níveis que integram a subjetividade e se constituem mutuamente, de forma que “os sentidos subjetivos de cada um desses níveis não se relacionam como se fossem externos entre si, [...] cada nível está intrinsecamente organizado no outro, na especificidade de sua produção singular de sentidos subjetivos” (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017, p. 64). O conceito de subjetividade social exprime a integração de configurações subjetivas das diversas instâncias sociais de experiência do sujeito:

A subjetividade social permite explicar como a sociedade, em seus diversos níveis, instituições e processos, se configura recursivamente em todas essas instâncias diversas, tornando-os espaços sociais vivos, contraditórios e heterogêneos, além de

ser configurada em indivíduos cujas posições e comportamentos ativos são constituinte dos diferentes caminhos adotados para todas as instâncias sociais em seu desenvolvimento. (GONZÁLEZ REY, 2019, p. 29, tradução nossa).

Como evidenciado, a subjetividade social não pressupõe uma mera internalização ou imposição de processos sociais, discursos, valores, crenças e demais produções simbólico-sociais. Como afirma Mitjáns Martínez (2020), tampouco representa a soma das configurações subjetivas individuais. Como parte constituinte e constituída da subjetividade individual, ela é singularizada pelos indivíduos, de modo que “a ação do sujeito repercute nos sentidos das configuração subjetivo-social constitutiva do espaço em que se produz a ação, assim como nas configurações de subjetividade individual comprometidas com o sentido da ação” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 220).

Enquanto a categoria agente configura o indivíduo ativo, que se posiciona nas atividades do curso das suas experiências, a categoria sujeito representa o indivíduo capaz de abrir “[...] uma via própria de subjetivação, que transcende o espaço social normativo dentro do qual suas experiências acontecem, exercendo opções criativas no decorrer delas, que podem ou não se expressar na ação” (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017, p. 73). A emergência do sujeito configura um processo de desenvolvimento subjetivo, no qual produções subjetivas se reorganizam pela vivência de tensionamentos e pelos recursos subjetivos mobilizados (ROSSATO, 2020).

Dialogando sobre o valor integrativo da categoria subjetividade social para significar e considerar as diversas dimensões sociais de um fenômeno, González Rey (2005) aponta

A sexualidade, no entanto, apresenta uma configuração complexa de sentidos que se produz de formas diferenciadas de sujeito para sujeito e de sociedade em sociedade [...]. A sexualidade é um sentido subjetivo, produzido na relação complexa entre as diversas formas de constituição subjetiva, individuais e sociais, e os cenários atuais dentro dos quais esses sujeitos atuam, que são geradores de sentidos dentro da diversidade de práticas que os caracterizam.

A sexualidade como configuração de sentido integra sentidos socialmente produzidos que, de forma direta ou indireta, se relacionam com ela, e que, portanto, atuam como sentidos de sua configuração subjetiva, assim como por outro conjunto de sentidos derivados de registros emocionais de experiências anteriores que não aparecem significados nem pelo sujeito nem pelo espaço social em que vive, resultado de experiências singulares com registros emocionais específicos. (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 217).

Esse trecho evidencia como os elementos da subjetividade social se manifestam na configuração da sexualidade e como o estudo da subjetividade é indireto: as construções do pesquisador não representam uma totalidade, mas permitem gerar inteligibilidade sobre o

fenômeno da sexualidade por meio de construções parciais das expressões e emocionalidades do participante.

A sexualidade, nesse sentido, é uma produção subjetiva que se organiza nos níveis individual e social: na trajetória singular e nos espaços sociais onde atua o indivíduo. Assim,

Partindo dessa representação da sexualidade inserida na vida cotidiana, dentro de sistemas de práticas, discursos e conhecimentos, nossa proposta enfatiza o caráter subjetivo dos processos através dos quais a sexualidade aparece por meio de muitas configurações subjetivas diferentes. Essa definição implica considerar que sexualidade e gênero nunca podem ser reduzidos a sistemas normativos padronizados. (GONZÁLEZ REY; MONCAYO QUEVEDO, 2019, p. 136, tradução nossa).

Com essa afirmação, os autores ressaltam como a configuração subjetiva da sexualidade integra sentidos subjetivos provenientes de espaços sociais, experiências e momentos distintos da vida, de modo que a educação em sexualidade no âmbito escolar deve favorecer o diálogo e a expressão de si.

Afastando-se então da dicotomia interno-externo, a sexualidade enquanto produção subjetiva tem caráter singular que integra individual e social como elementos indissociáveis. Assim, as configurações subjetivas da sexualidade serão a integração dos sentidos subjetivos construídos a partir dos diferentes espaços pelos quais o sujeito transitou e transita, das experiências vividas, das realidades simbólico-sociais (GONZÁLEZ REY, 2005; MONCAYO QUEVEDO, 2017).

Essa noção também situa a sexualidade compreendida dentro da TS de González Rey, diferenciando-a de outras perspectivas sobre o tema:

O autor destaca que a sexualidade não é explicada apenas nos primeiros momentos da vida, como tem sido defendido pela psicanálise freudiana, mas dá importância a todo o desenvolvimento humano do indivíduo, ou seja, González Rey não se prende apenas à importância da infância e à relação com os pais para a configuração do sexual, mas também resgata as diferentes áreas da vida através da trajetória do indivíduo (MONCAYO QUEVEDO, 2017, p. 43, tradução nossa).

Nessa citação, Moncayo Quevedo (2017) se refere ao entendimento psicanalítico quanto às fases do desenvolvimento psicosexual, as quais compreendem as experiências infantis como determinantes para a organização da sexualidade. Essas ideias se opõem à perspectiva de González Rey na medida em que esta não considera a sexualidade de maneira apriorística e linear. Como produção subjetiva humana, a sexualidade expressa a relação do indivíduo com o social e com a cultura em todo o seu processo de desenvolvimento.

O estudo da sexualidade humana por essas lentes valoriza a singularidade como produção do conhecimento trazendo inteligibilidade ao diverso e possibilitando sua emergência

no sexual. Afasta-se de uma ideia estritamente biológica ou social, bem como da noção da existência de uma essência sexual, para considerar a sexualidade inserida em todo o processo de desenvolvimento humano (MONCAYO QUEVEDO, 2017).

A proposta teórica da subjetividade é indissociável da Epistemologia Qualitativa de González Rey e do Método Construtivo-Interpretativo, que serão evidenciados na seção seguinte.

CAPÍTULO 2 – BASES EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS

Neste capítulo serão apresentadas a Epistemologia Qualitativa, perspectiva desenvolvida por González Rey, junto à Metodologia Construtivo-interpretativa, que integram o tripé formulado pelo autor ao lado da TS. Em seguida, serão situados os participantes e o “local” de pesquisa e apontaremos as considerações éticas necessárias ao trabalho. Por fim, explicitaremos os caminhos para construção da informação, discorrendo sobre os instrumentos utilizados e sobre o processo de elaboração de um modelo hipotético, dentro da lógica configuracional, a fim de agregar capacidade explicativa ao fenômeno estudado.

2.1 Epistemologia Qualitativa e Metodologia Construtivo-Interpretativa

Para a consecução dos objetivos propostos, a pesquisa se baseou na Metodologia Construtivo-interpretativa de González Rey, dentro da qual os conceitos da Teoria da Subjetividade ganham sentido. Indissociável da TS e da Metodologia Construtivo-interpretativa, a Epistemologia Qualitativa corresponde à perspectiva epistemológica inaugurada pelo autor em 1997 e continuamente desenvolvida e retrabalhada ao longo de sua obra.

González Rey criticava o modelo de ciência dominante, excessivamente instrumentalista e empirista e que ignorava as características singulares do sujeito. Outros pontos de crítica envolvem, dentro da psicologia hegemônica do último século, a importação de modelos de pesquisa que não se preocupavam em avançar metodológica e teoricamente dentro do campo, levando à separação entre teoria, pesquisa e prática; à dissociação do momento empírico e da interpretação dos resultados; e à mera aplicação das teorias sem a sua compreensão enquanto sistemas de inteligibilidade (GONZÁLEZ REY, 2020).

A partir da Epistemologia Qualitativa, o autor então oferece as bases epistemológicas para os conceitos da TS, dentro das quais o processo de construção do conhecimento representa uma produção teórica e criativa do pesquisador. Sobre os pressupostos epistemológicos associados à Teoria da Subjetividade, González Rey diz

[...] (1) conceitos não são equivalentes à realidade; eles fazem parte de modelos teóricos através dos quais os fenômenos subjetivos se tornam sujeitos do conhecimento. (2) Os conceitos reunidos nesta proposta teórica nunca se esgotam na pesquisa científica. Esses conceitos são apenas peças de inteligibilidade para avançar na representação teórica de questões que permanecem ignoradas por outras teorias. (GONZÁLEZ REY, 2019, p. 23, tradução nossa).

A Epistemologia Qualitativa se guia por três princípios, os quais enfatizam o singular, a construção e a criatividade, e o diálogo. O primeiro princípio revela o conhecimento como produção construtivo-interpretativa. Nesse modelo, o conhecimento não se dá por uma apreensão linear no momento empírico, mas é uma produção que ocorre no curso da pesquisa, na associação entre a informação gerada pelo outro, na forma da sua fala, modo de expressar, posicionar, na sua emocionalidade e posturas articulados às construções teóricas do pesquisador. O caráter interpretativo da pesquisa se manifesta nos significados graduais que vão sendo construídos pelo pesquisador a partir da expressão do sujeito, em um processo que se orienta à construção teórica do problema estudado, por meio da formulação de um modelo hipotético (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017).

O segundo princípio expressa o caráter interativo da produção do conhecimento, no qual a dialogicidade tem valor fundamental, pois possibilita a emergência da subjetividade do participante, sendo fundamental para a qualidade da produção. Esse processo comunicativo que acompanha toda a pesquisa se define como um espaço social que mobiliza pesquisador e participante, rompendo com a ideia de neutralidade, pois é imprevisível: essa implicação subjetiva dos envolvidos gera tensionamentos, provoca rupturas e caminha ao lado das opções criativas para as quais o pesquisador se orienta. Nesse sentido, um elemento que merece destaque se refere ao cenário social da pesquisa, no qual se inserem os sistemas de relações que propiciam o diálogo e o envolvimento dos participantes. (GONZÁLEZ REY, 2011; GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017; MITJÁNS MARTÍNEZ *et al.*, 2020).

O terceiro princípio da Epistemologia Qualitativa consiste na legitimação do singular enquanto produção do conhecimento (GONZÁLEZ REY, 2005; GONZÁLEZ REY, 2011). Assim, a expressão individual do sujeito permite ao pesquisador avançar em novos significados no desenvolvimento do modelo teórico e abertura de novos caminhos na pesquisa. Nesse sentido, o estudo de caso aparece como procedimento geral da pesquisa qualitativa: na análise e produção das informações, por meio do estudo de caso, social e individual se integram como “momento essencial para a produção de conhecimento sobre ambos os níveis de constituição da subjetividade” (GONZÁLEZ REY, 2011, p. 158). No entanto, cabe destacar que o valor da singularidade não equivale a unicidade, pois se apresenta na capacidade explicativa que ganha o fenômeno estudado, e que vai além do caso específico ou do que esse caso pode ter em comum com outros casos similares (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017; MITJÁNS MARTÍNEZ *et al.*, 2020).

A partir desse modelo, a generalização baseada no estudo de caso está ligada à qualidade da construção teórica. Isso significa que

Cada caso é único e a informação torna-se relevante e pode ser generalizada a outros casos não porque os resultados obtidos sejam estendidos a outras situações ou sujeitos pretensamente semelhantes, ou comparados a eles, mas porque essa abordagem nos permite apreender o processo, as determinações constitutivas. Assim, a generalização se define pela capacidade explicativa alcançada sobre uma diversidade de fenômenos. Dá-se, portanto, pela capacidade de desvelamento das mediações constitutivas do fenômeno pesquisado, contribuindo qualitativamente no curso da produção teórica. (AGUIAR, 2015, p. 169-170).

Nessa perspectiva, o estudo da subjetividade ocorre a partir de conceitos teóricos alicerçados em uma definição epistemológica, que obterão sentido na utilização de uma Metodologia Construtivo-interpretativa, por meio da qual os fenômenos estudados ganham capacidade explicativa e permitem a construção de modelos teóricos compreensivos. A percepção da pesquisa como uma construção teórica exige a articulação dos conceitos que não estão dados *a priori*, mas ganham sentido no curso da pesquisa, como recursos de inteligibilidade.

A partir das concepções inicialmente apontadas, serão apresentados em seguida os sujeitos participantes e o desenho de pesquisa a ser utilizado.

2.2 Participantes

Dada a necessidade de consentimento dos pais para os jovens menores de 18 anos, e o fato de que seus interesses e identidades sexuais podem não ser explícitos à família, o estudo teve como critério a busca por jovens brasileiros, de 18 a 29 anos, que possuem um perfil na rede social *Instagram* associado à sua identidade e/ou práticas *kinky*. Apesar de se utilizar a faixa etária como critério, entende-se a necessidade de relativização de marcos etários para a juventude, considerando-se as diversas realidades e trajetórias juvenis (ABRAMO, 2008).

Inicialmente, precedendo a seleção dos participantes, foi criado um perfil na rede social dedicado à realização da pesquisa. Utilizei meu próprio nome e foto, e na descrição, a exemplo do trabalho de Wignall (2018), escrevi: “Pesquisadora conduzindo entrevistas com jovens interessados em *kink*. Fique à vontade para bater um papo e obter mais informações :)”. A partir desse momento, comecei a seguir perfis públicos que tratavam da temática *kinky* e BDSM. Apesar de não ter realizado nenhuma publicação no perfil, ganhei alguns “seguidores” voluntários nesse processo, a maioria perfis *kinky*.

Procedendo-se à seleção, foi realizada uma amostragem intencional a partir de buscas no *Instagram* com *hashtags* como: #kinkplay; #kinkbdsm; #kinkbrasil; #kinkylifestyle. As *hashtags* nos direcionaram para perfis abertos, os quais eram avaliados para verificar aqueles usuários que atendiam aos critérios supramencionados. A partir desses perfis, a lista de seguidores também foi analisada. Em seguida, foi enviada uma mensagem direta (*direct message*) pela plataforma, na qual a autora se apresentava e falava em resumo da pesquisa.

Como previsto, o processo de seleção dos participantes foi de tentativa e erro, pois a grande maioria dos perfis desse gênero não apresentam informações pessoais em sua descrição, nome ou foto que permita identificação, o que tornou a busca mais difícil. Pelo contrário, como aponta Wignall (2017), são comumente utilizados pseudônimos e as contas são privadas, o que significa que para visualizar o conteúdo postado é necessário pedir permissão para seguir o usuário, o que exigiu atenção, por parte da pesquisadora, às informações divulgadas, como foto de perfil e descrição (biografia).

Essa característica vai ao encontro da separação dos usos do *Instagram* elencada por Kang; Wei (2020). De acordo com os autores, os usuários podem escolher se apresentar de duas maneiras ao criarem suas contas: a primeira, conhecida como “Rinsta”, representa a conta real, que costuma enaltecer o estilo de vida “sem defeitos” que a rede evidencia. Já o segundo, “Finsta”, representa uma conta falsa, ou “fake”, na qual os usuários se expressam de forma mais diversa e aberta, mostrando defeitos e imperfeições, sendo também utilizado para esconder comportamentos sexuais (PATTERSON, 2016). Dessa forma, acredita-se na possibilidade de que muitos dos jovens usuários do *Instagram* que possuem interesses *kinky*, possam ter contas do tipo “Finsta”, dificultando sua identificação imediata. Desse modo, foi necessário comunicar-se com um número maior de perfis até ser possível identificar um usuário com as características buscadas.

A técnica de busca utilizada consistiu em realizar um recrutamento *on-line* ativo, por meio do qual o pesquisador interage com indivíduos específicos com o objetivo de que eles participem da pesquisa, baseado em informações sobre as características necessárias para essa participação (GELINAS *et al.*, 2017).

Cabe se atentar aos princípios éticos necessários. Os mesmos autores apontam dois princípios éticos gerais que devem ser considerados no recrutamento de participantes por meio das mídias sociais *on-line*: o respeito pela privacidade e outros interesses, e a transparência. Isso envolve responsabilidade com as informações pessoais dos participantes, ainda que elas estejam publicamente disponíveis, com o cuidado para que não sejam compartilhadas sem o consentimento, e que também não haja uma aproximação que possa constranger ou estigmatizar

os potenciais participantes. Em relação à transparência, os autores enfatizam que o pesquisador deve ser claro e honesto na apresentação dos objetivos, detalhes, benefícios e riscos da pesquisa, e evitar fabricar identidades *on-line* para inserção em uma comunidade, buscando, ao invés disso, meios alternativos, como permissão explícita (GELINAS *et al.*, 2017).

O Quadro 1 sintetiza alguns dados referentes aos participantes da pesquisa:

Quadro 1 - Dados dos participantes da pesquisa

Nome	Idade	Local	Gênero	Orientação Sexual
Caio	26	Centro-Oeste	Homem cisgênero	Heterossexual
Débora	23	Sudeste	Mulher cisgênero	Bissexual

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Caio foi o primeiro participante identificado. Encontrei seu perfil a partir da lista de seguidores de um outro perfil aberto, o qual tentei contactar, mas não tive retorno. No momento de identificação do perfil de Caio, sua biografia apresentava o seguinte texto:

 +18
 (Cidade omitida)
 ABDL / Ageplay / BDSM
 26yo, 2 aninhos como baby
 Procuro uma Mommy para trocar minhas fraldas, me dar amor e carinho 

A fim de amenizar as dificuldades relatadas quanto à seleção dos participantes, optou-se por utilizar a amostragem em bola de neve, após a identificação inicial. Segundo Vinuto (2014), a amostragem em bola de neve se desenvolve a partir de cadeias de referência, possibilitando estudar grupos de difícil acesso, como aqueles estigmatizados. Essa técnica busca tirar proveito das redes sociais dos sujeitos participantes para alcançar contatos potenciais: a partir de informantes-chave são identificadas outras pessoas dentro do perfil desejado que indicam outros contatos de forma sucessiva, fazendo crescer o quadro de amostragem (VINUTO, 2014).

Desse modo, a segunda participante da pesquisa foi uma indicação de Caio. Como ele já havia relatado, durante nosso contato, que conhecia pessoas que se engajavam no *Pet Play*, perguntei se ele poderia me sugerir alguém, pedindo que solicitasse à pessoa permissão para oferecer o contato dela a mim. Por meio dessa identificação, conheci Débora. A descrição do seu perfil dizia, naquele momento:

#kinkcommunity #catgirl #pet play #bdsmplay #kittenplaycommunity
 #kittenspace #ageplay Menores de 18 não passaram 😊

Como já mencionado, foi enviada uma mensagem aos participantes com as informações da pesquisa e o convite à participação. Outras informações serão apresentadas no tópico “Considerações Éticas” e no Capítulo 3.

Retomando o princípio da legitimação do singular enquanto produção do conhecimento, cabe ressaltar que

O conhecimento científico, a partir desse ponto de vista qualitativo, não se legitima pela quantidade de sujeitos a serem estudados, mas pela qualidade da sua expressão. O número de sujeitos a serem estudados responde a um critério qualitativo, definido essencialmente pelas necessidades do processo de conhecimento que surge no curso da pesquisa. (GONZÁLEZ REY, 2011, p. 35).

Nesse sentido, o autor defende que a definição do número de participantes não atende a critérios quantitativos, mas às necessidades qualitativas do processo de produção teórica. Ademais, pela construção teórica atrelada à pesquisa qualitativa, a subjetividade e o estudo do sujeito são os elementos favorecedores das generalizações nesse modelo: “É o estudo da singularidade que nos permite acompanhar um modelo de valor heurístico para chegar a conclusões que estão além do singular e que são inexequíveis sem o estudo das diferenças que os caracterizam” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 113). Cabe reforçar, também, que a pesquisa não representa uma apreensão direta de sentidos, ou mesmo se esgota naquilo que o pesquisador é capaz de produzir: dada sua proposta de gerar inteligibilidade sobre a questão em estudo, a pesquisa “[...] nunca se expressa numa relação isomórfica com o estudado que lhe permita um reflexo acabado daquilo” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 139).

2.3 Considerações éticas

Além das questões relativas à seleção dos participantes, evidenciadas em tópico anterior, o contato e realização das atividades juntamente a eles teve início após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP), da Universidade Federal de Viçosa. Em consonância com os princípios éticos estabelecidos na Resolução nº466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (CNS/MS), e com o artigo 43 do Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, foi enviado aos participantes, por meio de formulário eletrônico, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após o contato inicial, a apresentação da pesquisadora, o esclarecimento das dúvidas, a apresentação

dos objetivos e o assentimento dos envolvidos em participar da pesquisa. Tanto na comunicação com os participantes, quanto no TCLE ressaltou-se a voluntariedade da sua participação na pesquisa e a possibilidade de desistência, caso seja sua vontade. Após a leitura do TCLE e esclarecimento de eventuais dúvidas, os participantes realizaram o preenchimento eletrônico do referido Termo e a pesquisadora, então, começou a seguir seus perfis na rede social.

2.4 Os caminhos para construção da informação

2.4.1 Entrevista

O princípio da dialogicidade destacado anteriormente implica não somente o envolvimento e o diálogo como vias para produção de informação e expressão de sentidos subjetivos, como também o estabelecimento de sistemas ou dinâmicas conversacionais no curso de toda a pesquisa, como evidenciado por Chaves (2019). Esse posicionamento rompe com a lógica de estímulo-resposta e de utilização de entrevistas como uma sequência centralizada de respostas. Assim, os sistemas conversacionais configuram um processo ativo de conversação no qual o pesquisador se desloca do lugar da pergunta para integrar, junto ao participante, as expressões que facilitarão a emergência de sentidos subjetivos (GONZÁLEZ REY, 2005) (GONZÁLEZ REY, 2005; GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017).

Dessa forma, a partir da Metodologia Construtivo-interpretativa, as dinâmicas conversacionais enfatizam o caráter relacional da comunicação com o outro. São processuais e gradativas, assim, o pesquisador deve reagir com criatividade, buscar recursos para favorecer o envolvimento e respeitar a expressão do sujeito, afinal, “é o sujeito que se situa no lugar de onde nos falará” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 46). A conversa não traz um significado a ser interpretado imediatamente nem de forma padronizada: “os trechos de informação apresentam-se inacabados, tensos, contraditórios, manifestando as mesmas características que possui a expressão pessoal autêntica em qualquer campo da vida” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 48).

Para condução das entrevistas, após o contato inicial com os participantes, foi agendado um encontro, realizado por meio de videoconferência, na plataforma *Google Meet*, tendo em vista que a escolha dos sujeitos não atendeu a critérios geográficos de proximidade, inviabilizando encontros presenciais. Foi realizado um encontro virtual com cada participante.

No primeiro momento das entrevistas foram incluídas perguntas dirigidas relativas a idade, sexo, escolaridade, etc, com a finalidade de identificação e caracterização do perfil dos participantes. Outras questões dirigidas, relacionadas à utilização das redes, foram retomadas

ao final de ambos os encontros. Como apontado por Oliveira, S. (2019), as dinâmicas conversacionais podem ser mais ou menos dirigidas, e por isso, optou-se por elaborar algumas questões norteadoras, as quais assumiram formatos distintos com cada participante, de acordo com as necessidades identificadas pela pesquisadora. Assim, juntamente a essas questões, encontram-se temas e conteúdos que foram abordados no momento da entrevista (Ver Apêndice C). Vale ressaltar que esse esquema seguiu um modelo flexível, respeitando a expressão e o ritmo de cada participante, priorizando uma condução que não estava presa a um roteiro pré-estabelecido. Durante o diálogo, buscou-se evocar as finalidades de utilização do *Instagram*; os tipos de conteúdo acessados e publicados; as sensações de identidade e espaço compartilhados com outros usuários; a percepção do estigma relacionado ao *kink*; as experiências em torno da sexualidade ao longo de sua história e tais permeações na sua vida; dentre outros.

As conversas foram gravadas e posteriormente transcritas. Ademais dos encontros virtuais para a realização das entrevistas, destaca-se a relevância dos momentos informais de conversação com os participantes nos quais também se desenvolvem dinâmicas conversacionais, o que favorece a construção do cenário social da pesquisa. Esses momentos aconteceram via *Instagram* e via *Whatsapp*. Ambos os participantes ofereceram seus números de telefone e os diálogos foram mantidos por meio das duas plataformas.

2.4.2 Observação exploratória e não-sistematizada

A observação, em uma pesquisa cujo cenário se constitui em um serviço de rede social virtual, é um elemento imprescindível para conhecer e situar os participantes no ambiente, além de possibilitar compreender o comportamento virtual na rede social. Para isso, a autora utilizou um perfil na rede social criado para a finalidade desta pesquisa, como explicitado no tópico anterior.

Baseando-se na utilização de Fantoni (2017), por meio de uma observação exploratória e não sistematizada, começamos a “seguir” o perfil dos participantes da pesquisa e acompanhar os conteúdos publicados por eles. Desse modo, a partir do início de sua participação na pesquisa e ao longo dos meses de fevereiro a dezembro, a pesquisadora visitou os perfis periodicamente a fim de realizar esse acompanhamento.

Para González Rey (2005), os instrumentos servem à pesquisa qualitativa como produtores de informações; as expressões que surgem em um determinado instrumento se unem a outras expressões. O uso de instrumentos concretos para conclusões parciais constitui uma hipótese inserida dentro do sistema de informações produzidas. Assim, as observações

realizadas nos perfis dos participantes se articularam a outras construções parciais na elaboração do modelo teórico em desenvolvimento.

A observação dos perfis também possibilitou apreender outras informações, como nome de usuário, número de seguidores e contas seguidas, foto de perfil, quantidade de publicações e biografia (breve descrição do perfil na rede social), se inseridas pelo usuário. Esses dados, para além da articulação com outras construções mencionada anteriormente, possibilitaram caracterizar o perfil do participante de maneira mais rica, adicionalmente aos elementos de identificação recolhidos nas entrevistas.

Ademais, para o registro de notas da pesquisadora foi utilizado um diário de campo. Nele, foram registradas impressões pré e pós entrevistas, ideias e interpretações evidenciadas nas observações (mudanças no perfil da rede social, conteúdos postados e compartilhados etc.) e durante os encontros virtuais das entrevistas: “Aspectos da expressão, tais como silêncios, expressões emocionais e processos inerentes à narrativa (temporalidade, referências afetivas, elaboração pessoa, dentre outros) [...]” (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017, p. 35). A reunião das informações presentes no diário se agrega às outras expressões evidenciadas no conjunto dos instrumentos utilizados na pesquisa.

2.4.3 Complemento de frases

A utilização de indutores escritos facilita a complementaridade da expressão do sujeito, permitindo uma construção ampla dos sentidos subjetivos pelo pesquisador (GONZÁLEZ REY, 2005). De acordo com González Rey (2010), no complemento de frases a pessoa estudada deve completar algumas frases fazendo emergir aspectos singulares e representativos. Os indutores “podem referir-se a atividades, experiências ou pessoas, sobre as quais queremos que o sujeito se expresse intencionalmente” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 57). Seus indutores curtos facilitam a utilização possibilitando a expressão de áreas distintas da vida.

Mesmo sendo um instrumento que vislumbra a expressão espontânea e as primeiras ideias que vêm em mente, no momento que lê, interpreta e escreve o participante acaba fazendo-o em um movimento de organização consciente. As respostas conscientes que costumam se apresentar, informações diretas, presentes na intencionalidade da fala, podem esconder sentidos subjetivos, como afirma González Rey (2005). No entanto, o autor aponta que as informações indiretas, evidenciadas em como o sujeito constrói suas expressões, bem como outros sentidos não lineares presentes nessas informações, são fontes de sentidos subjetivos diversos e

dispersos, com os quais o pesquisador é capaz de elaborar um sistema de hipóteses e atribuir significados por meio da sua interpretação.

A escolha do complemento de frases como indutor das informações que atravessam os distintos objetivos se deu pelo seu potencial de condensar assuntos variados e, dessa forma, permitir “o deslocamento do indivíduo em investigação para diferentes temáticas em tempo real, o que possibilita a emergência de sentidos subjetivos pelo tensionamento causado por essa mobilidade de assuntos” (OLIVEIRA, S, 2019, p. 76). A elaboração desse instrumento levou em consideração a utilização do complemento de frases nos estudos de Marques (2010), Oliveira, S. (2019), Santos (2020) e Vieira (2019) e ele pode ser visto no Apêndice B.

O uso desse instrumento aconteceu após terem sido realizadas as entrevistas, sendo enviado aos participantes via *Whatsapp*. A escolha de utilização posteriormente à entrevista se fundamenta na sua proposta de uso “em um momento da pesquisa que já implicou o sentido subjetivo dos participantes, o que representa uma das condições facilitadoras da expressão para quem responde ao instrumento” (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 59).

2.5 Construção das informações

Na Metodologia Construtivo-interpretativa, a construção das informações a partir do momento empírico ocorre pela interpretação de elementos com base em informações implícitas e indiretas, que se articulam em um sistema de construções parciais por meio de conjecturas, indicadores e hipóteses.

As conjecturas representam “reflexões, dúvidas e ideias, às quais ainda não se pode atribuir um significado hipotético bem formulado”. (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2019, p. 50, tradução nossa). Elas são os passos iniciais dentro de uma interpretação que vai avançando à medida em que novas informações vão surgindo, possibilitando novas construções do pesquisador, os indicadores.

Esses elementos correspondem a “[...] significados que o pesquisador elabora sobre eventos, expressões ou sistemas de expressões, os quais não aparecem explícitos, em seu significado, pelos participantes de uma pesquisa” (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017, p. 30). Diferentemente do dado, o autor aponta que o indicador não é usado em seu conteúdo explícito, mas “está sempre associado a um momento interpretativo irreduzível ao dado” (GONZÁLEZ REY, 2011, p. 113). A relação entre os indicadores construídos leva o pesquisador à elaboração de hipóteses, as quais “[...] não representam construções *a priori* para serem comprovadas como acontece na pesquisa hipotético-dedutiva, mas os caminhos nos quais

o modelo teórico vai ganhando capacidade explicativa” (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017, p. 111).

O modelo teórico representa, portanto, a articulação de construções hipotéticas do pesquisador, desenvolvidas por meio dos avanços interpretativos baseados nas conjecturas, indicadores e hipóteses. González Rey e Mitjáns Martínez (2019, p. 32, tradução nossa) ainda afirmam que ele “não é uma soma de fatos, mas uma construção intelectual dinâmica do pesquisador dentro da qual hipóteses, indicadores e ideias do pesquisador são integrados a um novo nível qualitativo de conhecimento”.

Para a construção das informações, seguimos as seguintes etapas propostas por Marques (2010): audição e leitura simultânea do conteúdo transcrito; sinalização de ênfases emocionais e temáticas para verificação de indicadores iniciais. Acrescentamos que além de tratar de “indicadores iniciais”, essa verificação também possibilita conjecturas iniciais baseadas na “organização qualitativa” de “linguagem, fala e comportamentos” (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2019, p. 32).

Para as entrevistas, o próprio processo de transcrição representa um momento relevante. Como as gravações dos encontros foram audiovisuais, permitiram juntamente à audição do conteúdo, rever as expressões dos participantes: “olhares, posturas, comportamentos”, os quais se apresentam como elementos importantes para a formulação de indicadores (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017, p. 110).

Durante a transcrição, as leituras posteriores do conteúdo transcrito e do conteúdo identificado por meio do complemento de frases, as “ênfases emocionais” foram destacadas no texto por meio da utilização de cores distintas. Essa estratégia teve o propósito de favorecer a “organização qualitativa” anteriormente mencionada. Baseou-se na compreensão de que “[...] no momento em que as informações são liberadas pelos pesquisados, segue-se um agrupamento das ideias temáticas pelo pesquisador que as reúne em forma de categorias [...]” (MARQUES, 2010), interpretação assentada na ideia de González Rey (2005, p.39) que concebe as categorias enquanto “momentos de organização e visibilidade de uma produção teórica”. Por serem transitórias e refletirem “momentos”, as categorias estão em movimento e representam um processo de construção.

Desse modo, os agrupamentos temáticos iniciais funcionaram como ferramentas organizadoras para o processo de construção da pesquisadora, sofrendo reformulações e servindo de base para formulações hipotéticas mais precisas ao longo da pesquisa.

A utilização dessa estratégia remete à própria lógica configuracional da pesquisa no referencial assumido, pois revela a organização do processo construtivo interpretativo diante

das escolhas, processos e contradições que acompanham o pesquisador no decorrer das suas decisões e no curso da pesquisa.

Junto às sinalizações feitas no arquivo da transcrição também foram sendo elaboradas construções preliminares da pesquisadora. As impressões e apontamentos evidenciados por meio dos registros do diário de campo da observação e das entrevistas foram utilizadas em associação aos demais instrumentos e a essas anotações, possibilitando desenvolver ideias e reflexões, avançando nas conjecturas e formulações hipotéticas.

A interpretação e construção das informações acompanha todo o processo da pesquisa: as elaborações teóricas do pesquisador seguem um curso progressivo associado ao momento empírico. Um exemplo dessa articulação interpretativa se deu no caso de Débora. Em momento ainda no início de nossa conversa, percebi que ela estava relativamente dispersa. A princípio, ouvi um ruído que se assemelhava a um aparelho celular vibrando. Essa percepção me deixou um pouco desconcertada naquele momento, gerando algum desconforto. Outro dia, em momento posterior à entrevista, Débora postou um pequeno vídeo no seu *feed* com um brinquedo bastante popular no ano de 2021, o *pop it*. Esse brinquedo consiste em uma bandeja de silicões com bolhas, similar ao mecanismo de um plástico-bolha, na qual essas bolhinhas podem ser empurradas de um lado para o outro, gerando um efeito desestressor. Ao assistir ao vídeo, pude compreender que, na verdade, Débora parecia estar “brincando” com esse dispositivo enquanto conversávamos. De fato, esse comportamento faz todo o sentido quando articulado a outras informações provenientes do diálogo, como a insegurança relatada pela participante durante a conversa que será exposta no capítulo seguinte.

A organização didática do modelo teórico em construção foi realizada por meio de eixos, como identificado em diferentes trabalhos: eixo de inteligibilidade (VIEIRA, 2019), eixo temático (GOULART, 2017), eixo (OLIVEIRA, S., 2019); eixo de produção (OLIVEIRA, C., 2018; SANTOS, 2020). Sobre o caminho de produção, Santos (2020, p. 97) aponta: “O caminho hipotético se constitui, no desenrolar da pesquisa e do processo construtivo-interpretativo, na construção de eixos de produção, os quais foram se organizando, em um modelo teórico”. Adicionalmente, Oliveira, C. (2018, p. 93), diz: “Vale esclarecer que em correspondência ao processo construtivo interpretativo, os indicadores foram, aos poucos, sendo produzidos. A partir dessa produção, as hipóteses emergiram e a construção da informação, organizada em eixos de produção”. Como é possível apreender, os eixos refletem uma organização didática da informação que é apresentada ao leitor e por isso devem ser compreendidos em sua integralidade, e não como uma fragmentação do sujeito.

CAPÍTULO 3 – PRODUÇÃO E ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Este Capítulo tem a finalidade de apresentar o processo construtivo-interpretativo de produção das informações, que contemplou a formulação gradativa de indicadores, a emergência das hipóteses e a organização dessas informações em eixos de produção. Para cada um dos casos apresentados será realizada uma caracterização inicial do participante e tecidas algumas considerações sobre a construção do cenário social da pesquisa. Posteriormente serão discutidos os eixos de produção, que compõem o modelo teórico construído. Ainda que realizemos tais separações no formato de eixos para apresentação das informações de maneira didática, é necessário ressaltar que todas estão engendradas em um processo contínuo, e que o movimento construtivo-interpretativo acompanha todo esse processo. Como bem salientado por Oliveira, S. (2019), o referencial teórico da Teoria da Subjetividade nos coloca diante da necessidade de compreensão da constituição subjetiva humana em sua processualidade integradora.

3.1 O Caso de Caio

3.1.1 Caracterização do participante e construção do cenário social da pesquisa

Caio é um jovem de 26 anos que vive com sua família (mãe, pai e irmã) em uma cidade de grande porte na região centro-oeste. Conheci seu perfil do *Instagram* durante as minhas buscas, procurando por perfis com hashtags relacionadas ao *kink*. Inicialmente, encontrei um outro perfil, de uma mulher, que era aberto e em sua descrição já elencava “*kink*” como atributo. E foi pesquisando na sua lista de seguidores que encontrei o perfil de Caio. Apesar de ter contactado ambos, fui respondida apenas por Caio, e ali iniciamos nosso contato, em janeiro de 2021.

No *Instagram*, o perfil de Caio tem a palavra “*Baby*” precedendo o seu nome de bebê e sua foto de perfil é também a ilustração de um bebê usando chupeta. Isso porque dentro da comunidade *kink*/BDSM, ele se identifica com o *Age Play* e mais especificamente, como um ABDL, um adulto amante de fraldas. Logo na descrição do seu perfil os interesses por *Age Play*/ABDL/BDSM são identificados, bem como sua cidade, sua idade adulta e como *Little* (2 anos). Com um ícone de “não permitido para menores de 18 anos”, ele também expressa a restrição de idade para acesso ao seu perfil e, finalmente, escrevia que buscava uma *Mommy* para trocar suas fraldas e te dar amor e carinho.

Caio se identifica como homem cisgênero e como heterossexual, acrescentando “[...] mas com algumas características de bi[ssexual] [...]”, o que juntamente a outros elementos nos levou a elaboração de alguns indicadores, dos quais falaremos mais adiante. Tendo se graduado em 2018, ele é engenheiro civil e atualmente trabalha de forma autônoma. Desde nosso contato inicial, Caio sempre me pareceu muito aberto e receptivo. Fui cuidadosa em explicar os aspectos relativos à confidencialidade, que foi o ponto de maior tensionamento na sua decisão de participar ou não da pesquisa. Nesse processo de diálogo inicial foi-se criando o cenário social da pesquisa, possibilitando o envolvimento progressivo de Caio. Para favorecer esse processo, além das mensagens escritas também busquei enviar mensagens de voz durante nosso contato.

Após conversarmos, Caio assinou o TCLE e solicitei o acesso ao seu perfil (a permissão para “seguir” no *Instagram*). A partir daí, comecei, pouco a pouco, a mergulhar no seu mundo, entrando em contato com suas diversas postagens, com as interações em cada uma delas, com os “Destaques”⁵ salvos, e eventualmente, com algum *Story*. Aproximadamente uma semana após nosso contato inicial, agendamos um encontro virtual, e também alguns dias depois desse encontro, lhe enviei o instrumento complemento de frases.

Na descrição de seu perfil no *Instagram* encontra-se um *link* que redireciona para algumas de suas redes: *Wattpad*, uma rede na qual são criadas e compartilhadas histórias escritas, o próprio *Instagram*, sua conta no *FetLife* e uma página no *Facebook* onde vende adesivos personalizados para fraldas. Foi por meio da rede *Wattpad* que tive o primeiro contato com a trajetória de Caio: lá, ele narra as primeiras lembranças que remetem ao uso das fraldas. Elas vêm de uma de suas viagens de mudança, quando em razão de uma disenteria sua mãe colocou-lhe fraldas durante o trajeto, que não permitia muitas paradas. Essas informações serão exploradas mais adiante. A seguir, apresentaremos a construção interpretativa das informações na forma de eixos de produção.

3.1.2 Eixo de produção 1 – “O meu grupo é o grupo do Age Play”: A configuração subjetiva da sexualidade

Nesta primeira parte da construção das informações, serão abordados os indicadores de sentido e as construções que nos levam a compreender como se deu a construção da configuração subjetiva da sexualidade de Caio. Tomando a analogia de González Rey (2019),

⁵Enquanto “*Story*” representa um recurso de publicação temporária de fotos e vídeos, que ficam disponíveis para visualização por um período de 24 horas, “Destaques” é uma ferramenta do *Instagram* que permite que o usuário disponibilize a visualização permanente dos seus “*Stories*” em sua página.

que caracteriza as configurações enquanto constelações de sentido, vislumbram-se os sentidos subjetivos enquanto estrelas em movimento nessa constelação. Enquanto “flashes instantâneos”, tais sentidos que buscamos apreender exibem uma configuração subjetiva que, apesar de sua relativa estabilidade, é também transitória.

Durante os diálogos, um aspecto repetidamente reiterado por Caio foi aquele relativo à sua abertura ao novo e ao diferente no que tange a sua sexualidade. Quando questionado acerca da sua orientação sexual e da sua identidade de gênero, disse:

Caio: Homem, normal, né, como hetero, né, tipo, na medida do possível, mas com algumas características de bi também, né, **e dentro do meu fetiche até em determinado momento eu tenho uma leve atração por homens**, né, bem, muito pouca, mas tem. Só eu o foco mesmo é mais mulheres, sabe. (grifo nosso).

No complemento de frases, registrou:

- 12. *Interesso-me* por mulheres
- 13. *Minha sexualidade* Masculina
- 56. *Diversidade* é a grandeza do universo

Mesmo buscando enfatizar certa fluidez, a atitude de Caio ainda evidenciava o binarismo de gênero, uma confusão quanto a distinção entre identidade de gênero e orientação sexual, com uma associação direta entre ambos. Isso ignora a ideia de que sexo e sexualidade não podem ser reduzidos a padrões e sistemas normativos, pois refletem vivências e construções sociais diferentes (GONZÁLEZ REY; MONCAYO QUEVEDO, 2019). O conflito entre essa suposta posição de abertura e a necessidade de assumir uma postura de masculinidade é visto nas repetidas vezes nas quais ele reforça sua “abertura” e também realça sua heterossexualidade.

A partir desses relatos, construiu-se o **indicador de que a aparente fluidez sexual repetidamente reiterada por Caio parece funcionar como justificativa para a ação atrelada à autoafirmação heterossexual.**

Outro elemento relaciona-se à associação direta sexo-sexualidade-genitalidade que marca a expressão de Caio. Na contramão do afastamento da genitalidade que o fetiche representa, ao direcionar o prazer, seja erótico, psicológico ou emocional para outros elementos, a ideia de sexualidade e sua vivência para Caio associa-se diretamente ao ato sexual. O aprendizado da sexualidade não se restringe à relação sexual ou à mera genitalidade, constitui-se de experimentação pessoal e apropriação de valores, papéis de gênero e outros elementos da cultura sexual do grupo (HEILBORN *et al.*, 2006; HEILBORN, 2012). Da mesma forma, o prazer em usar fraldas parece direcionado à genitália e ao ânus, o que também reforça essa

associação direta entre erótico e sexualidade. Esse aspecto aparece em outros momentos: ao contar sua história, desde criança, trazendo o elemento da viagem e da compra das fraldas como registro importante no histórico do seu fetiche, Caio parece buscar as razões e as origens desse. Algo semelhante acontece na narração de outras histórias:

Caio: [...] aí cada uma é uma história tipo bem similar, mas não é igual, né, a sua, né, a história é bem diferente de como a pessoa descobriu o mundo, né, como que ela começou a gostar disso, e tals. Comigo foi uma coisa, mas com ele foi, descobriu uma outra forma, né, de como que ela gostou né.

A partir dessas informações, construiu-se um **indicador relacionado à tendência de atribuição de linearidades e busca de causalidades por Caio**. Essa linearidade não corresponde à movimentação e processualidade que envolve a nossa construção de sentidos. Não se pode conceber os sentidos enquanto entidades estáticas, como um *a priori* à ação, ou como algo que pode ser diretamente apreendido da experiência. Pelo contrário, enquanto processo e produção subjetivos, o gosto pelas fraldas de Caio integra vivências para além daquelas associadas diretamente à viagem e à compra das fraldas, ou seja, para além do registro da experiência imediata. A esse respeito, González Rey e Mitjáns Martínez (2017, p. 40) comentam

Nunca um processo subjetivo se esgota na realidade concreta e imediata em que a experiência atual acontece [...]. Todo comportamento humano está configurado por sentidos subjetivos que permitem enxergar nele processos da história e da mobilidade da experiência atual dos participantes nos diferentes contextos de sua vida. (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017, p. 40).

Por outro lado, falar da vivência dos outros imprime em Caio um reconhecimento da sua própria história. É interessante observar o próprio exercício de Caio no registro e narrativa da sua história com as fraldas na rede social *Wattpad*. Apesar de contar apenas a viagem de carro de sua família, ser um ABDL implica emoções, tensões e nuances em toda a trajetória de Caio: na sua relação familiar, na forma com que opta se expor no ambiente virtual, nas amizades e nos seus relacionamentos íntimos e amorosos. Cada um desses aspectos será evidenciado nas construções dos próximos eixos. Por hora, diante da intensidade do vivido, dos desdobramentos e atravessamentos implicados em ser um ABDL, elaborou-se um **indicador sobre a centralidade do fetiche na vida e dentro da sexualidade de Caio**.

O trecho evidenciado a seguir ilustra esse indicador. Nele, observamos como Caio, em um processo de elaboração da sua narrativa, faz as suas próprias escolhas e seleções. Neste resumo, ele menciona, primeiramente, sobre a viagem de mudança da sua família e uso da primeira fralda (trecho que será apresentado na página 49). Em seguida, conta de quando tentou

confeccionar sua própria fralda, ainda criança, e de quando roubou uma fralda de mostruário, já adolescente:

Caio: [...] assim, mas o que que acontece, Ananda, teve um dia que me deu a ideia de, coisas de criança, né, **pegar um dessas fraldas, pegar uma tesoura e sair recortando pra ver o que tem dentro**, né, tipo assim, quem nunca fez isso (risos). Aí eu pensei assim, quando eu tinha 7 anos, eu não recebia nenhuma mesada dos meus pais, não tinha de onde tirar dinheiro pra comprar minhas fraldas, então que tal se eu mesmo fabricar uma, né. **Aí tipo me veio a ideia de fabricar com um, é pegar um saco plástico assim, de supermercado**, né, tipo pegar, sei lá, uns plásticos bolha, coisas assim que me veio a minha mente, assim, papel higiênico, coisas assim tipo muito aleatórias assim, né, tipo, podia dar a ideia assim de fetiche, né, que na época eu não sabia o que era fetiche, só sentia atração e ponto né, uma atração que eu não fazia ideia que era sexual assim, né, meus pais achavam que era uma coisa assim tipo muito de retardado assim, né, de achar que eu não tava querendo crescer nem nada né, então foi deu nisso, né. **Então, ahm... a ideia mesmo de de comprar fralda, né**, acho que, a primeira vez acho que foi em 2000 e... 2012, a primeira vez que eu **consegui né, 2012, por aí, né, 2012, né. Eu lembro que uma vez, o máximo que eu já fiz foi, é, roubar uma fralda assim de, daquelas de mostruário**, quando fica assim tipo as fitas pregadas assim, aí você passa assim do corredor, aí ela tava solta e eu resolvi pegar assim, tipo, escondido, acho que eu tinha uns 14 anos quando eu fiz isso (risos). (grifo nosso).

Hawkinson; Zamboni (2014) identificaram a existência de dois subgrupos dentro da comunidade ABDL. O primeiro estaria mais interessado no *role-play*, ou seja, em ser um bebê adulto, e o segundo na atividade sexual atrelada, para o qual o uso das fraldas (relacionado à segunda parte do acrônimo “DL”) seria sexualmente estimulante, ademais da percepção de ser dominado. Durante nosso diálogo, Caio explica informalmente o que poderíamos considerar a existência desses dois grupos, apontando para pessoas, dentro do grupo, se interessam pela regressão, outras que gostam das fraldas e sentem atração por elas e outros que gostam de regredir, mas não se interessam pela atividade sexual. Para se referir a si mesmo, diz: “e comigo já é o contrário, né, comigo essas coisas são tudo vinculada ao sexo”. Para além do aspecto sexual envolvido nas práticas, o jovem também disfruta da encenação e interpretação do papel de bebê.

Considerando os sentidos subjetivos como unidades que emergem no curso da experiência, o que é relevante e passível de compreensão, no estudo da subjetividade, são as zonas às quais se associam esses sentidos, os processos pelos quais eles se organizam (GONZÁLEZ REY, MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). Pensando na sucessão de instantes vividos durante a experiência, a partir do relato de Caio organizou-se o seguinte esquema:

Quadro 2 - Esquema de experiências de Caio

Viagem de mudança e uso da primeira fralda
Descoberta do termo ABDL e criação do perfil <i>kink</i> no <i>Instagram</i>
Encontro e confraternização com colegas do <i>Age Play</i> , Encontro com o <i>Daddy</i> e Encontros virtuais com a amiga que foi sua <i>Mommy</i>

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

A primeira experiência narrada trata-se de uma longa viagem de mudança da sua família, como já mencionado. Caio expõe esse relato na forma de história em uma outra rede social. Além disso, possui um Destaque em seu perfil no qual também narra essa história resumidamente. Nesse ponto, é marcante o gosto por se expressar, por falar sobre si e criar um enredo da própria vida:

Caio: Isso eu não coloquei na história ainda, né [...], mas eu lembro que, ahmm... **quando minha mãe comprou as fraldas, eram dez unidades, né, e eu usei acho que no máximo duas a viagem inteira**, né, e minha mãe assim, é tipo aquela pessoa que quer economizar tudo assim, né, e fralda é um negócio meio caro também, né, então é algo que não dá pra se ter assim, direto, ahmm, pelo menos naquela época, né [...] (grifo nosso).

Os segundo e terceiro momentos da trajetória de Caio que conformam experiências significativas são a descoberta do termo ABDL e a criação do perfil *kink* no *Instagram*. Como será discutido no 3º indicador construído, Caio foi, aos poucos, identificando seu gosto pelas fraldas. Inicialmente, seu enredo tem a viagem como experiência inaugurante, em seguida, ele tenta fabricar as próprias fraldas, “rouba” uma fralda de mostruário de farmácia, e começa a perceber que gosta de defecar e urinar nas fraldas.

Após descobrir o termo ABDL, Caio cria um perfil no *Instagram*, e assim suas primeiras redes relacionais *kinky* vão se formando. Nesse sentido, percebe-se a relevância das redes sociais na formação de comunidades, corroborando os estudos de Wignall (2017; 2018). Percebe-se também no caso de Caio a adaptação e adoção de uma rede social convencional para o desenvolvimento da identidade e sexualidade e para encontrar pessoas com interesses semelhantes.

Caio: [...] **O *Instagram* foi a primeira coisa que eu ingressei**, de fato, né. Assim pro lado *kink*. Ahm... **foi onde eu conheci a maioria das pessoas, né**. Ahm... e parte dessas pessoas a maioria já tinha *Facebook* também. Tem gente que já do *Facebook* foi pro *FetLife* também, do *Instagram* e do *Facebook*, de ambos foi pro *FetLife*. Aí eu conheci pessoas que as mesmas pessoas do *FetLife* são do *Instagram*, né, algumas que vi, e também conheci gente nova, né (grifo nosso).

A quarta, quinta e terceira experiências representam verdadeiros encontros em direção a outro alguém. O diferencial desses encontros é que eles reforçam o anseio de conexão expresso por Caio, reforçando o segundo indicador do Eixo 2. O piquenique foi um evento aberto realizado em um parque da cidade junto aos amigos do *Age Play* que Caio conheceu no *Instagram* e em um grupo de *Whatsapp*. Ele comemorou com os colegas seu aniversário:

Caio: Ahmm, eu tenho também uma fralda importada que eu ganhei de aniversário, né, porque ano passado a gente fez um piquenique com o pessoal do *Age Play*, né, que é voltado pro pessoal que gosta de ser *baby* e *little* né, tipo bebês e crianças assim. Aí eu lembro que eu fiz até um bolo de fraldas assim gigante, né, com fralda geriátrica. Você até viu a foto, né, que eu enfeitei assim o bolo.

Pesquisadora: Eu vi, ficou muito legal, você tava fantasiado também, não tava?

Caio: Eu tava vestido de uma criança vestida de marinheira sim, né.

A realização desse encontro também reforça o potencial socializador das redes. Novamente, retomando o trabalho de Wignall (2017), percebe-se a extensão das interações inicialmente restritas ao ambiente virtual ao meio *off-line*, possibilitando uma alimentação recíproca desses meios. Sobre os encontros com o *Daddy* e as chamadas de vídeo com a amiga *Mommy*, Caio expressou:

Caio: Aí, aí quando eu conheci eu achava que era uma mulher, né, daí depois que eu falei com ele no privado, aí eu descobri depois que era homem, né. Aí depois eu aceitei de boa, né, porque lembra que eu falei que eu sou um cara que é aberto a tudo, né?! Aí não, pensei: “**Não, vou dar uma chance aí esse cara aí**”, tipo, né, vou até mostrar os produtos que eu faço também, né, os adesivos, e ele também ficou interessado pra ver, né. Ele também me ajudou dando dicas também, né. Mas foi bem legal. Aí nesse dia a gente não tava sozinho também, né, no dia que eu tirei aquela foto com ele, tava... tava mais dois caras também, tava nós quatro lá. **Aí nós compartilhamos os mesmos gostos em comum, né, os mesmos interesses, né, tudo, né** (grifo nosso).

O trecho reitera o primeiro indicador construído e há uma ênfase que chama atenção na frase: “Aí não, pensei: ‘**Não, vou dar uma chance aí esse cara aí**’”, como numa tentativa de minimizar o interesse provocado por essa nova pessoa. Uma possível conjectura seria considerar que sentidos subjetivos associados ao receio da exposição e à insegurança quanto às suas escolhas conformam o sentir de Caio no curso dessa experiência, conformando uma atitude reticente.

Outro aspecto desse trecho relaciona-se à caracterização do *Instagram*, para Caio, enquanto rede sócio-sexual (WIGNALL, 2017; 2018). Mesmo tendo conhecido esse colega via *Whatsapp*, Caio teve acesso a um grupo *kinky* nessa rede social que, por sua vez, encontrou via *Instagram*. Após o contato pelo *Whatsapp* com essa pessoa, Caio conheceu seu perfil do *Instagram*, oportunizando o encontro sexual juntamente à comunicação nessa última rede.

Sobre a amiga, Caio diz:

Caio: [...] eu tenho uma amiga minha de, do [informação omitida], de [informação omitida], e ela me conheceu em agosto do ano passado, né, aí ela, ela foi minha *mommy* virtual (faz com aspas com as mãos) assim durante um tempo, né, só que quando foi final de outubro é, ela... aí ela me ligava todo dia assim por telefone, a gente fazia uma chamada de vídeo, né, pra saber como é que eu tava, né, ela gostava de cuidar mesmo.

Ele consegue atingir aquilo que deseja: o cuidado, a abertura junto a outra pessoa, o diálogo sobre os assuntos que têm receio de falar e o relacionamento, mesmo que por um período, com a nova amiga, e *Mommy*.

Esses trechos nos possibilitam tecer algumas considerações. Pode-se dizer que recontar a experiência vivida possibilita a produção de novos sentidos. À medida que se envolve no processo, o participante reorganiza suas expressões progressivamente, fazendo convergir passado, presente e futuro (GONZÁLEZ REY, MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017). Quando Caio retoma a experiência, pode organizar aspectos do vivido, ainda em aberto, que possivelmente demandavam maior elaboração. O piquenique e o encontro com o *Daddy* aparecem registrados no seu *feed* do *Instagram* em algumas imagens. Em uma das fotos, na qual Caio aparece vestido de marinheiro, a legenda diz: “Um dos melhores dias da minha vida”. Em outra foto, que mostra Caio deitado e o *Daddy* manipulando sua fralda, a legenda é: “Eu amei a experiência de ter um *Daddy* para trocar minha fralda!”. A emocionalidade presente nessas falas também aparece durante o diálogo. Com relação à dialogicidade:

A relação sentir-expressão, falada ou escrita, está longe de ser precisa e transparente, nunca o será, mas à medida que o outro vai se envolvendo numa fala compromissada com seus processos subjetivos, a fala vai se tornando cada vez mais emocional e as reflexões geradas em seu curso irão aparecendo como produções subjetivas [...]. Desse modo, o diálogo é uma oportunidade para que o outro não feche um caminho aberto no mundo das suas expressões [...] (GONZÁLEZ REY, MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017, p. 131).

Outro aspecto bastante sensível nas expressões de Caio foi o do desejo de conexão amorosa e íntima com alguém que o aceite e compartilhe dos seus interesses. No complemento de frases, diz:

- 2. Com frequência sinto triste e sozinho
- 3. Imagino eu brincando num parque de diversões com a minha futura Mammy
- 5. Eu gostaria de ter uma Mammy com quem eu possa me relacionar
- 22. Tenho medo de ficar sozinho pra sempre
- 38. Queria perder o medo de ficar sozinho eternamente, e também de cometer os mesmos erros
- 40. As interações virtuais são desgostosas e desgastantes
- 60. Eu preciso de uma Mammy
- 70. Off-line as coisas não acontecem e não andam pra frente

A solidão e a busca pelo cuidado presentes nas frases 2, 3 e 5 podem expressar um elemento de sentido ancorado na vontade de vivenciar o seu fetiche, ter experiências de afeto e estabelecer uma conexão que facilite a expressão de si junto ao outro. A busca por uma “*Mommy*” é direta e repetidamente trazida no complemento e durante as falas de Caio, aparecendo também na descrição do seu perfil no *Instagram*. Em outros dois momentos, expressa:

Caio: [...] tem dia que eu tô na vibe meio triste, né, tipo desesperado pra conseguir tipo uma mommy que fala, né”.

Caio: [...] Eu espero ainda um dia ter muitas histórias ahm... amorosas, assim, histórias de... uhmm... histórias de afeto assim, né, pra poder contar, histórias boas, agradáveis.

As experiências de julgamento por outras pessoas, a dificuldade de expressar-se diante do outro, as exposições sofridas no ambiente virtual levaram à construção do **indicador de sentido de sensação de incompletude e limitação em torno da vivência do fetiche juntamente ao sentimento de solidão, expressos na busca por uma “*Mommy*”**.

Ainda que ele classifique as interações virtuais como “desgostosas e desgastantes”, elas continuam sendo a principal forma de contato e articulação para Caio, proporcionando a ampliação da sua rede relacional. Desse modo, coexistem sentidos subjetivos contraditórios, pois o sentimento de julgamento e certo esgotamento associado ao ambiente virtual se configuram subjetivamente na ação de utilizar a rede social, conformando um momento de organização e de estados afetivos dominantes diante da experiência. O esgotamento evidenciado também pode estar relacionado à própria busca de Caio uma *Mommy*. Uma possível conjectura pode ser elaborada em relação à estigmatização do fetiche, como se a repulsa e as representações em torno disso intensificassem o receio da solidão e o anseio do vínculo.

O momento no qual consegue nomear aquilo que antes era incompreendido possibilita a produção de novos sentidos, os quais, por sua vez, integrarão a configuração subjetiva da sexualidade de Caio, tornando-se fonte para outras produções:

Caio: [...] eu criei em 2019, em janeiro de 2019, né, mas o mundo ahm... o mundo ABDL né, eu descobri o termo ABDL só em 2017, né. **Só que eu não sabia que existia, que tinha pessoas que criavam rede social e *Instagram* assim, né.** Aí eu descobri acho que em 2018, só criei a minha mesmo em 2019, né, o meu perfil (grifos da autora).

A partir dos elementos expostos, desenvolveu-se uma **hipótese** a partir da qual o fetiche aparece, desde cedo, em uma perspectiva do desconhecido, do secreto, daquilo que não deve ser dito. Se parte dos sentidos ante à experiência **singular** em torno da solidão e da sensação de incompletude estão configurados na subjetividade social dominante, dentro da qual emergem produções sociais sobre o preconceito e a patologização em torno do fetiche, vêm também de como essa sexualidade foi sendo vivenciada desde criança, na dinâmica das relações: o roubo a fralda, a vigilância dos pais. Ainda que não conseguisse explicar seu gosto pelas fraldas, ele sentia que não deveria falar sobre isso:

Pesquisadora: Sobre o assunto, isso que seria pra você o ideal, da gente sair desse mundo caótico, que você falou, de preconceitos e tabus, seria poder falar sobre esse assunto tranquilamente, sem ninguém ficar te julgando?

Caio: Exatamente. Sim, exatamente. Mas acho que meu maior bloqueio mesmo acho que são meus pais, né, porque eu sou muito alvo de críticas assim deles, principalmente o meu pai, né, até hoje ele é uma pessoa muito rigorosa assim, né, que é a pessoa que é... ele ele não apoia nada, né, ele não apoia nem os *gays*, né, tipo, ele é muito preconceituoso assim, meu pai, né, então com ele já viu, né.

A família, assim como outros contextos relacionais, como o trabalho e os amigos, pode representar um espaço no qual ocorre a chamada educação sexual informal. De modo não intencional, essa forma de educação consiste em um “processo global, não intencional, que engloba toda ação exercida sobre o indivíduo, no seu cotidiano, desde o nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre sua vida sexual” (WEREBE, 1981, p. 106 *apud* FIGUEIRÓ, 2001, p. 46). Assim, tanto o diálogo, como a ausência dele têm repercussão no processo de construção da nossa sexualidade. A família, seja através do discurso controlador ou do silenciamento do diálogo sobre o tema, acaba enquadrando a sexualidade nos moldes das expectativas sociais. No caso de Caio, a sensação de descrédito pode se associar a outras produções subjetivas, como a dificuldade de expressão e a insegurança.

Como apontado por Naezer (2018), pensar na experimentação envolvida nas práticas sexuais *on-line* de jovens e na característica de aventura dessas práticas, sem assumi-las como um risco *a priori*, pode contribuir para a discussão do caráter subjetivo e social da construção da sexualidade e da importância de uma educação em sexualidade extensiva à atividade *on-line* e capaz de orientar e não reprimir.

Do mesmo modo, ações educativas devem ser conduzidas a partir de uma ótica crítica, vislumbrando a emancipação dos jovens e incentivando a responsabilidade e a autonomia para vivência da sua sexualidade (VIEIRA; MATSUKURA, 2017; MAIA *et al.*, 2012). Além disso,

o diálogo pode favorecer a promoção de práticas mais seguras na medida em que oferece informações e possibilidade de escuta compreensiva:

Uma vez que as pessoas relutam em se revelar para não sobrecarregar seus amigos e familiares, e para cumprir as normas locais, o ônus pode recair sobre amigos e familiares para convidar o diálogo. A sociedade em geral, e cuidadores, prestadores de serviços médicos e prestadores de serviços humanos em particular, podem ser educados sobre como convidar à revelação ou apresentar atitudes de aceitação (BEZREH *et al.*, 2012, p. 56-57, tradução nossa).

Os mesmos autores identificaram que a falta de uma educação abrangente e receptiva sobre o BDSM pode gerar um “*play*” perigoso (com ausência de palavra de segurança, por exemplo) e provocar sentimentos de angústia e vergonha diante da insuficiência de informações sobre o BDSM e de sua pouca visibilidade. Desse modo, reforça-se, novamente, a importância de ações de educação em sexualidade.

3.1.3 Eixo de produção 2 – “Por que se não já viu, né?!”: Exposição, privacidade e estigma

Nesta segunda parte da construção das informações, as expressões relacionadas à sexualidade, anteriormente enfatizadas, se associam à utilização da rede social *Instagram* e a elementos da história de Caio que mobilizam receios e desejos de exposição, questões em torno da sua privacidade e o estigma associado à sua identidade *kinky*.

Narrar histórias na rede social *Wattpad*, publicar fotos em seu perfil do *Instagram* e conhecer outras pessoas com interesses similares são novas fontes de descoberta e até possibilidades de introspecção para Caio. Ele gosta de escrever, desenhar e se fotografar, e todas essas atividades, associadas à sua vontade de estabelecer conexões e se aproximar de outras pessoas, conduzem à construção de um **indicador de sentidos em torno da necessidade e da busca pela expressão de si: seus gostos, sua história, quem sou eu**. Em determinado momento, sobre a rede social *Wattpad*, Caio diz:

Caio: No máximo uma historinha curta ou outra, né. Mas eu uso mais pra escrever, eu gosto bastante de escrever coisas assim. Sei lá, porque me ajuda a relaxar, ajuda a pensar mais, sabe.

No complemento:

- 54. *Ninguém sabe dos meus segredos*
- 65. *Tenho vergonha de me assumir (sair do armário)*

Parece haver nele um desejo latente de mostrar quem é. Mesmo diante do receio em “mostrar” quem é de verdade, “sair do armário”, o jovem apresenta parte significativa de quem é ao mundo quando conta a sua história. Se de um lado, a exposição pode amedrontar, aquilo que é exposto deve parecer bonito, visualmente agradável. Caio demonstra uma preocupação com a estética, o que corrobora o indicador construído anteriormente. Ele se atenta à organização do *feed* e à quantidade de seguidores. Em um momento de diálogo informal, no qual questionei o fato de ele estar há algum tempo sem postar, Caio me respondeu que gostaria de postar algo diferente e não mais do mesmo.

Bezreh *et al.* (2012), ao investigarem sobre a revelação das sexualidades *kinky*, o “sair do armário” ao qual Caio se refere, perceberam se tratar de uma escolha complexa para os participantes. Dentre as distintas situações, os respondentes relataram o sentimento de ansiedade para se revelar a parceiros fora do meio BDSM e demonstraram resignação ante à suposta norma de silêncio tanto em relação ao BDSM, quanto a outros aspectos ligados à sexualidade. Os autores identificaram evidências de estresse e isolamento diante da não revelação para parceiros e amigos, e diante da tensão de ter seus interesses expostos no trabalho ou de planejar revelá-los a outras pessoas, por exemplo. Caio parece vivenciar um conflito semelhante, encontrando limitações para revelar-se, como o medo do julgamento, a evitação de situações que lhe parecem ameaçadoras e o próprio estigma associado ao *kink*.

Caio também relata uma experiência de amizade que lhe proporcionou ter uma *Mommy* virtual durante um período, no ano de 2020. A partir desse contato, ele consegue, ainda que temporariamente, obter o cuidado almejado, falar sobre assuntos sensíveis para si mesmo e se abrir com outra pessoa. Outra experiência que corrobora o indicador construído é a criação desse vínculo de amizade com quem a confiança e a segurança estabelecidos também possibilitou a concretização da busca por autoexpressão. Sobre essa relação, conta:

Caio: [...] Aí depois eu mostrei tipo os meus pra ela, né, tipo fui mostrando tudo pra ela, né, mostrei as fraldas que eu personalizava assim, da Turma da Mônica, mostrei também aquela que eu ganhei de presente, né [...].

O indicador anterior se contrapõe a outros sentidos já explorados, que estão relacionados ao sentimento de solidão juntamente à rigidez e ao silêncio que perpassaram sua sexualidade, no âmbito da família, ao longo da sua vida. O desejo de falar de si e de mostrar quem é são comprometidos pelas inseguranças da exposição. Em um trecho do diálogo, questionei sobre a utilização do *Instagram*:

Pesquisadora: E aí você tem a sua conta *kink* e a sua conta Caio e sobrenome?

Caio: Entendi, é, já é um perfil aberto, né, tipo aquele perfil que eu coloco tudo menos coisa relacionada ao mundo *kink*, né, que é coisa que é a parte né, tem que ter perfil a parte só pra isso, porque se não já viu, né?!

Essa passagem, juntamente à experiência de compartilhamento indevido das suas fotos em outra rede social (situação que será detalhada no próximo eixo), e à dificuldade de aceitação de familiares e amigos, pode revelar o receio diante da possibilidade de exposição e do que isso poderia gerar. A separação na utilização do *Instagram*, destinando uma conta para a “vida regular” e outra para a “vida *kink*” evidencia uma estratégia de gerenciamento de estigma, a da “separação de mundos” (COLOSI; LISTER, 2019). Há que se expressar, mas se expressar em um âmbito restrito, ou falsamente restrito. É aberto porque é *on-line*, mas é restrito porque nem todo mundo pode ver. O cuidado com quem pode adentrar em seu mundo é grande, incluindo os amigos nos quais se pode confiar e confidenciar. E assim a separação se manifesta de outra forma:

Caio: Eu bloqueei, no *Instagram*, por exemplo, eu bloqueei, ahm... o que que eu fiz, eu no meu *Instagram kinky* eu entrei no meu perfil pessoal e bloqueei todas aquelas pessoas seja amigos, parentes e etc que eu não quero que façam ideia que eu tenho um perfil, né, tipo pra isso.

Todas essas expressões conduziram à construção de um **indicador de sentidos no qual o medo e o receio de uma expressão aberta acompanham a vigilância constante quanto à exposição de si**. Novamente podemos nos remeter à frase 54 do complemento: “Ninguém sabe dos meus segredos”. Outro reforçador desse indicador refere-se ao fato de que, para postar conteúdos mais íntimos, Caio comenta que precisa “revisar” a forma com que tem usado o recurso “Melhores Amigos” do *Instagram*. Essa ferramenta permite criar uma lista com seguidores específicos para envio de conteúdo via *Stories*. Mesmo já tendo uma lista com seus “Melhores Amigos”, ainda existe uma busca por segurança e privacidade para tornar possível a expressão mais livre. É necessário filtrar, mesmo dentre os próprios amigos, aqueles nos quais se pode confiar mais. Essa atitude também reforça que está tudo bem em mostrar fotos do seu fetiche, desde que com pessoas de confiança e que não de modo público.

As questões em torno da ambivalência “privacidade e exposição” também tensionam a tessitura de novas relações. Nas passagens a seguir, Caio relata as dificuldades de falar sobre suas práticas *kinky* com outras pessoas. Ele também traz um relato sobre uma antiga amiga que, ao descobrir as práticas ABDL de Caio, afastou-se e demonstrou uma atitude violenta:

Caio: [...] eu nunca consigo conversar tipo com determinada mulher que eu tô a fim assim [...], pra poder explicar mais o que eu sinto, né, [...] tenho vergonha de falar, tenho medo, vergonha não, mais medo de perder a amizade, né (grifo nosso).

Caio: A menina também, né, que eu conheci, que a gente foi conversando, [...] eu acho que essa foi uma das poucas únicas vezes que eu consegui conversar com alguém de fora, né, [...] **eu já, infelizmente eu já perdi amizade, né, tipo, teve gente que descobriu meu lado que se afastou de mim né, que achou que eu era louco, doente, né, e... é meio foda isso, cê pensar (grifo nosso).**

Caio: [...] Ela descobriu que eu tinha um perfil né, [...] ela escreveu um textão pra mim no *Whatsapp*, né, **falando que ela acha que isso que eu faço [...] muito bizarro, doentio, nojento [...]. E ela escreveu que não é normal homem de 25 anos tá usando fralda**, tipo essas coisas assim que ela escreveu, né, achei bem, bem sem noção assim da parte dela (grifo nosso).

18. *Não confio* em tudo o que os outros dizem

A desconfiança e o medo de se expor evocam experiências e situações envolvidas nas várias redes relacionais de Caio. O sentimento de solidão, anteriormente mencionado na frase 2 do complemento de frases, no Eixo 1, evidencia a dificuldade de falar com outras pessoas e de se sentir incluído. Reforça também o medo e o receio da exposição e da decepção, e a desconfiança em relação às pessoas. Por outro lado, o desejo de conexão e de ser aceito é motor para as tentativas de aproximação. Isso oportunizou a criação do seguinte **indicador: a incerteza sobre as consequências da exposição aliada às cicatrizes geradas por experiências prévias desagradáveis, conduzem à limitações nas possibilidades de encontro e expressão aberta ao outro.**

O penúltimo e último trecho apresentado são extremamente significativos. Neles, destacam-se dois aspectos marcantes na constituição subjetiva da sexualidade de Caio: a patologização e o estigma. Como já discutido anteriormente, observou-se, ao longo do tempo, a patologização das sexualidades dissidentes nos manuais da psiquiatria e da saúde: desde os estudos de Krafft-Ebing, em seu livro *Psychopathia Sexualis*, trazendo sadismo e masoquismo aos olhos da medicina e da criminologia (WIGNALL, 2018); até os conflitos envolvendo a guarda de filhos de adultos *BDSMers* antes da publicação do DSM-V (WRIGHT, 2018).

Já em relação ao estigma, retomando o contato de Caio com sua antiga amiga, percebe-se a sensação de menos-valia que a fala lhe provoca. Nesse momento vemos imbricados o emocional e o simbólico: como alguém importante e representativo, por quem Caio possuía afetos e para quem, diante dos receios de expressar-se, ele resolveu expor sua intimidade. Ao mesmo tempo, a fala traz o peso de uma profissional da saúde, pois ele destaca que a amiga era uma psicóloga. A estigmatização do ABDL aparecerá em trecho a ser apresentado na página 60, na ocasião de compartilhamento indevido das fotos de Caio. Destacaremos uma frase presente nesse relato:

Caio: [...] só no máximo se tiver algum amigo meu que ainda não sabe sobre mim pensaram “olha, tem um cara escroto, psicopata que gosta de usar fralda, não sei o que” [...].

Podemos associar esse trecho às questões de manipulação da identidade trazidas por Goffman (1963). Caio poderia estar na condição de um indivíduo desacreditado ao pensar, ele mesmo, que seus supostos atributos de estigma estariam imediatamente visíveis e que chegariam nas pessoas antes dele. No entanto, na verdade, Caio se encontra na condição de desacreditável, e a exposição de suas fotos demonstra isso: as características estigmatizadas (ser um ABDL) não estariam explícitas e nem seriam imediatamente reconhecidas. Isso porque, como vimos, existe uma movimentação de encobrimento: esquiva, receio da exposição (“perigoso”), valorização de espaços seguros e privados. A identidade é assim manipulada na tentativa de encaixar-se na suposta “normalidade”.

Além desse acontecimento, destaco dois outros momentos:

O de uma fala já apresentada, quando Caio diz que seus pais, quando o viam, por volta dos 7 anos usando fraldas, achavam que era “coisa de retardado”. O segundo, ao relatar uma lembrança de um programa de TV:

Caio: [...] eu lembro que em 2012 eu vi uma reportagem do Stanley no Ratinho, né, eu tava no 3º ano nessa época. Ahmm.. no programa do Ratinho tava escrito bem assim **“parece mentira, mas não é: homem de 31 anos que gosta de usar fralda” e não sei o que, né, tipo gosta de usar tudo assim de bebê, né, aí tipo meio que falava de uma forma ridicularizante** assim, né, quer dizer, não pra ridicularizar, mas pra poder mostrar, né, tipo, tem um cara que faz isso, né [...] (grifos da autora).

O relato traz o reconhecimento da sua própria história. Ao mesmo tempo, o estigma presente nesses acontecimentos demonstra um imaginário, próprio da nossa cultura, que vem sendo construído em torno das sexualidades dissidentes. Todas essas ideias de ridicularização, doença, abjeção, vão se formulando e reformulando ao longo do tempo por meio do discurso e da ideologia, e vão constituindo configurações dos espaços sociais distintos, assim como na experiência singular do indivíduo.

Outra reiteração do participante chama a atenção. Em dois momentos distintos é reforçado o receio de exposição, o qual se associa ao estigma:

Caio: Aí eu lembro que nesse dia eu quase que parei de usar o *Facebook* pra essas coisas [...] porque isso afeta em outras coisas, na carreira profissional, por exemplo, né. **Pode ser bem perigoso** (grifo nosso).

Caio: [...] óbvio que no meu perfil eu não aceito gente que tenha menos de 18, no máximo estourando o limite que tiver faltando alguns meses pro caboclo completar 18 anos né (sorrindo), que aí eu abro uma exceção, mas eu também não sigo pessoas

é, menores de idade, nem deixo pessoas menores de idade me seguirem, né, eu já deixei lá bem claro lá no meu perfil, que é, **isso pode ser bem perigoso** (grifo nosso).

O primeiro trecho refere-se à exposição das fotos. O segundo, ao controle de acessos ao seu perfil. O comportamento cauteloso pode se associar tanto às experiências desagradáveis vivenciadas, quanto ao anseio de construir espaços seguros, caso contrário: “já viu, né?!”. Também retoma a dificuldade já trazida sobre estabelecer limites e saber dizer não, aspectos totalmente vinculados ao conflito de autonomia vivido por Caio, que será tratado adiante.

Nesse movimento protetivo, destacamos outro trecho:

Caio: Aí tem gente que não entende, né, tem gente que tem aquela mente pode assim acha que é pedofilia (franzindo a testa) só pelo fato de ter apenas objeto, né, e detalhe, nossa prática é, **a nossa atração sexual é por objetos e não pelo público infantil propriamente dito** (grifo nosso).

A partir dessa informação, fica evidente a necessidade de se reafirmar, se diferenciar e demarcar o seu próprio lugar: “o meu grupo é o grupo do *Age Play*”. Enfatizar o pertencimento ao grupo do *Age Play* também funciona como estratégia de gerenciamento do estigma: a separação dos mundos e criação de uma comunidade com regras próprias (COLOSI; LISTER, 2019). Tendo em vista o preconceito existente e as associações patologizantes, a filtragem de seguidores e o vazamento de fotos são duas situações que reforçam a necessidade de autopreservação.

As construções interpretativas evidenciadas levaram à criação de um indicador de sentidos no qual **o estigma e o preconceito vivenciados diretamente ou evidenciados na mídia e nos discursos circulantes conduzem Caio a reafirmar quem é em oposição ao que não é, como uma marcação da diferença**. Reforça-se, aqui, o papel já mencionado das redes sociais e suas facilidades: apesar das decepções e do preconceito, é um refúgio de identificação e criação de grupos.

Na narrativa de Caio percebemos momentos de muito receio em relação à opinião e ao julgamento do outro, assim como momentos nos quais esse julgamento, de fato, se manifesta no agir das pessoas. Entre a vontade de estabelecer conexão, o medo da exposição e a vontade de contar sua história, parece existir um elemento comum:

Caio: E também num tinha muita malícia assim, né, até hoje eu sou assim, né, num tenho muita capacidade assim. Tô... minha irmã mesmo falou que eu sou sem noção demais, ela acha que eu entrego as coisas muito fácil.

7. *É importante* saber quando dizer NÃO

17. *Todos* que conheço eu acho que são meus “amigos”

20. Eu sempre levo as críticas dos outros a sério demais

Esses trechos, articulados às outras produções interpretativas, levaram à construção de um **indicador de sentidos em torno da insegurança frente às escolhas e internalização de um discurso de dependência**. Isso corrobora o indicador anterior, relacionado à vigilância da exposição: o filtro de pessoas para envio de conteúdos mais íntimos é ainda mais importante quando associado ao sentimento de deficiência em realizar as próprias escolhas. Caio parece ser visto como alguém ingênuo, que por vezes não sabe o que está fazendo, e que, por isso, precisa de supervisão. Essas vozes, dos amigos e da família, principalmente, acabam funcionando como guias que o impedem de ouvir as suas próprias, de construir o seu caminho e seguir sua intuição. Isso pode prejudicar um movimento de autonomia e ciência da sua capacidade de ação e de decisão. Nessa situação podemos dizer que se tem comprometida a possibilidade de geração de produções subjetivas diferenciadas que o levem a tornar-se sujeito nessa zona da vida. Nas palavras de González Rey e Mitjáns Martínez (2019, p. 74): “toda criação que ameaça o status dominante de um grupo e/ou funcionamento institucional é rejeitada por esse grupo social. Em face dessa tensão, o sujeito criador pode ou não se tornar sujeito do processo social que seu ato criativo inicia”.

Consideramos, no entanto, que Caio atua como agente dentro desse campo de experiências, pois ainda que não extrapole as normas sociais que estão postas, toma decisões (manter-se na rede *Facebook* após a exposição das fotos), assume posicionamentos (reconhece a necessidade de dizer não), expressa seus gostos e desgostos sobre o que lhe acontece (associações com pedofilia e patologia).

A articulação dos indicadores construídos levou à **hipótese** de que o receio da exposição passa tanto pela experiência concreta vivenciada, como pelo modo com que os discursos, as representações, os aspectos morais e religiosos existentes na nossa sociedade são subjetivamente configurados nele. Ainda que as formas de preconceito e estigma vivenciados atuem como barreiras para “sair do armário”, juntamente ao medo geral da aceitação e da resistência familiar, seu agir conforma um posicionamento subversivo. Podemos **hipotetizar** que ele se assume enquanto sujeito nessas situações ao romper com a norma do silêncio: mostrar o rosto na rede social, seguir tentando se abrir junto ao outro, guardar seus objetos ABDL em casa, ter uma loja de fraldas personalizadas, favorecendo novas vias de produção de sentidos em torno da sua sexualidade e dos seus relacionamentos de amizade e familiares.

3.1.3 Eixo de produção 3 – “Claramente eu”: O Instagram, o eu e o nós

Neste eixo concentram-se as expressões que articulam as relações de Caio com a família e com os amigos, bem como a identificação proporcionada pelo *Instagram*, a qual, além de facilitar aproximação, levanta a necessidade de estabelecimento de limites.

Ao falar de outras redes sociais que utilizava, Caio ressaltou como no *Facebook* se sentia mais exposto e com menos privacidade: “todo mundo vai saber o que você tá fazendo”. Em um episódio marcante, Caio teve fotos expostas em um grupo nessa rede social. Enquanto contava essa experiência, ele manifestava bastante agitação e angústia:

Caio: Pois é, eu tive minhas fotos expostas no *Facebook*, né, só que até onde eu sei só sabe quem me conhece, né, porque tem alguns amigos meus que sabe, né, **da minha história, dos meus traumas, dos meus fetiches**, e alguns deles descobriram, né, [...] quem não sabia não falou nada, né, só no máximo se tiver algum amigo meu que ainda não sabe sobre mim pensaram “olha, tem um cara escroto, psicopata que gosta de usar fralda, não sei o que” [...], mas os amigos que sabem que sou eu eles já recorreram até a meu *Whatsapp*, tipo me mandaram os *prints* lá que fizeram comigo, né, que acharam que foi muito errado. (grifo nosso).

Após esse acontecimento, como já mencionado em trecho do Eixo 2, Caio reconsiderou a manutenção do seu perfil na rede social. Enquanto o *Facebook* se caracteriza como ambiente mais “global”, que se reflete nas muitas solicitações de amizades recebidas, como Caio destacou, o *Instagram* representa, para ele, o oposto. Migrar de uma rede “onde todo mundo vai saber o que você tá fazendo” para uma onde isso não aconteceria, pode representar uma fuga dos policiamentos informais, ou seja, da desaprovação e do constrangimento das/pelas próprias pessoas que utilizam a rede social e que podem estigmatizar aqueles que expressam abertamente sua sexualidade (COLOSI; LISTER, 2019).

Sendo mais restrito, no *Instagram* o jovem pode vivenciar maior sensação de proximidade das pessoas e de controle, conferindo um caráter de exclusividade aos contatos e acessos das pessoas à sua página. Assim como a utilização da ferramenta “Melhores Amigos” como alternativa para lhe conferir mais privacidade e segurança, Caio também consegue impedir que pessoas indesejadas possam encontrar seu perfil no *Instagram*, como já mencionado no Eixo 2, quando “bloqueia” os perfis de conhecidos.

Para além dessa filtragem de pessoas, outras razões para utilização do *Instagram* em detrimento de outras redes podem ser identificadas. Essas razões, que acabam atuando como vantagens de uso, se assemelham ao identificado por Wignall (2017) em relação ao *Twitter*: é possível ter uma certa flexibilidade em relação aos níveis de privacidade, encontrar facilmente outras pessoas com interesses semelhantes, e alternar as contas utilizadas, o que, como aponta o autor, permite a separação entre os diferentes aspectos da “identidade *on-line*”. Também podemos remeter essa ação, tanto de bloquear os perfis indesejados, como de separar o perfil

baunilha do perfil *kink*, à estratégia de gerenciamento do estigma caracterizada pela “separação dos mundos” (COLOSI; LISTER, 2019), como já apontado.

O fato de mostrar o rosto nas suas fotos (que será explorado no próximo indicador) corrobora o senso de segurança imaginado, juntamente a toda a tentativa de separação mencionada anteriormente. Caio diz que, caso seu perfil não fosse privado, jamais mostraria seu rosto. Essa atitude pode representar uma falsa sensação de controle e de que não vai ser exposto, pois, ao contrário, isso pode acontecer a qualquer momento, como já aconteceu com o vazamento de fotos no *Facebook*.

Fora do ambiente virtual, no âmbito da família e das suas amizades, destacamos o trecho:

Caio: [...] Ai eu tenho uma, tenho uma gaveta que guardo tudo, né, assim, **que aqui no meu quarto tipo quase ninguém entra, né.** Quase ninguém mexe nas minhas coisas **então eu acho que é super seguro** porque assim, tem gaveta especifica, é... pra certas coisas (grifo nosso).

32. *Eu fico mais à vontade* quando eu estou sozinho em casa

Reforçar que “ninguém entra” no quarto se assemelha à atenção feita na separação das redes sociais, remetendo, novamente, ao estigma, agora na vida “real”, *off-line*. É relevante pensar que a sensação de segurança parece associar-se a estar escondido. Todas essas construções interpretativas levaram à formulação de um **indicador que traz a valorização e a importância da criação de espaços relacionais privados e seguros, seja *on-line* ou *off-line*, para Caio.**

É possível conjecturar que também entre as amizades, na busca por uma *Mommy* e por um relacionamento afetivo, privacidade e segurança são características vislumbradas. Entre os amigos, ele destaca quem “conhece seus traumas”, os que estiveram ao seu lado na ocasião do vazamento das fotos, buscando concretizar “histórias de afeto”. Nesse sentido, o vínculo afetivo e a expressão aberta que possibilitam o encontro real com o outro vêm com a condição de existência de um espaço seguro. As frases a seguir se associam a essa ausência ou presença do ambiente seguro e/ou à tentativa de construção desse espaço:

18. *Não confio* em tudo o que os outros dizem

44. *Meus amigos* não me apoiam sempre

51. *Costumo bloquear* pessoas que me desrespeitam

Como mencionado anteriormente, Caio conheceu o termo ABDL no ano de 2017 e algum tempo depois criou seu perfil *kinky* no *Instagram*. Quando perguntei da influência da utilização do *Instagram* na sua vida, Caio respondeu:

Caio: É, primeira coisa que eu pensei: **isso me resume tudo**. (Sorriso). Foi a primeira coisa que me veio em mente (sorrindo). Ou também: **claramente eu, né** (grifo nosso).

Conhecer os perfis *kinky* no *Instagram* e passar a utilizar a rede como sócio-sexual foi um marco na vida de Caio e no desenvolvimento dos aspectos relacionados à sua sexualidade. Contar sua reação nesse momento de conhecer a plataforma foi um movimento que expressou envolvimento e emoção, possibilitando a produção de sentidos subjetivos alternativos em relação à visão sobre si mesmo.

Além dos contatos e das novas amizades que fez, isso possibilitou a criação de uma rede de pessoas em outro aplicativo e sua festa de aniversário no parque com os colegas do *Age Play*.

Em outro momento, Caio me contou sobre a sua festa. O trecho da conversação foi apresentado na página 49. Caio pode verdadeiramente ter a chance de confraternizar e de viver a experiência de uma festa infantil com pessoas com as quais não precisa se esconder, não precisa “guardar na gaveta” onde ninguém mexe como os seus objetos. Acredito que essa experiência concreta seja mobilizadora de sentidos subjetivos relacionados a uma vivência positiva das suas práticas do *Age Play*, à externalização do gostar, como o fato de começar a postar fotos mostrando o rosto. Sobre esse assunto, conversamos:

Pesquisadora: Eu vi nas primeiras postagens que você não costumava mostrar seu rosto, né, e aí depois que você começou a mostrar. Por que você resolveu mostrar, o que que mudou?

Caio: Ah, eu acho que eu vi muitas pessoas mostrando, né, e isso me inc (interrompe) me deu mais uma confiança, né, pra fazer isso. Mas é mais no *Instagram* mesmo, ahh e no *FetLife* mostra um pouco assim, né, mas só um pouco, né.

Em outro momento, diz:

Caio: [...] gosto bastante de postar foto nos *stories* tbm, alguma coisinha, né, ahmm, é... ver o que as outras pessoas postam também, né, porque isso me motiva mais, não só me motiva, mas também é, ahm... como é que eu posso dizer, ahm, nossa, até fugiu a palavra, ahm... me inspira! A postar conteúdos assim, tipo fotos baseados nessas pessoas, eu fico, me sinto inspirado, sabe.

Apesar do receio de se expor, Caio começa a mostrar o rosto nas fotos do *Instagram*. Junto ao trecho anterior, de se sentir inspirado ao ver o que outras pessoas postam, ele parece

passar a se sentir incluído, identificado, pertencente, encorajado. Percebe-se, a partir dessa inserção, a importância das redes para a formação de comunidades. Foi a partir do *Instagram* que Caio pôde se inserir em uma comunidade maior, permitindo trocas, contatos e relações que caminham recursivamente entre o *on-line* e o *off-line*. A exemplo do que aponta Wignall (2017), os recursos da rede social podem ser utilizados permitindo o envolvimento em interações *on-line* que migram para o *off-line* e ao mesmo tempo podem continuar se desenvolvendo virtualmente.

Para exemplificar, no trecho a seguir Caio narra sobre o que aprendeu de novo em um grupo de *Whatsapp*. Como mencionado anteriormente, a partir dos contatos feitos no *Instagram* ele ingressou nesse grupo:

Caio: Eu tava em um desses grupos de *Whatsapp*, né, um grupo que só tinha homens ABDLs. Eles postaram vídeos de, é, pessoas trocando a fralda da outra, né, geralmente ABDL trocando a fralda de outro ABDL, ou a *Mommy* ou o *Daddy*, né, trocando a fralda do *Baby*, né. **Aí tem vários é... eles davam meio que várias dicas também, né, vários rituais, né, tipo a melhor forma de trocar a fralda também, né.** [...] Aí eu aprendi que a maneira mais fácil seria assim, né, tipo, passava, fazia tudo, primeiro colocava a fralda por baixo e fazia tudo, né, tipo, passava o lenço umedecido, passava o óleo, a pomada, o talco, ahm... os lugares certos pra passar a pomada, né, tipo, os lugares certos pra aplicar o talco também [...] (grifos da autora).

Como apontado por Bezreh *et al.* (2012), as pessoas podem se interessar pelo BDSM sem, necessariamente, conhecerem o que é BDSM. Desse modo, os grupos, além de promoverem a socialização dos seus participantes, podem conformar um espaço educativo e informativo.

Outra frase, exposta no eixo anterior, dialoga com as construções que estão sendo tecidas: “[...] o meu grupo é o grupo do *Age Play*, no caso né, que eu pertenço [...]”. A partir dessa teia de informações, elaboramos o indicador de sentido a partir do qual a **sensação de pertença à comunidade ABDL imprime em Caio o autoreconhecimento e favorecem uma visão positiva de si.**

A criação do perfil *kink* no *Instagram* representou um importante movimento na história de Caio. Compreendendo as limitações da pesquisa, nos arriscamos a conjecturar que essa experiência representou um movimento de desenvolvimento subjetivo. Considerando o desenvolvimento subjetivo enquanto

[...] o desenvolvimento de novos recursos subjetivos que permita ao indivíduo câmbios qualitativos em áreas diversas da vida e que lhe gerem um envolvimento pessoal cada vez mais profundo na área em que a configuração subjetiva do desenvolvimento se organiza (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017, p. 23).

Outras produções subjetivas surgem nesta área da vida de Caio a partir dos novos relacionamentos e dos tensionamentos provocados pela experiência. Essas produções vão abrindo uma dinâmica que reconfigura as configurações subjetivas existentes e conforma novas configurações. Para além de uma mudança subjetiva restrita à configuração subjetiva da sexualidade, outras configurações e sentidos se reorganizam.

Contrapondo-se à identificação positiva que lhe permitiu mostrar o rosto nas fotos, novamente temos o receio da exposição discutido no Eixo 2 e a valorização de espaços seguros e privados:

Pesquisadora: Mas por conta disso, assim, você tem vontade, você pensa algum dia assim “ai, seria bom se eu pudesse fazer isso no meu perfil pessoal”, se eu não tivesse receio...

Caio: Não (interrompe).

Pesquisadora: Não?

Caio: Isso... a não ser que eu me torne muito famoso, né, um dia, mas eu acho isso meio impossível de acontecer, tornar famoso igual o... igual, sei lá, Juliana Paes da vida, ou Neymar [...]. Eu acho um pouco difícil isso acontecer. E essas pessoas elas ou elas já são atores ou cantores, né, jogador de futebol. Eu não sou nenhum artista assim pra demonstrar, né, quem eu sou. Ainda, né, tipo, quem sabe (risos).

Essa interrupção foi muito significativa. Foi como se a questão colocada tivesse uma resposta óbvia, indiscutível. É possível identificar a ambivalência entre querer poder falar, querer não esconder, e ao mesmo tempo não estar em lugar de aparecer.

Além desse trecho, destacamos outra situação. Caio participou de um “concurso” para tornar-se embaixador de uma marca de fraldas internacional. Para concorrer, ele deveria fazer uma postagem dizendo por que gostaria de ser um promotor da marca:

Caio: [...] eu contei um pouco o meu lado, né, o meu lado ABDL, e meu gosto também, e o que que eu gosto de fazer também, é, eu falei que eu tenho amigos com os mesmos interesses que eu [...]. Aí eu falei por que eu gostaria de ser, porque eu gosto né, **eu não tenho vergonha de mostrar meu amor por elas, né**. Aí eu falei que eu sou criativo também, que eu tenho um grande talento artístico pra fazer desenhos e decorações, pra eventos também, aí eu cit... aí eu deixei implícito que era aquele bolo, né (grifo nosso).

Novamente parece haver uma idealização de como Caio gostaria de se sentir e se posicionar. Como visto, existe uma manifestação de vergonha e de medo de mostrar esse amor pelas fraldas. O anseio de expressar seus gostos e compartilhar os interesses comuns extrapola a vergonha. É como se a noção de pertencimento, ainda que em certa medida idealizada, superasse qualquer receio de exposição. Superasse a dificuldade em “sair do armário”.

Apesar dos receios relacionados à sua privacidade e à exposição, Caio também anseia estabelecer vínculos significativos. Além de espaços seguros para se relacionar, existe a seleção

das pessoas para as quais se pode contar, “amigos de confiança”, que conhecem sua “história” e seus “traumas”. As amizades provenientes do grupo de *Whatsapp*, por exemplo, ressaltam o potencial socializador das redes sociais:

Caio: Aí a gente foi conhecendo outras pessoas, né, tipo as pessoas dos grupos passaram, no *Whatsapp*, passaram o *Instagram* delas, né, tipo aí que eu consegui dar um, a gente conheceu gente nova, aumentando nosso círculo de amizade, aí eu só vi essas pessoas mesmo pessoalmente no ano passado, pelo menos a maioria delas, né.

39 . *Minha família* me apoia

44. *Meus amigos* não me apoiam sempre

É interessante observar que apesar de relatar que sua irmã acredita que ele “entregue as coisas muito fácil” e dos preconceitos do pai, Caio completa o indutor referente à família mencionando o apoio oferecido por eles. A partir desse trecho também podemos pensar no papel significativo que a família representa para a constituição do indivíduo. Ainda que Caio se queixe do comportamento preconceituoso do pai, quando fala da família, consegue perceber seu apoio.

O contrário acontece com os amigos: na contramão do que o complemento exprime, Caio relatou o apoio dos amigos na ocasião do vazamento de fotos, quando conheceu e visitou o *Daddy* e em outra situação ainda não mencionada, na qual Caio conta ter sido enganado, supostamente por um conhecido que sabia do seu lado fetichista e queria expô-lo, na rede social *Instagram*, no perfil baunilha. A pessoa em questão se passou por uma jovem que conversava com Caio sobre questões íntimas e dizia ter câncer; algum tempo depois, a também suposta mãe da jovem diz a Caio que a filha morreu. Nessa circunstância, Caio relatava que andava “meio desanimado”, contando do afastamento de algumas pessoas após o vazamento das fotos no *Facebook* e após descobrirem sobre seu perfil *kinky*. Na situação relatada, os amigos da faculdade prestaram suporte para tentar ajudá-lo a identificar a pessoa, assim como sua irmã. O acontecimento nos remete, mais uma vez, à importância atribuída a espaços seguros, ao receio da exposição e ao estigma atrelado à sua identidade.

A associação das construções elaboradas conformou um indicador de sentidos que expressa a **importância afetiva dos amigos e da aproximação às pessoas, aliada à valorização da história singular de cada um e das suas relações**. A dificuldade de aceitação da família e mesmo as experiências prévias com pessoas que o magoaram não reduziram as tentativas de estabelecimento de novos vínculos.

A articulação dos indicadores fez levantar a **hipótese** de que Caio, ao conhecer o outro semelhante, mas singular nas suas diferenças, se reconhece e se motiva a ser mais ele mesmo, buscando novas formas de expressão. Acreditamos, ainda, que as produções subjetivas individuais, articuladas no âmbito da família, conformam uma configuração subjetiva social da família na qual o silêncio constitui uma dimensão simbólica relevante para a produção de sentidos de Caio.

3.2 O Caso de Débora

3.2.1 Caracterização do participante e construção do cenário social da pesquisa

Débora é uma jovem de 23 que vive com sua família (mãe, avó, irmã) em uma cidade do interior de Minas Gerais. Ela transita entre Minas Gerais e a cidade de São Paulo, onde também possui familiares. O acesso ao seu perfil ocorreu pela indicação do outro participante, seguindo o método bola de neve (VINUTO, 2014). Assim como a página de Caio, a de Débora também é privada, o que demanda a solicitação de acesso para visualização das postagens.

As informações apresentadas já iam ao encontro dos critérios estabelecidos: tratava-se de um perfil *kink* que possuía em sua descrição *hashtags* como: #kinkcommunity, #catgirl e #petplay. Sua foto de perfil apresentava a ilustração de uma jovem cercada de pequenos gatos e com orelhas de gato. O nome exibido na descrição continha a palavra em inglês “*Kitten*”, que significa um gatinho bem jovem, um filhote. A partir dessas informações já é possível compreender que, dentro da comunidade *kink*, Débora está inserida no *Pet Play*, e mais especificamente, no *Kitten Play*. Além disso, a descrição do perfil também apresentava um ícone de “não permitido para menores de 18 anos”, junto à proibição expressa de que menores de idade não são permitidos.

Débora se identifica como mulher cisgênera e bissexual. Tendo já terminado o Ensino Médio, atualmente é vestibulanda de medicina. O primeiro contato com Débora aconteceu em junho de 2021, por meio do seu perfil do *Instagram*. Após esse contato inicial, também passamos a nos falar por meio do *Whatsapp*. Nesse momento, foquei em explicar o propósito da pesquisa e todos os pontos relativos à confidencialidade das informações, pois esse também foi um receio explicitado por ela. Parte fundamental nesse processo de estabelecimento do cenário social foi a adoção de um posicionamento transparente e concreto como pessoa, para além de me apresentar enquanto pesquisadora. Essa transparência me possibilitou envolvimento

e implicação no processo de pesquisa, os quais foram fatores que impulsionaram o envolvimento recíproco da participante.

O processo seguiu similar ao relatado anteriormente: foco no envio de mensagens de voz, assinatura do TCLE, autorização para seguir o perfil do *Instagram*. Assim como Caio, Débora possuía alguns Destaques em seu perfil que me permitiram melhor conhecê-la antes do nosso encontro virtual, realizado em seguida. O complemento de frases foi enviado depois de ter sido realizada a entrevista e contou com a inclusão de mais frases, diante da necessidade identificada pela pesquisadora. Durante o período de junho a dezembro de 2021, acompanhei as postagens realizadas por Débora em seu perfil, e eventualmente, algum *Story*, o que oportunizou o desenvolvimento de dinâmicas conversacionais informais via *Instagram*. Apresentaremos, a seguir, a construção das informações organizadas em eixos de produção.

3.2.2 Eixo de produção 1 - "Isso tem nome? Caraca...": *Eu, fetichista, Pet Player*

Neste primeiro eixo tentaremos apresentar os sentidos de identificação da experiência de Débora com o *Pet Play*: as implicações na sua personalidade e na expressão dela, os efeitos do *Pet Play* enquanto prática e o reconhecimento de si na comparação das diferenças possuídas pelos outros.

O BDSM entrou na vida de Débora antes que ela conhecesse o *Pet Play*. A jovem conta que o gosto por literatura e filmes a fez conhecer esse universo e que, ainda adolescente, buscava pelo BDSM na pornografia. O gosto por gatos, no entanto, sempre esteve presente de forma intensa, desde criança, em sua vida. Ela conta:

Débora: Eu sempre via, eu nunca tive um gato quando criança, sabe, eu tipo, fui ter gato depois de velha, depois de adulta, tipo, é... o gato pra mim sempre eu admirava muito gato, eu achava lindo, queria ter um pra mim, queria ser um, naquela época eu acreditava em Deus, então eu rezava toda noite pra, pra Deus me transformar num gato (risos).

No complemento de frases, Débora colocou:

1. *Eu gosto gatos*
10. *Minhas preferências gato*
21. *Sinto-me atraído por felinos*
49. *Sempre gostei de gatos*

É possível observar que em frases indutoras em etapas diferentes do complemento, a mesma informação (amor pelos gatos) é repetida. O desejo de se parecer com uma gata extrapolava a vontade (de ser) e também se apresentava no seu comportamento:

Débora: Mas tipo, eu ficava, tipo eu colocava um som, eu era, tinha uns 6 anos, eu colocava tipo sei lá, um travesseiro no, no chão da sala e deitava como se fosse um gato, entendeu... **Daí tipo eu ficava, eu ficava brincando de pegar coisa no chão entendeu, tipo que nem um gato, colocava tigela mesmo...** cara, por incrível que pareça colocava tigelas no chão, tigelas de água, porque eu queria ser um gato, eu me identificava assim, eu queria ser um gato (grifo nosso).

Ao narrar essa história, foi possível perceber uma reiteração e uma ênfase intensa na urgência de ser uma gata. A identificação parecia não bastar, pois a materialização e reconhecimento de si mesma enquanto uma gatinha estava faltando. Já na adolescência, o amor pelos gatos passou também para um domínio erotizado, e Débora relata ter fantasias sexuais com essas ideias em mente.

Em 2016, Débora contou que teve seu primeiro contato com o BDSM e que se considera fetichista a partir de então. O *Pet Play* apareceu depois por meio de outras interações. Durante nossa conversa, ela explicou como isso aconteceu:

Débora: Eu sempre soube que tipo, eu gostava de pelúcia, gostava de, sempre gostei de me, sempre me identifiquei como um bichinho, tal, mas eu não sabia que existia isso. Daí eu uma vez tava conversando com uma *domme*⁶, uma *pro-domme*, e ela chegou e falou assim: “Olha, tô procurando alguém pra me servir no bar – não vou citar o nome (risos) – tal, e você tá a fim?”, daí eu falei “Tô, mas é... eu nunca me submeti a ninguém”, daí eu falei, daí e..., **daí eu falei que eu tinha tais, eu falei que eu tinha vontades e tal, que eu engatinhava, e que ficava imitando um bichinho... que ela falava “Olha, o que você gosta é Pet Play”.** Daí eu falei “Isso tem nome? Caraca...”, daí ela falou, daí eu falei: “Nossa, mas isso é muito estranho, eu nunca falei isso pra ninguém, é uma coisa bem esquisita mesmo, me sinto muito esquisita”, ela falou: **“Tudo bem. Eu vou te dar um par de orelhinhas e você vai ser e você vai servir pra... você vai servir a mim”.** E tipo, foi de uma forma totalmente natural (grifo nosso).

A descoberta do *Pet Play* demarca um momento na trajetória de Débora de reorganização de sentidos. A configuração subjetiva do gosto pelos gatos tem novos sentidos incorporados ao mesmo tempo em que, a partir da emergência da novidade e desse tensionamento, torna-se fonte geradora de outros sentidos.

Interessados em investigar a experiência de pessoas que se engajam no “*puppy play*” (sinônimo do tratado anteriormente como *Pup Play*), Langdridge; Lawson (2019) identificaram alguns temas que orientam o desejo das pessoas de se envolverem nessa prática, quais sejam: prazer sexual; relaxamento, terapia e fuga de si mesmo; brincadeiras adultas e fisicalidade vibrante; estender e expressar a individualidade; e relacionamentos e comunidade. Ainda que

⁶ *Domme* representa, dentro do BDSM, as mulheres dominadoras. Os termos *Domme* e *Top*, utilizados no texto, representam os papéis que performam a posição de dominância dentro de uma sessão BDSM. As *Pro-dommes* são dominadoras profissionais.

estejamos falando em *Kitten Play*, que difere do *Pup Play*, é possível se apropriar das lentes utilizadas, já que ambos estão inseridos dentro da cena macro do *Pet Play*.

Retomando o ponto trazido anteriormente, além de na época da adolescência (ainda que não estivesse inserida no *Pet Play*) Débora já vivenciar sexualmente a experiência de ser uma gata, após conhecer o *Pet Play* a motivação para praticá-lo também esteve ligada ao prazer sexual. Apesar disso, a vivência do *Kitten Play* não está restrita a esse aspecto, como veremos a seguir.

Uma prática relatada por Débora trata-se da criação do chamado *Kitten Space*, que descreve como:

Débora: O *kitten space* é como se fosse um *pet place*, mas relacionado ao gato, né, *kitten* de gato, gatinho, pet, o gato. [...] Ah, tipo é um momento teu, entendeu?! [...] Geralmente é uma prática que as pessoas até assemelham com a meditação, sabia?! [...] Tem pessoas que são um transe tão grande, entendeu, que as pessoas fazem essa associação, entendeu. Com tipo um, como um poder hipnótico, vamo dizer assim.

Entrar no *Kitten Space* significa tornar-se cada vez menos humana e aproximar-se mais da sua forma felina. O potencial relaxamento vinculado à criação desse espaço permite que Débora o associe à hipnose, à meditação e a uma espécie de transe. A entrega de si a esse momento revela uma emocionalidade muito presente no momento da narrativa. Para “entrar” no *Kitten Space*, Débora também utiliza brinquedos, como bolinhas, e adereços, como orelhinhas. Como apontam Langdridge; Lawson (2019), o uso dessa “parafernália” possibilita não uma mera utilização dos objetos como uma imitação mimética desse animal, mas pelo contrário, permite que o praticante *se torne* um pet. No caso de Débora, permite que ela se transforme cada vez mais em uma gatinha.

Langdridge; Lawson (2019) e Wignall¹; McCormack (2015) também registraram, entre os praticantes do *Pup Play*, a criação desse espaço de relaxamento, chamado por eles de “*headspace*”, que poderia ser traduzido como um estado de espírito e de mente, um “agora irrefletido e não processado” (LANGDRIDGE; LAWSON, 2019, p. 2208, tradução nossa). Os autores enfatizam o *headspace* como espaço de escape do mundo exterior e de si mesmo, que se relaciona com a suspensão das responsabilidades da vida adulta. A sensação de liberdade advinda desse momento também pode se associar a um bem-estar psicológico.

Além da “parafernália” e dos equipamentos que intensificam e contribuem para a experiência do *Kitten Play*, a relação de dominação/submissão com seu dono também é representativa. Apesar de conseguir entrar no *Kitten Space* sozinha, Débora aponta que não consegue “entrar tão bem” e que “não chega a ser um transe” comparativamente à quando está

com alguém. Langdridge; Lawson (2019) também identificaram a importância do papel dos “handlers”, aqueles que cuidam/tomam conta dos Pets, para a criação do *headspace*. Eles têm o papel de guias: além de cuidar do filhote, são responsáveis por treiná-los e por oferecer um espaço seguro para brincadeiras e para discipliná-los. Sobre isso, Débora diz:

Débora: Por isso que muita gente me pergunta: “Nossa, como, como que eu faço pro meu sub entrar no, no, no, *pet play*?”, entendeu. Eu uso o que funcionou comigo, entendeu, que a minha dona usava comigo. **Ela, desde que a gente se conheceu na internet, ela não usava meu nome. Ela sempre me chamava de gatinha, entendeu. Tipo, quando a gente sentava assim, pra comer alguma coisa, eu nunca sentava no chão, eu sempre sentava no chão, entendeu.** E isso antes da gente, da gente ter esta, ter esse, a gente fazer uma cena mesmo. Então teve toda uma preparação, entendeu (risos). [...] E tipo, muitas outras coisas, do tipo **passava, mostrava a orelhinha, brinquedos... então de, é por isso que eu acho que tem gente que associa um pouco com uma auto, com uma auto hipnose, assim, sabe** (grifo nosso).

Débora revela grande admiração pela sua dona. A intensidade da experiência fica nítida na forma como ela conta sobre sua relação, suas práticas, gostos e de como a submissão é sentida. Ao dialogar sobre esses temas, revela uma fala mais voluntária e empolgada. Nesse mesmo sentido, Langdridge; Lawson (2019, p. 2205, tradução nossa) apontam que “O prazer sexual está intimamente ligado à dominação/submissão em muitos casos. Ser emocional, relacional e sexualmente subserviente a um filhote mais dominante, a um *handler* ou outro humano mais dominante é uma característica central do papel do filhote/cão”.

A *Domme*, responsável por apresentar a prática a ela, tem lugar como pessoa de confiança e capaz de mobilizar Débora à ação. Ademais, parece ser uma figura representativa que carrega um valor simbólico: o de liberdade/libertação. Em seu perfil no *Instagram*, Débora possui algumas fotos com essa *Domme*. As mais antigas revelam a mulher de pé e Débora de joelhos ao lado dela. Na legenda, o poema “Ode ao Gato”, de Pablo Neruda. Na segunda foto, tirada no mesmo momento da anterior, a legenda diz: “Ela aprendeu oq é liberdade quando descobriu quais eram as suas prisões”. Já sua postagem mais recente, com outra *Domme*, apresenta uma sessão de *training*. No pequeno vídeo, Débora veste orelhinhas, luvas com o formato de patas e uma coleira, por meio da qual é conduzida pela *Domme*. Na legenda: “*Training* de respeito”. Esses elementos reforçam não apenas o papel da “parafernália” *kinky*, como também dão indícios sobre como a experiência de submissão é uma das condições para o desenrolar da prática.

A inserção de Débora no *kink* e adesão às práticas BDSM foram motores de transformação na configuração subjetiva da sua personalidade. Ademais dos elementos simbólicos da representação de uma gatinha, a serem tratados posteriormente, as emoções geradas na e pela experiência também possibilitaram a emergência de sentidos de pertencimento

e serenidade. No trecho a seguir Débora fala sobre a revelação do fetiche para o terapeuta e sobre como se sente comparando quem era antes de se abrir para o fetiche e como é agora:

Débora: Ah, eu era muito raivosa, muito... muito deprimida, não gostava, e eu era totalmente misantropa, entendeu (risos), odiava pessoas, entendeu. Odiava ter qualquer contato com as pessoas, as pessoas me davam pavor, as pessoas me davam raiva. Hoje não, hoje eu sou bem mais tranquila, mas eu me sinto muito mais confiante quando eu tô pra conversar com uma pessoa quando eu estou na forma de um gato (grifo nosso).

Essas informações possibilitaram construir um **indicador sobre a intensidade com a qual ser uma *Kitten* é vivida, a qual mobiliza e transforma o existir e as experiências de Débora.**

Como destacamos, um elemento marcante na sua prática é a ocupação do lugar de submissão dentro das relações estabelecidas nos cenários *kink*/BDSM. Sua identidade também se organiza por sentidos subjetivos que valorizam a entrega e a doação ao se assumir enquanto *bottom*⁷. A experiência da submissão se aproxima do anseio de cuidado que “ser” um filhote pressupõe. Sobre isso, diz

Débora: Ahm... eu me considerava *switcher*⁸ antes, mas depois eu, que eu experimentei uma coisa, experimentei de verdade mesmo, eu falei, meu... não, eu não quero, eu não tenho essa potência pra, pra... pra sei lá, pra mandar em ninguém, entendeu, eu não tenho esse gosto, não tenho... cara, eu nem sei como é que fazer. Por isso tem muita gente: “Nossa mas você não prefere ficar mandando e desmandando nas pessoas e não sei que?” Cara, não! **Eu vou abrir mão de todo carinho que eu gosto, de todo carinho que eu ganho, de todo, de toda atenção que eu ganho, por isso, por dinheiro, por presentes?** Cara... os bo, os tops eles ganham muitas coisas mesmo, dos dos *bottoms*, mas... é... eles tipo, não tem essa coisa... ah, não sei como explicar, essa coisa que não é física, entendeu, não é material.

Pesquisadora: Essa entrega, como se fosse isso...

Débora: É, tipo, tipo eu acho que tem coisas que, tem coisas que... tem coisas que não... não, não podem ser compradas, ou **tipo...cara, é muito... é muito forte** (grifo nosso).

A encenação de troca de poder com a finalidade de obter diferentes tipos de prazer é uma das características do *kink* que possibilitam nomear Débora como *kinkster*. A respeito disso, ela acredita que o termo “é uma coisa mais relacionada com [...] perverter aquilo que já, que tá preestabelecido, né. Aquilo que já, perverter a sua sexualidade [...]”. Esse movimento de “perverter” e de transgredir passa por muitas ações e comportamentos de Débora, que serão tratados mais adiante. Apesar disso, ao identificar-se com o *kink* ela também delimita a sua

⁷ Os termos *Bottom* ou *Sub* representam papéis de submissão dentro do BDSM.

⁸ Os *Switchers* representam uma terceira categoria, pois alternam entre os papéis de dominância e submissão.

identidade: “Mas é só uma questão de... de o *kink* tá ligado a todos os fetiches, né. Mas eu me identifico mais com o *Pet Play*”.

Sobre os efeitos da submissão e sobre a encenação desse papel, Débora realiza outras associações e interpretações. Como veremos depois, ela reforça intensamente a diferenciação entre as práticas do *Pet* e do *Age Play*. Ainda assim, em uma tentativa de explicar o laço da relação sub/top, ela recorre a alguns elementos etáticos, como os trechos a seguir ilustram:

Débora: É muito íntimo também, né, porque muita gente não sabe, mas o BDSM ele regride você a uma idade. Quando você entra nele, mesmo não sendo *Age Play*, nem nada do tipo, você já é regredido, entendeu, pra uma idade mais inferior, tipo mais pro adolescente, mais pra criança, entendeu, porque é o que, é quem serve, é quem, é... o *top* é quem tipo, você obedece. Ou é tipo seu mestre, seus pais, entendeu.

Débora: Foi, naquela época também era uma coisa, foi um lance muito assim, recíproco, sabe. Porque naquela época a *Domme* tava no estágio final da gravidez dela, tipo... tava, o bebê dela ia nascer, então provavelmente os instintos, bom, não sei se as pessoas acreditam em instintos maternos, e tal, mas tipo... eu tinha bastante disso...só que o bebê dela era um menino, daí ela falou assim: **“Olha, eu nunca tive uma menina, então você vai ser a minha menina hoje, pode ser? Você vai ser meu bebê hoje”.** Isso sem, sem *Age Play* envolvido, tá. [...] Quando ela falou aquilo eu me senti muito esquisita, sabe, tipo... ou, para de me chamar de bebê na frente das pessoas... entendeu?! Pô, sou uma mulher adulta, tô estudando, que não sei que, eu tenho meu trabalho...então, tipo, me senti meio esquisita, mas depois, cara, abracei a ideia e... adorei (grifo nosso).

Viver a experiência uma primeira vez traz medo, insegurança e estranheza, principalmente pensando em como o que está sendo vivenciado foge do normativo e da normalidade pré-estabelecidos. Ao se envolver e se enxergar mais na prática em curso, essa sensação parece diminuir. Débora também associa a “regressão” mencionada a aspectos da teoria psicanalítica de Freud, como se buscasse recursos explicativos para o fetiche.

Para denominar-se praticante do *Pet Play*, Débora vai afunilando seus atributos de identificação. Dentro do *Pet Play*, ela se identifica com o *Kitten Play* que, por sua vez, não fala somente da identificação com gatos, mas da identificação com filhotes.

Débora: Pelo menos é o que um deles me disse, porque eu não posso falar porque eu não sou um *puppy*, eu sou um *kitten*, uma *kitten*, entendeu. Então a minha personalidade é completamente diferente. **O gato é completamente diferente do cachorro** (grifo nosso).

Isso também foi possível de ser observado em seu perfil do *Instagram*. Débora possui um Destaque no qual explica a diferença entre “*Cat Play*” e “*Kitten Play*”. Além dessa especificação, ela recorre àquilo que não é ou que não a representa para reforçar os seus atributos de identificação. Nos trechos a seguir, a jovem menciona dois grupos, os *Cosplayers* e os *Age Players*, destacando essas distinções. Ela também menciona a cultura *Furry*:

Débora: Mas muita gente associa, o que mais associam o *Kitten Play* ao *Age Play*, né, **o que é bastante complicado**, mas é por causa do visual, né, que é, que são as orelhinhas, que são aqueles *chokers*, que a galera acha que é bonito e tal. Até gente que não pratica, nunca praticou BDSM nem sabe o que é coloca orelhinha, é... pra essas tipo, reunião tipo de *Cosplay*.

Pesquisadora: Isso...

Débora: Muito, muito. E a galera acha que é um *Cosplay*, mas num é... (grifo nosso).

Débora: (Risos) Eu queria entender se você ligava bastante ao *Age Play*, **porque eu acho isso bastante problemático**.

Pesquisadora: Não...

Débora: Pra mim. Porque tem gente que acha que automaticamente quem é *pet* é *age*, entendeu (grifo nosso).

Débora: **Então eu me considero uma *Pet Play* pura** também porque... tipo, as pessoas, os *Age Plays* que estão no meio, eles bas, eles não pet... como é que eu vou explicar, eles não são *Pet Plays*, **eles utilizam do nosso estilo** porque é esteticamente bonito, é esteticamente agradável. Né, tem aquela coisa fofinha, da pelúcia e tal, mas... a gente num.. num curte regressões a infância (grifo nosso).

Débora: o *Furry* ele é uma cultura que traz... que as pessoas, parece com o *Pet Play*, as pessoas se vestem como bichos assim, mas é mais uma coisa relacionada à pele mesmo. À pelúcia. E eu me identifico muito com a pelúcia assim, é muito, ah é muito (suspira, sorri e passa as mãos nos braços) é muito acolhedor, entendeu [...].

Essas construções levaram à formulação de um **indicador de sentidos sobre a demarcação da diferença e autoafirmação da identidade *kitten***. Ao se afirmar enquanto fetichista, “*pet player* pura” e *kitten player*, Débora também sente a necessidade de buscar características específicas que lhe colocam em um lugar diferente dos demais grupos. Isso parece mobilizar sentidos de pertencimento e oferecer recursos de identificação para que ela se reconheça. Tal reconhecimento vem tanto da ideia de enxergar atributos comuns ao grupo, como de incorporar esses atributos como se numa expectativa de “passar a ser”. Essa conjectura será explorada mais adiante.

Com relação ao *Cosplay*, é interessante observar que, apesar da diferença manifesta, Débora se apropria da própria confusão do discernimento das pessoas como estratégia para lidar com a família:

Débora: Minha mãe chega pra mim: “Nossa, você comprou outra orelha, orelha de gato! Você vai no carnaval com esse?!” Que não sei o que, “Você vai participar do carnaval?”. “Mãe, eu nunca fui num carnaval na minha vida, porque você tá falando que eu vou no carnaval?”. “Mas onde você vai usar isso?”

Pesquisadora: (Risos) Aí o que que você responde pra ela?

Débora: Eu falo, mãe, eu uso pra tirar foto. É um *cosplay* (grifos da autora).

Pesquisadora: Aí ela entende *cosplay*?

Débora: Ela entende.

Mesmo demarcando bem o seu lugar e enfatizando a diferenciação do *Cosplay* e do *Furry*, ela se esquia se utilizando dessa justificativa. Outro tema que se destaca é a relação

estabelecida com o *Age Play*. A dessemelhança apresentada é reiterada de forma mais intensa, o que incluiu algumas interrupções da minha fala. Quis trazer alguns questionamentos durante o encontro por ter observado essa inquietação também no perfil do *Instagram* de Débora. Ao falar do *Age Play*, ela parece demonstrar uma necessidade exagerada de não ser confundida com esse “outro”. Em um vídeo ferramenta *Reels* do *Instagram*, a qual permite a gravação e a edição de vídeos curtos, ela apresenta algumas frases: “*Pet play* não é um estilo mas sim um fetiche”; “*Pet play* nada tem a ver com zoofilia isso é crime”; “*Pet play* não está ligado ao *age play* necessariamente”.

Ademais do que já foi discutido, Débora também se preocupa em desvincular seu fetiche da zoofilia, trazendo à tona a problemática da criminalização das sexualidades dissidentes, mais especificamente, fetichistas. Ao referir-se ao Sadismo e ao Masoquismo Sexual, Lin (2017) aponta:

Embora os critérios diagnósticos contemporâneos de Sadismo Sexual e Masoquismo Sexual enfatizem mais fortemente se a condição afeta "áreas importantes de funcionamento" em vez da criminalidade ou imoralidade do ato como os primeiros psiquiatras prescreviam, essas categorias diagnósticas são mantidas e justificadas por sua prevalência na “população forense” e as potenciais consequências criminais associadas a elas. (LIN, 2017, p. 315, tradução nossa).

Ainda que exista a preocupação por afastar o *kink* da doença e do crime, como será apresentado no terceiro eixo, a experiência do *Kitten Play* também carrega sentidos relacionados à vergonha e à estigmatização que se integram na configuração subjetiva do fetiche.

O processo de tornar-se uma gatinha, como já mencionado, pressupõe um ritual de transmutação, e não apenas de imitação. É nesse percurso que Débora deixa de ser humana e se transforma em Chi:

Débora: Ele é um anime japonês, é que... o personagem no caso era um coe... que é um anime de *Furry*, né, japonês, que eu me identifico muito com *Furry*. Mas o personagem no caso era um coelho, mas **eu peguei esse nome Chi pela personagem da coelha, que ela tinha uma personalidade mais quietinha, mais submissa assim.** Mas ao mesmo tempo **ela tinha um lado negro bem... ela era bem aberta com a sexualidade dela** (grifo nosso).

Como o nome real tem origem em uma história em quadrinhos japonesa, escolhi o nome de um personagem gato de um anime como substituto. Débora se refere a ela e à figura da gatinha de forma separada e fala de Chi na 3ª pessoa do discurso.

Débora: As duas não se misturam de forma nenhuma. **A Débora tem uma com, tem uma personalidade completamente diferente da Chi...** tipo, a Débora é bem mais

seca, mais.... mais... como é que fala, mais reservada, chata até, tipo... Já a Chi não, a Chi é um filhotinho, que só quer brincar, entendeu...(grifo nosso).

Chi parece representar o oposto do que Débora é. Enquanto a humana vive em um mundo real de problemas, responsabilidades e julgamentos, a gatinha quer simplesmente aproveitar seus momentos sem complicações e estar perto das pessoas do jeito que é. Considerando o fato de Débora ser uma vestibulanda de medicina, essas responsabilidades podem envolver tensões e incertezas. Algumas frases do complemento demonstram as expectativas envolvidas nesse processo:

- 7. *É importante* estudar
- 24. *Minha maior vontade* hoje é ir para a faculdade dos meus sonhos
- 28. *Queria* ser médica

No trecho a seguir, Débora fala das preferências de Chi:

Débora: Ah, geralmente ela curte dormir, como todo gato, (risos) da idade dela, principalmente. Ela curte tudo que um filhotinho curte, ela gosta de brincar, ela gosta de carinho atrás da orelha... ah, e outras coisas, entendeu. Gosta de roçar na perna das pessoas, (risos) imagina a cena, (risos) daí tipo, é muito bom, entendeu.

Sua fala tem pausas e suspiros, exprimindo grande satisfação ao reviver a lembrança. Ao mesmo tempo em que percebemos a dualidade e a oposição, a personalidade da gata pode ser uma projeção ora daquilo que Débora deseja ser, ora daquilo que ela já é, mas que não é expresso. A seguir, mais alguns trechos:

Débora: [...] tipo, eu brinco que eu sou um gato de rua, então, tá na casa de um, tá na casa de outro... **tô aonde me deem carinho e comida** (risos) (grifo nosso).

Débora: Sim, nossa... minhas roupas inteiras, meu guarda-roupa inteiro, meus objetos tudo são, tem muito gato, entendeu, então gato sempre foi uma figura muito forte pra mim, eu me identifico muito com gato em todos os sentidos. **Até porque o gato ele é arisco, entendeu, não é qualquer pessoa que chega perto dele, você precisa ter a confiança do gato primeiro...** tipo, se você der um osso pro cachorro ele vai te amar pra sempre, o gato não... tem que, né, tu tem que esperar o momento do gato. E o gato, se você conseguir a confiança dele, ele te serve pro resto da vida (grifo nosso).

Débora: Gato também é territorialista, também.. isso, isso eu tenho muito, muito em comparação com o gato também, eu sou, eu também sou muito territorialista, eu também nunca fiz sessões de *Pet Play* em conjunto, não gosto. Só quando, só quando o pet for diferente de mim, entendeu [...] (grifo nosso).

- 72. *Sonho* que posso ser um animal 24/7

Os trechos apresentados nos possibilitam pensar nos sentidos de ser uma gatinha. As comparações parecem uma forma de justificar as características comuns entre Débora e Chi.

Outra conjectura possível é que o cuidado requerido pelo filhote se mistura à vontade de Débora de ter atenção, carinho, de estar próxima de outras pessoas e de vista sem nada além da sua essência, a qual estaria presente em Chi. Ideia semelhante foi apresentada em trecho anterior, quando Débora revelou não desejar abrir mão do carinho e da atenção que recebe no papel de submissa para performar um papel de dominância. Construímos, assim, **um indicador que revela o movimento compensatório entre a personalidade felina almejada e a personalidade humana**. O anseio por cuidado concretizado na persona Chi também aparece na forma com que a regressão associada ao *Kitten Play* (mencionada em trecho anterior) é subjetivamente configurada.

Indo ao encontro dessas construções, Langdrigde; Lawson (2019) identificaram que um dos pontos-chave para os praticantes do *Pup Play* é a oportunidade de expressão da sua individualidade, que se manifesta na possibilidade de explorar diferentes aspectos da personalidade, contrapondo características opostas, por exemplo. Segundo os autores, esse trânsito entre a persona humana e a animal, em constante diálogo, também poderia gerar uma transferência entre as personas e facilitar o desenvolvimento do “humano”. Com relação à Débora, podemos associar esse desenvolvimento, psicologicamente relevante, ao trecho anteriormente mencionado, no qual ela relata a experiência de compartilhar o engajamento no *Kitten Play* com seu terapeuta.

Ainda sobre a separação entre a persona humana e a persona animal, quando começamos nossa conversa, notei que Débora vestia um par de orelhinhas, mas pensei que isso se relacionasse apenas ao assunto de que trataríamos. No entanto, após algum tempo de diálogo, ela relatou que se sentia insegura perto das pessoas sem os seus trajes de gato. Questionei se esse era o motivo de ela vestir as orelhinhas, ao que Débora me respondeu afirmativamente. Nesse momento, ela me relatou sobre o quanto era difícil estar com uma pessoa estranha como eu. Falamos sobre o seu nervosismo e retomamos nossa conversa em seguida. Alguns minutos depois, ela retirou as orelhinhas. Esse foi um momento determinante dentro da construção do cenário social. Sutil e indiretamente, daquele instante em diante senti que eu tinha sido aceita por Débora e que tinha a confiança de Chi.

O conjunto de indicadores permitiu propor a **hipótese** de que a configuração subjetiva da sexualidade de Débora está atravessada pela configuração subjetiva do fetiche, a qual se expressa em sentimentos de pertencimento, carência, autoafirmação, fuga da realidade e crescimento pessoal. Os sentidos mobilizados diante da experiência do fetiche conduzem à sensação de reconhecimento sentida por Débora, que cada vez mais próxima do ideal de si, deseja estar por mais tempo na sua forma animal, ainda que contraditoriamente isso represente

viver em um mundo paralelo. Ao mesmo tempo, a expressão como gata aparece como nova fonte de sentidos, oferecendo um novo caminho, uma nova possibilidade de existir, o que não quer dizer que esse caminho supere ou extrapole os sentidos existentes, mas que oferece novos recursos para que Débora seja apenas Débora, seja Chi, e seja Débora-Chi.

3.2.3 Eixo de produção 2 - "O que eu mais gosto do Instagram: conversar": Interações e explorações virtuais

Este eixo apresentará os usos do da rede social *Instagram* por Débora e a repercussão que esse uso provoca nas suas interações e na forma como ela se expressa nas redes sociais. Retomando a discussão anterior sobre a separação entre as personalidades de Chi e de Débora, é possível perceber não somente a distinção de características e comportamentos, mas a divisão entre o existir das duas personagens:

Débora: Eu sou literalmente duas pessoas. As duas não se misturam, literalmente.

32. *Eu fico mais à vontade como um animal.*

Aliada a essa separação de personagens, a questão de diferenciação e autoafirmação da identidade *kitten* aparece demarcando os espaços passíveis de expressão de cada uma dessas personagens: o espaço da família, o espaço das redes sociais, o espaço do grupo *kinky*, por exemplo.

Débora: Então tipo, a gente tem abertura propriamente mesmo dentro da nossa, do nosso círculo, né. A gente não tem muito fora disso, entendeu. **A gente não joga isso** (faz com as mãos abrindo) **pras pessoas assim.** Até porque a gente não quer isso, porque não tem nada a ver né?! (grifo nosso).

Débora: Não, eu tinha medo da identificação mesmo, eu tinha, eu achava que as pessoas, a paranoia era tão grande que eu achava que as pessoas iam rea... iam, como é que é... rastrear o ID, que não sei o que, e iam chegar à minha pessoa, sabe (grifo nosso).

65. *Tenho vergonha de ser descoberta*

No primeiro trecho, ela justifica o fato de restringir sua expressão como Chi ao seu círculo *kinky*. No segundo, fala do receio de ser identificada pela família. Por conta desse receio, adiou a criação de redes sociais próprias e manteve, inicialmente, suas explorações do meio BDSM restritas a fóruns *on-line* sobre o tema. A frase do complemento, que fala da vergonha de ser “descoberta”, reforça o “não tem nada a ver, né”: apresenta o cuidado com a seleção do que pode ser revelado em cada contexto. A vergonha associada à exposição da sua identidade

kinky também aponta para o receio da estigmatização ligada às sexualidades não-normativas. A percepção do *kink* como esse algo “estranho” pode ser encontrada, inclusive, na própria concepção de Débora sobre o fetiche, o que será discutido no próximo eixo.

Com esse movimento, percebemos também em Débora a utilização de estratégias de gerenciamento desse estigma (COLOSI; LISTER, 2019). A separação “literal” entre Débora e Chi acontece dividindo os mundos passíveis de serem habitados por cada uma delas. A vida baunilha e a identidade *kinky* são reveladas cuidadosa e seletivamente. O muro que divide esses mundos parece, no entanto, ter algumas brechas.

Mesmo mantendo redes sociais separadas, um perfil baunilha e um perfil *kinky*, a separação parece não ser suficiente e, aos poucos, novas informações vão sendo reveladas:

Débora: Tipo... eu acho que é mais prum perfil *kink* mesmo, mas as vezes eu dou, eu fujo um pouco do assunto pra minha vida cotidiana, por exemplo, já fiz vídeos tipo abrindo livros, essas coisas que eu gosto, já mostrei filmes, jogos...

74. Liberdade é poder ser quem se é

De fato, observando o perfil de Débora, notamos algumas mudanças nas suas publicações ao longo do tempo. Inicialmente, as postagens limitavam a visualização do seu rosto e mesclavam-se com conteúdos sobre o fetiche, poemas e fotos monocromáticas, oferecendo um visual bem organizado e estético. As publicações passam a exibir seu rosto por completo e, uma mais recente, mostra até mesmo a preparação de uma receita culinária. Durante um período, Débora também passou a publicar em seus *Stories* sugestões de filmes que gostava.

Diante disso, elaborou-se um **indicador sobre a necessidade de Débora de expressar sua identidade integralmente no Instagram**. Mesmo sem revelar abertamente à família sobre o fetiche e o significado das roupas e adereços de gato, os universos de Chi e Débora parecem mais conectados do que ela admite. A liberdade associada à congruência de *ser* pode estar presente em pequenas ações como essas, o que conjecturamos tratar-se de um posicionamento subversivo às normas da separação reforçadas por Débora.

Discutimos, anteriormente, a demarcação da identidade *kinky* de Débora e sua diferenciação em relação a outros grupos como formas de autoafirmação. Tendo iniciado seu contato virtual com o BDSM nos fóruns, foi sua dona a responsável por incentivá-la a criar um perfil nas redes sociais, o que facilitaria a comunicação das duas. Ao passar mais tempo *on-line*, Débora também vai criando mais vínculos e sentimentos de pertença ao grupo: “todos nós nos conhecemos, somos, querendo ou não, um grupo fechado”.

Entretanto esse grupo, apesar de fechado, não é inacessível. Débora demonstra bastante interesse em mergulhar cada vez mais dentro do mundo do *Kitten Play*, conhecendo as práticas, pesquisando, e difundindo esse conteúdo para as pessoas que chegam até o seu perfil. Ela relata, inclusive, que alguns se aproximam com muitas dúvidas, por isso tenta falar sobre o assunto de maneira mais instrutiva:

Débora: “Agora tipo, eu identifiquei pessoas que gostam da mesma coisa que eu, hoje em dia eu falo tipo, as pessoas perguntam “Ah o que que você gosta?”, “Ah, eu gosto de *Pet Play*, eu sou uma *kitten* e tal”. Tipo eu virei tipo, pesquisei tanto, que eu posso me considerar uma *expert* no assunto, (risos) entendeu”.

8. Acredito que preconceitos vêm da desinformação.

Essa concepção se aproxima da definição de SM/*kink* trazida por Newmahr (2010) e do lugar no qual Wignall (2017/2018) situa o *kink*. Ambos inserem as atividades *kinky* dentro do quadro conceitual dos estudos de “lazer” de Robert Stebbins, compreendendo-as como “*serious leisure*”: atividades que têm como características, dentre outras “a necessidade de perseverança”, “a busca do lazer como carreira” e “esforço envolvendo a aquisição de conhecimento, treinamento, experiência e/ou habilidades especializadas” (NEWMahr, 2010. p. 318, tradução nossa).

Ao observar o perfil de Débora, encontramos, nos Destaques, *posts* explicativos sobre o *Kitten Play* e o BDSM. Uma das postagens do seu *feed* mostra a foto da silhueta de um gato, e na legenda, um outro texto explicativo que fala sobre como brincar no *Pet Play*. A frase do complemento apresentada (n. 8) reforça esse movimento orientado a um certo tipo de ação educativa. É como se Débora buscasse oferecer as informações às quais tem acesso hoje às pessoas que chegam até o seu perfil. Acerca desse assunto, Bezreh *et al.* (2012) discutem as implicações do estigma nas experiências individuais de praticantes de BDSM, argumentando que esses sujeitos acabam não recebendo tanto suporte quanto outras minorias sexuais. Os autores defendem a necessidade de se pensar em estratégias de educação sexual que considerem questões pelas quais esses indivíduos se veem atravessados, como o julgamento e a decisão sobre “sair do armário” ou não, sugerindo ações, sobretudo partindo da família, que apresentem “respostas compassivas à variação sexual humana” (p.54).

Essa atitude instrutiva também se revelou em nosso diálogo, nos momentos nos quais ela me explicava sobre os sentidos do par dominação/submissão e sobre aspectos das próprias práticas. Nesses momentos, a participante se engajava de forma mais comprometida na conversa. A empolgação para falar sobre o tema trouxe mais fluidez à fala de Débora. A partir dessas interpretações, construiu-se um indicador de sentidos no qual o **anseio pela exploração**

do desconhecido mobiliza uma expressão comprometida com o fetiche. González Rey e Mitjáns Martínez (2017, p. 45) apontam que “o estudo da subjetividade requer a expressão plena da pessoa, aquela na qual as emoções aparecem, implicando, na maior parte das vezes, reflexões pessoais”. E nos parece ser exatamente essa entrega que movimenta Débora para dentro do diálogo.

A satisfação da jovem ao expressar suas ideias sobre o *Kitten Play* também se relaciona à forma com que as experiências com o BDSM foram se desenvolvendo. O seu primeiro contato presencial marca o início da jornada *kinky e kitten*. Esse relato foi parcialmente apresentado no trecho das páginas 67-68. Em seguida, ela detalha esse momento:

Débora: Quando eu cheguei lá eu tava toda tímida, eu... gaguejava muito, porque a minha habilidade social é muito restrita, muito restrita quando eu tô na minha forma humana... sabe?! Eu tenho fobia social, tenho... (balança cabeça e as mãos) caralhada de coisa (risos). Porém, quando eu tava na minha for, como, quando ela chegou assim... ela chegou, colocou a coleira em mim, colocou o guizo, que tinha guizo e tal, pegou a guia, ela falou “Vamo passear?”. Eu falei “Vamo”. “Aonde?”. “Vamo passear na Rua (omitida)”. Cara, e saiu a gente. **Eu não tinha mais ansiedade nenhuma, sabe, eu não tinha mais preocupações nenhuma. Tipo, obviamente que eu fiquei meio constrangida com tudo aquilo, que tinha muita gente na rua, e todo mundo virava a cabeça assim (faz com as mãos), a gente de um lado da calçada e todo mundo, todo atrás, entendeu (grifo nosso).**

O desenrolar desse momento parece ter surpreendido Débora. Como vemos em seu relato, ela sente limitações para estabelecer interações com as pessoas. E, de repente, como no momento do *Kitten Space*, todas essas dificuldades de aproximação e conexão parecem suspensas no tempo (e no ar). A presença do “outro” muda de um lugar de ameaça para um lugar de segurança, o que vai constituindo aquilo que ela havia chamado de “grupo fechado”.

A entrega, a confiança e o contato com esse grupo constitui, por sua vez, uma característica de “presença”: a conformação de uma existência física e psíquica. O conjunto Débora e Chi está verdadeiramente entregue ao momento vivido junto ao grupo, possibilitando trocas. Esse elemento está bastante relacionado ao aspecto da “física vibrante” identificado por Langdrige; Lawson (2019) como um dos motores para a prática do *Puppy Play*. Os autores associam esse aspecto ao treinamento e às brincadeiras *pet* que geram movimentação, afirmando que “não há apenas uma fuga do eu em termos psicológicos”, como já foi ressaltado quando falou-se do *headspace*, “mas também uma sensação de ser capaz de se afastar das inibições corporais de uma pessoa e desfrutar e abraçar sua física” (Langdrige; Lawson, 2019, p. 2209, tradução nossa).

Com o grupo, Débora se sente mais à vontade para aparecer em público na sua forma animal. Além disso, parece desfrutar das interações de forma muito positiva:

Débora: Cara, eu sou uma das pessoas que, sou umas das poucas pessoas, sou raridade, sei que eu sou raridade, mas eu só tive experiências boas com o BDSM, assim. Não sei porque, entendeu (risos). Ainda bem que só tive experiências positivas. Sei que tem gente que, tem pessoas que a gente tem que ter cuidado e tal, mas eu acho que eu só tive experiências boas (grifo nosso).

E a experiência mais marcante trata-se da primeira sessão, na qual ela foi levada para um treinamento em público com sua dona, que foi relatado anteriormente. A possibilidade, com o *Kitten Play*, de expressar-se mais abertamente e estabelecer maiores vínculos ocorre não apenas no momento presencial, nas sessões, mas tem lugar, essencialmente, no campo virtual. Os trechos a seguir ilustram essa ideia:

Débora: Então, o *Instagram* é muito restrito, né, então tem coisas que eu não posso fazer lá que eu gostaria de fazer, de mostrar, entendeu. **Mas o *Instagram* dá mais acesso tipo, a pessoas novas, a conversar com pessoas do meio baunilha, até.** A gente não fica tão restrito ao nosso círculo, entendeu (grifo nosso).

42. *As redes sociais me ajudam a interagir mais com as pessoas*

59. *O que eu mais gosto do Instagram conversar*

Apesar da queixa sobre as restrições do *Instagram*, a rede possibilita, por outro lado, encontrar pessoas de fora do meio *kinky*, pessoas “baunilha”. Ao contrário de redes sociais como o *FetLife*, reservadas a esse público, o *Instagram*, ao abrir a chance de encontro com um outro tão diferente, torna aquele grupo inicialmente “fechado”, permeável.

As duas frases do complemento reforçam o potencial interativo da rede. Primeiro, o acesso a espaços que correspondem aos interesses *kinky* torna-se mais fácil comparativamente ao acesso a ambientes fora do campo virtual, como bares temáticos, por exemplo. Esse acesso mais amplo facilita a inserção na comunidade e a realização de encontros *off-line*, oportunizados pela incorporação do uso da rede sócio-social para os indivíduos *kinksters* (WIGNALL, 2018). No caso de Débora, o uso sócio-sexual de uma rede social não direcionada ao público *kinky* é ainda assim capaz de possibilitar a “transgressão de barreiras” descrita por Wignall, permitindo que um novo mundo se abra para que esses indivíduos possam circular, expressar e explorar seus interesses.

A partir dessas considerações, elaborou-se o indicador sobre **a vivência nas redes sociais como espaços positivos que possibilitam desenvolver aspectos da identidade *kink* de Débora e contornar dificuldades concretas de contato com as pessoas**. Seja no contato com pessoas com interesses afins, ou simplesmente curiosas pelo tema, a utilização do

Instagram permite a Débora conectar-se a um “outro” até então distante, realizar explorações sexuais, encontrar parceiros e desenvolver relacionamentos já existentes *off-line*.

A articulação dos indicadores propostos possibilitou a formulação de uma **hipótese** sobre a revelação/expressão positiva de si no ambiente virtual como favorecedora de produções subjetivas que imprimem em Débora um caráter agencial na medida em que, encorajada a mergulhar rumo ao desconhecido (pessoas, sensações, incertezas), ela assume novos caminhos e decisões que extrapolam comportamentos evitativos anteriores, o que possibilita mudanças nas configurações subjetivas que protagonizam seus posicionamentos prévios diante da experiência. Uma segunda **hipótese**, construída a partir dos indicadores, fala de como Débora configura subjetivamente os afetos, projetando o amor e o cuidado faltantes na personalidade *kitten*. Assim emergem sentidos subjetivos associados ao sentimento de segurança e conforto, que diante da experiência concreta revelam o desejo de ser um animal todos os dias da semana, 24 horas por dia, ilustrando a elaboração de um mundo paralelo ideal, como construído no primeiro eixo.

3.2.4 Eixo de produção 3 - "No fundo nossos maiores medos são nossos maiores desejos": Contradições e tensionamentos

Neste eixo serão apresentadas discussões sobre as leituras de Débora sobre o *kink* e sobre seu fetiche, os estigmas relacionados às práticas e, finalmente, os efeitos que os juízos ou a percepção deles podem provocar em Débora. Falávamos, anteriormente, das interações virtuais positivas que a utilização do *Instagram* proporcionou a Débora. Na ocasião, também identificamos na fala da jovem uma crítica à rede social, quando a classifica como restritiva e fala da insatisfação em não poder publicar qualquer tipo de conteúdo lá. Essa restrição também foi apontada em momento anterior:

Débora: Ah sim, porque eu achei meio complicado, porque tipo... é, porque a gente ainda é uma, a gente ainda é marginalizado na sociedade, tanto é que até as próprias Diretrizes do *Instagram* nos censuram muitas vezes, né.

Ao referir-se às Diretrizes da Comunidade, Débora faz alusão a um problema identificado em outras redes, como *Tumblr* e *Facebook*, que se trata dos métodos de policiamento formal das sexualidades não-normativas nas redes sociais (COLOSI; LISTER 2019). Segundo as autoras, essas restrições podem impactar a liberdade de expressão sexual dos indivíduos.

Sendo administradas pela mesma empresa, a Meta, *Facebook* e *Instagram* compartilham os Padrões da Comunidade *Facebook*, o qual classifica como “Conteúdo questionável” a publicação de “nudéz e atividade sexual de adultos” e de “proposta de cunho sexual”. As plataformas, então, restringem a exibição de imagens contendo nudéz, atividade sexual e linguagem sexualmente explícita (que pode gerar proposta de cunho sexual), pensando nos usuários que podem ser sensíveis a esses conteúdos. Além disso, associa-se a publicação de “Fotos, vídeos ou imagens com nudéz e itens de fetiche sexual” à “proposta de cunho sexual”. O ponto de embate a partir dessas Diretrizes se dá na sua aplicação prática à monitoração dos perfis dos usuários.

Questões envolvendo essas Diretrizes são descritas no trabalho de Are (2021). A autora discute os problemas nas políticas internas de moderação de conteúdos pelas redes sociais, apontando uma falta de clareza em sua utilização, o que acaba resultando “na replicação de valores puritanos e conservadores que confundem tráfico com sexo, sexo com falta de segurança e falta de segurança com os corpos das mulheres” (ARE, 2021, p. 14). No que diz respeito aos *kinksters*, essas restrições são vagas e têm potencial discriminatório, oferecendo maior controle às plataformas em relação ao que pode ou não ser compartilhado, e gerando fotos e contas banidas arbitrariamente (COLOSI; LISTER, 2019). Essa associação direta do *kink* a potenciais riscos vai de encontro à ideia de Naezer (2018) sobre o caráter dinâmico do risco atrelado às incursões sexuais digitais. Como já discutimos, a autora explica que prazer e risco podem caminhar na mesma direção, conduzindo a múltiplos resultados. Desse modo, experiências sexuais arriscadas têm potencial de trazer resultados prazerosos, assim como resultados desprazerosos que não são, por sua vez, necessariamente traumáticos.

Apesar de as Diretrizes do *Instagram* provocarem incômodo e limitarem a expressão de Débora, ela acredita, por outro lado, que a existência dessas regras pode protegê-la:

Pesquisadora: Você acha que o *Instagram* funciona mais que o *FetLife* pra isso?

Débora: Sim, porque o *Instagram* é mais seguro, né.

Pesquisadora: Você acha o *Instagram* mais seguro? Eu queria...

Débora: (Interrompe) Sim, acho, acho. Porque ele tem até, ele tem diretrizes como eu te falei, tem regras ali. [...] **Aliás, a gente nunca sabe quem vai tá atrás do computador, mas a gente tem uma ideia, o *Instagram* tem uma ideia porque a pessoa pra ter uma conta lá ela tem que escrever seu e-mail, ela tá vinculada com o *Facebook* e tal...** E essa pessoa, é, tem uma, dá pra puxar um histórico daquela pessoa pra ver ó, o que que é, o que que ela fez, e se acontecer tipo alguma coisa, tipo, tem como rastrear essa pessoa, entendeu. Nem que seja um perfil *fake*, mas tem como rastrear alguma coisa ali (grifo nosso).

Débora demonstra uma preocupação intensa com sua segurança. Parece tratar-se, no entanto, de uma sensação de segurança imaginada. Talvez pensar na presença de regras ofereça

algum tipo de conforto, já que inicialmente o receio de entrar para as redes era o de ser identificada. Vai-se construindo um cenário cuidadoso com a exposição de Débora/Chi, com a seleção do que é exibido e com precaução para ser preservada. Algumas frases do complemento corroboram essa ideia:

- 9. *Confio em mim*
- 18: *Não confio em ninguém*
- 26. *Detesto quando me sinto insegura*
- 37. *As pessoas costumam a julgar*
- 45. *A internet é tóxica*
- 54. *Ninguém sabe dos meus segredos*

As frases 18, 37 e 54 já trazem um teor negativo. Ao completá-las, Débora as associa a aspectos que não devem ser conhecidos ou que falam da falta de conhecimento: a confiança é uma característica restrita e os julgamentos se associam à insegurança. A separação dos mundos, uma estratégia já mencionada, exemplifica a tentativa de controle das variáveis que podem levar à “descoberta dos segredos”:

- Débora:** Bom, depende. Eu dou uma... a gente conversa primeiro, entendeu. Eu dou uma olhada, dou uma *stalkeada* no perfil da pessoa pra ver se oferece risco pra mim e ... eu aceito.
- Pesquisadora:** Entendi. Você aceita pessoas assim, que você conhece ou não, você faz esse filtro?
- Débora:** Sim, sim, eu aceito pessoas que tipo, que eu conheço dentro do meu círculo BDSM, não pessoas tipo sei lá, minha vizinha aqui de cima, lógico que eu não vou aceitar.

Em seguida, questiono se ela aceitaria sua vizinha em seu perfil baunilha, e Débora responde que sim. A sensação imaginada de segurança mencionada anteriormente é construída não apenas por meio de um consolo sobre a sua proteção (regras da plataforma), mas também limitando o que é exposto no perfil:

- Pesquisadora:** Entendi. Eu vi que as suas primeiras fotos você botou um detalhe ali no seu olho, naquela foto lá com a sua *Domme*. Aquilo foi um detalhe assim, pra ficar bonito, estético mesmo da foto...
- Débora:** Não, aquilo foi uma tarja.
- Pesquisadora:** Uma tarja...
- Débora:** Pra não ser identificada, de medo mesmo.
- Pesquisadora:** Entendi. Naquele momento ali do perfil você ainda não pensava em se identificar não?
- Débora:** Não. Não pensava em me identificar. Mas, com o passar do tempo, eu vi que pra eu falar de outros assuntos e tal eu tinha que me identificar, até por uma questão de segurança com as outras pessoas e tal, pra saber que eu não era um fake ou algo do tipo. E também porque as pessoas gostam de ver fotos assim.

- 65. *Tenho vergonha de ser descoberta*

Primeiramente, cabe dizer que as tarjas não são capazes de encobrir, inteiramente, quem Débora é. Ainda assim ela poderia ser identificada. A sensação de medo também parece não encontrar uma resolução completa. Na frase do complemento apresentada, Débora associa o sentimento de vergonha à possibilidade de ser “descoberta”. O receio de identificação também aparece ligado a um potencial constrangimento, que é, porém, negado, revelando uma postura de ser inatingível que se repete no comportamento de Débora. O trecho a seguir possibilitou essa construção. Nele, conversávamos sobre o desejo de Débora em morar sozinha, pois atualmente ela vive com sua família.

Débora: Eu acho que elas desconfiam, porque, até pelos objetos, né, que chegam em casa, obviamente. Chega muita pelúcia, muita orelhinha, tipo, dá uma estranheza. Mas, não, não cheguei a encan, a tipo jogar literalmente, assim, falar, até porque eu acho desnecessário, **eu não tenho que contar nada do meu íntimo pra ninguém, né [...]** (grifo nosso).

Débora: Tipo, só pra ter uma base assim, mas eu tenho essa necessidade, assim. **Porque eu não tinha que passar por esse constrangimento** se, se eu tivesse a minha casa.

Pesquisadora: Entendi. Você se sente constrangida assim, delas verem ou de pensar que elas vão s...

Débora: (Interrompe) **Não, não constrangida**, mas tipo... é... ah, eu não queria ter que dar explicação de alguma coisa, entendeu, tipo... (grifo nosso).

A combinação entre medo, vergonha e constrangimento se relaciona ao papel estigmatizado: o sujeito “desacreditado” e reduzido à estranheza e à sua marca (GOFFMAN, 1963). A partir dessas considerações, elaborou-se um **indicador sobre a esquiva e o receio de identificação associados a uma expectativa de julgamento negativo das pessoas** expressos por Débora. Cabe ressaltar, contudo, que existe um outro movimento paralelo: Débora apresenta um comportamento empático no momento em que opta mostrar o seu rosto e não mais utilizar a tarja. Se ela se esquiva pelo medo do julgamento e do estigma associado, esses motivos a levam a mostrar-se. Conjecturamos, a partir desse movimento, que Débora, ao optar pela exposição da sua identidade *kinky* (cultivando uma comunidade específica para seus interesses) e da sua identidade baunilha (retirar a tarja, postar conteúdos diversos e não necessariamente relacionados ao *kink*) no perfil do *Instagram*, acaba criando suas próprias normas e valores como estratégia de gerenciamento do estigma (COLOSI; LISTER, 2019)

Retomando o trecho de fala anterior, sobre o constrangimento sentido por Débora, é possível perceber um outro elemento associado ao receio da exposição e ao medo do julgamento. Débora assume constantemente uma postura de quem “não deve nada a ninguém”

e “não tem que falar nada” sobre aquilo que faz ou sobre seus gostos. A passagem a seguir também traz essa ideia:

Débora: Então tipo, a gente tem abertura propriamente mesmo dentro da nossa, do nosso círculo, né. A gente não tem muito fora disso, entendeu. A gente não joga isso (faz com as mãos abrindo) pras pessoas assim. Até porque a gente não quer isso, porque não tem nada a ver, né.

Mesmo dizendo que não tem que contar nada do íntimo a ninguém, parece constrangedor que aquilo que deve ser escondido venha à tona e é constrangedor que a família veja seus objetos chegando. Existe um reconhecimento de que algumas coisas devem ser mantidas separadas de outras, a vida *kinky* tem seu lugar, assim como a vida baunilha tem o seu. Em um outro momento do diálogo, Débora relatou gostar de registrar as sessões em fotos, porém, por medo de que algo aconteça, como de ser *hackeada*, ela apaga as fotos depois. Diante disso, destacamos as seguintes frases do complemento:

38. *Queria perder o medo de me sentir vulnerável perto dos outros*
 65. *Tenho vergonha de ser descoberta*
 71. *Liberdade é poder ser quem se é*
 73. *Esconder isso*

Na primeira, Débora expõe um aspecto bastante relacionado ao receio do julgamento. Uma estratégia para amenizar essa vulnerabilidade, como visto, é assumir uma outra personalidade que representa o oposto dessa sensação, a personalidade de Chi. Outra estratégia está relacionada a afastar a solidão se inserindo dentro de um grupo. Na prática, isso pode ser observado no momento da primeira sessão de Débora, quando ela sai em público junto a outras pessoas. Ao falar sobre liberdade, a jovem associa a palavra ao “poder ser”, o que diz muito sobre o movimento de se reconhecer na personalidade do gato, de criar um perfil na rede social e também sobre um anseio muito forte de revelação. Mostrar-se e assumir-se, no entanto, são comportamentos pendulares. Débora oscila entre o medo da exposição e o anseio pela liberdade. A última frase do instrumento de complemento é a de número 73. A jovem completa a frase “Esconder” com, simplesmente, “isso”, sugerindo a ideia de alguém que deseja esconder o que foi revelado nas frases.

O episódio da primeira sessão é bastante relevante para as elaborações de Débora e para a compreensão de novos aspectos associados ao indicador anterior. Elencaremos, novamente, um trecho apresentado no Eixo 1, seguido de outras expressões sobre essa experiência:

Débora: [...] Eu não tinha mais ansiedade nenhuma, sabe, eu não tinha mais preocupações (ênfase) nenhuma. Tipo, obviamente que eu fiquei meio constrangida com tudo aquilo, que tinha muita gente na rua, e todo mundo virava a

cabeça assim (faz com as mãos), a gente de um lado da calçada e todo mundo, todo atrás, entendeu (grifo nosso).

O constrangimento negado anteriormente se relaciona à liberdade de ser quem é, a qual se associa à exposição. Apesar de ser um grande passo, aparentemente Débora sente as duas emoções: o medo de se mostrar e a vontade de se mostrar. Parece que tende a querer esconder o medo na postura de quem não se importa com o julgamento do outro, ou mais do que isso, quem faz piada do julgamento do outro:

Pesquisadora: Então tá. É... mas então, é... quando alguém te fala isso, que nem você me contou dos seus primos, mesmo que seja nesse tom de brincadeira, quando alguém desaprova, ridiculariza de algum modo...

Débora: Ah, eu acho o máximo!

Pesquisadora: Você acha?!

Débora: (Risos) Porque eu gosto dessas reações negativas como eu te falei. Eu gosto de que as pessoas achem ridículo isso.

É interessante observar que apenas a exposição não satisfaz o anseio sobre o qual falamos. Débora vai construindo, no fluxo da conversa, uma nova ideia: “E tipo... quando eu tava lá, o meu desejo era ser, ser admirada e julgada pelas pessoas”. A esse julgamento, ela associa uma vontade: “Talvez pra chocar, sei lá. Acho que pra criar reações extremas, sabe... Talvez até ojeriza, sabe...”. O julgamento, negativo, vivido paralelamente à admiração, positiva, parece trazer um desejo de existência livre: poder ser e estar na sua essência, como ela estava durante o momento vivenciado na sessão, passeando por uma rua famosa, cercada de pessoas e conduzida pela sua *Domme*.

Ser o centro das atenções naquele momento parece ter suprido algum tipo de necessidade. Só que isso contrasta com outra coisa: o medo do que mostrar quem ela é pode gerar nos outros. Daí parecem vir as justificativas: “eu não sou obrigada a mostrar meu íntimo para ninguém”. Isso soa como uma ideia de ser inatingível, como se ela quisesse dizer que os preconceitos não a afetam, que os julgamentos são insignificantes. Mas ela parece realmente desejar mostrar:

Débora: Ah, por exemplo, eu gostaria de sair mais vezes como *pet*, mas eu sei que causa. Vai, sozinha eu não gostaria de sair, entendeu. Porque causaria um efeito reverso, entendeu. **Porque eu acho que as pessoas olhariam pra, olhariam muito pra mim, no caso, no caso. E... eu taria sozinha**, lá, entendeu. Tipo, não vai ter a minha dona pra tá ali do meu lado carregando a minha coleira, entendeu (grifo nosso).

Apesar de querer causar e incomodar, sozinha Débora fica vulnerável ao julgamento e às reações incertas e inesperadas que podem surgir. Parece existir uma enorme vontade de ser notada como de fato é, e diante da incerteza e do estigma enfrentado, a fuga. Esses elementos levaram à construção de um indicador de sentidos sobre **a ambivalência entre a limitação da liberdade de exposição/postura exibicionista e a negação do constrangimento/minimização dos efeitos do julgamento.**

Esse misto de experiências contraditórias retoma a ideia da separação entre as personalidades, com Chi representando a essência, o ideal de eu e a suspensão das responsabilidades do mundo real, onde tem lugar a exibição. De outro lado, o mundo real de Débora e sua vida baunilha, sujeitos ao julgamento e à reprovação. Como resposta a essa tensão, parece haver uma certa evitação, que se manifesta em um comportamento que ignora as repercussões do estigma e do julgamento como realidades que existem e que também fazem parte da constituição de Débora. Além dessas ambivalências, outros antagonismos integram os sentidos subjetivos da experiência de *Kitten Play*, como a tensão entre segurança e liberdade e entre solidão e interação.

O estigma historicamente atribuído o *kink*, como já discutido, guiou a uma percepção dessas sexualidades enquanto desviantes e anormais, levando não somente à medicalização, como também à limitação da comunicação aberta e do diálogo sobre o tema, ao receio em revelar a identidade *kink* e ao não atendimento das necessidades básicas de educação sexual desse grupo (BEZREH *et al.*, 2012; COLOSI; LISTER, 2019; LIN, 2017).

No mesmo sentido da ambivalência do julgamento, que mobiliza sentidos relacionados à vontade de aceitação das pessoas e de aproximação delas, Débora também traz uma outra tonalidade à questão sobre como se expressar, a qual se relaciona ao desejo de controle por mecanismos externos:

Débora: [...] meio polêmico dizer isso, mas tipo, eu acho que o ser humano tem que ter um parâmetro pra... de estranheza, entendeu, isso é estranho num, como eu te falei, eu não falo que não é estranho, é. Tipo, eu acho que se as pessoas começarem a achar tudo normal...nossa, vai virar uma bagunça, entendeu.

Débora: Sim, não, tem que ter um respeito, né, com as outras pessoas, eu acho, entendeu. Que tem gente que esparrá, entendeu (faz com as mãos).

Pesquisadora: Tipo o que que você acha que é nada a ver, assim, fazer?

Débora: Tipo, fazer isso na rua, sessão na rua, amarrar alguém tipo na rua, no poste, entendeu. Eu acho que isso não é muito legal, entendeu.

Pesquisadora: Ah sim, entendi.

Débora: Ou tipo, você tá num grupo assim de, já aconteceu, você tá num grupo de *Facebook* normal e tipo você joga fotos quentes num grupo de sei lá, de senhoras, já aconteceu, por incrível que pareça. Não vou citar nomes, mas já aconteceu.

Pesquisadora: Entendi. Mas assim, vamo pensar, você tá no *Facebook*, não tá num grupo de senhoras, mas tá ali no seu perfil baunilha lá Débora, e aí [...] você quer

postar as mesmas fotos que você posta lá no seu *Instagram*, isso aí tudo bem, ou mesmo assim você acha que é exagero?

Débora: Eu respeito as pessoas que tão no meu grupo baunilha, entendeu. Não precisa disso não, **eu acho que é até um sofrimento desnecessário pra mim e pras outras pessoas que vão, vão estranhar, entendeu** (grifo nosso).

É como se ela desejasse a regulação, seja das diretrizes da própria plataforma ou aquela do julgamento, que é tanto criticada, colocando as práticas fetichistas como comportamentos a serem repreendidos. Esse comportamento envolve limitar e manipular o que deve ser mostrado sobre a identidade *kinky* e não apenas restringir as práticas a ambientes íntimos. As fotos postadas na conta do *Instagram* e mencionadas na conversa são um exemplo disso, pois podem trazer representações não apenas de sessões em curso, mas também elementos simbólicos que constituem a personalidade Débora-Chi.

Assim, essa movimentação poderia contribuir para reforçar a estranheza e a anormalidade atribuídas ao *kinky*, barrando essas outras formas de ser-existir que desafiam as normas. Também reforça-se, paradoxalmente, a separação entre mundos e personalidades como estratégia de gerenciamento de estigma. Pensando nesses termos, não seria somente uma performance de *role playing*, por exemplo, que estaria sendo restringida, mas a própria subjetividade.

Como apontam González Rey e Mitjáns Martínez (2017), sentidos subjetivos e configurações subjetivas não são epifenômenos das realidades discursivas. Ainda que os discursos, as ideologias, as representações sociais produzam construções simbólicas sobre as sexualidades *kinky*, por exemplo, as produções subjetivas da pessoa se constroem no entrelace das experiências singulares dos sentidos subjetivos e das tramas sociais. Construimos, desse modo, um indicador de sentidos que expressa **o conflito entre a estranheza e a normalidade atribuídos ao *kink***.

Dentro da interlocução entre subjetividade individual e social, poderíamos interpretar que Débora, apesar de construir, em alguma medida, produções subjetivas alternativas às formas discursivas e ideológicas dominantes, expressas nas formas de vivência do fetiche, que trazem comprometimento e um reconhecimento grupal enquanto classe que mobilizam um posicionamento político, seus sentidos subjetivos também manifestam elementos marcantes da subjetividade social hegemônica, que traz a dicotomização entre normal e anormal, identificada na hierarquização e valoração das sexualidades *kinky* e baunilha.

Outro ponto que merece ser retomado trata-se da revelação do fetiche para o terapeuta, mencionada no Eixo 1. Naquele contexto, Débora contava que pessoas da sua família que sabiam sobre o fetiche, como primos, já falaram, em tom de “brincadeira séria”, segundo a

jovem, que ela deveria se tratar e a chamaram de doente. Nesse momento, Débora relata discutir sobre isso com seu terapeuta e acrescenta que ele sabe das diferenças entre quem ela era antes e quem é agora. Essa experiência ilustra a ideia trazida por Sprott (2020) de que o *kink* possui potencial de facilitar o crescimento pessoal. Ademais, também reforça a importância que os profissionais clínicos têm no processo de aceitação e exploração de identidades e práticas como o *kink* (DOMINGUE, 2019). Como enfatizado pelo autor e como foi possível construir ao longo deste caso, o *kink*/BDSM não se restringe à atividade/prática de caráter sexual ou erótico, mas também é expressão da identidade do sujeito, de modo que a sua vivência pode representar, como mencionado, um caminho de aceitação e de felicidade.

A partir das interpretações e indicadores anteriores, seguimos à construção da **hipótese** de que Débora vive de forma tensional e, por vezes, contraditória, as suas práticas e a constituição da sua identidade *kinky*. De um lado, essa vivência aparece de forma positiva dentro do meio BDSM e das redes sociais, e por outro, aparece cercada de elementos implícitos dos discursos circulantes: estigmatização na mídia, representações negativas do fetiche, insuficiência de informações. Essa ambivalência parece estar relacionada à necessidade de Débora em enfatizar a hegemonia do seu querer diante das situações, que se expressa no desejo de ser notada ou de exigir que nada sobre seu fetiche será dito ou exposto.

Adicionalmente, algo também relevante durante o processo de pesquisa trata-se da sensação de tristeza, desesperança e desalento expressos por Débora em algumas frases do complemento e postagens em seus *Stories* (ex.: 12. *Interesso-me* por nada; 19. *Meu futuro* me parece inexistente; 63. *Costumam dizer* para me alegrar; 64. *Fico triste* o tempo todo). Embora sem outros elementos que permitam avançar as construções interpretativas, conjecturamos que a utilização das redes sociais facilite a distração e o alívio dos sentimentos negativos, favorecendo a produção de sentidos subjetivos alternativos que possibilitem traçar caminhos para o enfrentamento dessa tristeza. Destacamos esses trechos não pelas afirmações que trazem, mas pela despretensão com que foram trazidos, quase que espontaneamente, articulando expressões que caracterizam o estado afetivo de Débora (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017).

Fica perceptível, a partir das construções aqui descritas, como a relação entre a experiência e as produções subjetivas nunca se dá de maneira direta, englobando uma complexidade de vivências de outros âmbitos e distintos momentos vivenciados pelo indivíduo no percurso de sua vida, em curso sempre dinâmico. Nas palavras de Gonzalez Rey e Mitjans Martínez (2017, p.40) as experiências “se repercutem”: “nunca um processo subjetivo se esgota na realidade concreta e imediata em que a experiência atual acontece [...]”. Portanto os sentidos

subjetivos não são uma mera internalização dos fatos, mas uma produção humana, passível de ser compreendida a partir de determinada prática do sujeito e, por meio do processo investigativo, interpretados na relação entre pesquisador e sujeito pesquisado.

Vimos também como a condição social, ou seja, “o conjunto de atributos e construções que integram os discursos, representações sociais e sistemas normativos institucionais” (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017, p. 120) é vivenciada pelos participantes, ao viverem “suas experiências sociais de forma singular”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, retomamos os objetivos aos quais nos propusemos: (1) conhecer como os jovens utilizam o *Instagram* como uma rede sócio-sexual; (2) compreender como os jovens gerenciam o estigma relacionado às práticas *kinky* no *Instagram*; (3) analisar os processos de desenvolvimento da sexualidade vivenciados por esses jovens.

Orientados pelo referencial da TS, para compreender como os jovens da dissidência *kink* produzem sentidos e configurações subjetivas acerca da sua sexualidade, buscamos considerar as singularidades, os aspectos sociais, culturais, históricos e dinâmicos que constituem a sexualidade humana, priorizando as experiências dos sujeitos.

Foi possível identificar, em ambos os casos, de Caio e de Débora, como ocorre a utilização do *Instagram* como uma rede sócio-sexual. Para Caio, o uso da rede possibilitou se reconhecer como pertencente ao grupo do *Age Play*, oportunizando contatos que extrapolaram o meio *on-line*, migrando também para o ambiente *off-line*, oferecendo a chance de busca por uma *Mommy* e de satisfação parcial da sensação de incompletude vivenciada. Já para Débora, além do estabelecimento de relacionamentos com objetivos sexuais, a utilização do *Instagram* permitiu a criação de vínculos e contatos a despeito das barreiras enfrentadas fora do meio virtual para contatos mais íntimos. A rede favoreceu, também, a expressão da sexualidade na forma do fetiche.

Para gerenciar o estigma associado às práticas *kinky* no *Instagram*, os participantes demonstraram empregar as três estratégias elencadas na literatura. Primeiro, ao fazerem seus perfis na rede social, também se produzem enquanto grupos, criando normas e valores próprios. Segundo, rejeitam a comunidade que apoia as normas estigmatizadas. Ambos reafirmam suas identidades em oposição às características socialmente estigmatizadas. Caio, por exemplo, demarca sua diferença com relação à pedofilia e aos discursos discriminatórios, presentes na mídia e nos policiamentos informais das redes sociais, sobre o *Age Play*. Débora se opõe à vinculação do *Pet Play* à zoofilia e também às próprias normas excludentes das redes sociais, protagonizando um posicionamento orientado ao questionamento e à crítica. E terceiro, os participantes dividem os mundos pelos quais suas identidades transitam, apresentando um cuidado bastante seletivo quanto à exposição *kink*/baunilha.

Ao analisar os processos de desenvolvimento da sexualidade vivenciados pelos participantes, foi possível depreender como a sexualidade foi configurada subjetivamente pelo entrelace simbólico-emocional na forma como que se expressam as suas experiências, evidenciadas a partir das construções feitas em torno dos seus sentidos subjetivos.

Destacamos alguns indicadores de sentidos subjetivos que tornam a vivência do elemento “condição social”, abordado na seção anterior, singular: para Caio, as produções subjetivas sobre o fetiche assumem a centralidade na configuração subjetiva da sua sexualidade. Essas “constelações” de sentidos revelam como sentimentos de solidão, estigmatização e silenciamento são marcantes na forma como ele experencia singularmente construções simbólico-sociais, como sexo e gênero. No caso de Débora, a utilização das redes possibilita o desenvolvimento de aspectos da sua identidade *kinky* como Chi, enquanto promovem um (re)conhecimento da jovem como “Débora”. A intensidade dessas vivências, muitas localizadas no espaço social da rede, mobiliza e transforma o ser-existir da jovem.

A partir do referencial adotado, o trabalho oportunizou o olhar para uma questão que ainda demanda extenso debate e atenção: as sexualidades *kinky*, fetichistas, socialmente marginalizadas e estigmatizadas, proporcionando visibilidade e voz aos sujeitos da pesquisa. No que se refere às ações de educação em sexualidade voltadas para esses jovens, enfatizamos a necessidade de criação de espaços de diálogo compreensivos e grupos de apoio que estimulem a expressão. Ao oferecer espaços de fala e escuta, é possível assumir uma postura mais empática diante das opções de escolha do outro, como utilizar perfis separados nas redes sociais e explicitar ou não aspectos da sua sexualidade para família/amigos.

Como se sentir incluído e representado quando essas informações não fazem parte do seu cotidiano, quando não é possível se enxergar nos espaços pelos quais se circula? Como parte fundamental das ações voltadas à educação, o debate sobre as diferenças e sobre a diversidade precisa alcançar mais espaços de discussão. Não basta, no entanto, discutir ou buscar algum tipo de representatividade que continue a reproduzir a discriminação e o estigma, como acontece com muitas representações midiáticas do BDSM, ou simplesmente reproduzir discursos disfarçados de aceitação que, na verdade, exprimem mera tolerância.

O trabalho também propiciou levantar alguns aspectos sobre a participação da família no processo de constituição da sexualidade dos jovens. A principal questão identificada relaciona-se ao silenciamento. Orientados a seguir uma norma de mudez sobre qualquer aspecto da sexualidade, algo intensamente presente no imaginário brasileiro, os familiares acabam, muitas vezes, não dando conta de acolher o diverso que se coloca no espaço da família, e nem de facilitar espaços para que os jovens possam se manifestar. Esses, por outro lado, subestimando a capacidade de apoio e entendimento dos familiares, podem acabar optando pelo silêncio. Sem querer culpabilizar nenhuma das partes, entendemos que essa é uma dinâmica complexa e que implica mudanças estruturais, principalmente na natureza da educação, que acaba omitindo a subjetividade. Além disso, é preciso considerar que os familiares/pais também

podem não ter tido experiências de educação em sexualidade, na forma de informações e escuta, que os conduzissem à ação semelhante.

Adicionalmente, o trabalho apontou para o papel crescente das redes sociais em nosso cotidiano. Reforça-se, assim, a importância de incorporar a vivência e a “presença” virtual nos debates sobre sexualidade e subjetividade, não de modo a gerar uma separação entre *on-line* e *off-line*, mas compreendendo o movimento recursivo entre ambos, que hoje, nos constituem integralmente, e não de modo fragmentado. Isso se exemplifica a partir dos próprios casos trabalhados: diante da ausência de informações e discussões que favoreçam o reconhecimento de si, as redes sociais podem proporcionar espaços de produção subjetiva na medida em que favorecem a autoexpressão. Nesse sentido, um ponto passível de reflexão refere-se à preponderância do virtual sobre o presencial no que diz respeito à desinibição. Débora, por exemplo, exprime as facilidades do contato *on-line* comparativamente ao *off-line*. Poderíamos então questionar se, de fato, a comunicação oportunizada pelos ambientes virtuais incutiria mudanças reais nas conexões sociais.

Durante o processo de pesquisa, algumas limitações foram encontradas. Apesar das facilidades que a realização de encontros virtuais proporciona, como o acesso a pessoas de diferentes localidades e a economia de recursos, pode também representar algumas dificuldades. Durante as duas entrevistas realizadas houve problemas de conexão à *internet*, gerando falhas na transmissão da videochamada e comprometimento da compreensão, o que acaba ocasionando algumas rupturas na fala que está sendo elaborada.

Além disso, como já era esperado, no momento de recrutamento dos participantes houve maior dificuldade de contato, principalmente por conta da sensibilidade do tema de pesquisa e do receio de estigmatização e de exposição que essas pessoas possuem. Foi necessário, inicialmente, que a pesquisadora contatasse um número maior de perfis para obter retorno. Com a utilização da amostragem em bola de neve para a segunda participante, essa pequena dificuldade foi contornada.

Outro ponto refere-se à entrevista a partir da lógica da dinâmica conversacional. Por sua lógica flexível e aberta, pode se tornar um desafio aos pesquisadores iniciantes, na dificuldade de criar uma situação de conversação. Mais uma dificuldade no processo de pesquisa refere-se ao indutor da informação escolhido, que pode não funcionar, resultando em uma expressão limitada do participante, o qual também pode apresentar dificuldades para se envolver em um processo de comunicação mais aberto. Essas dificuldades foram sentidas pela pesquisadora: a flexibilidade da dinâmica conversacional associada às respostas mais diretas e restritas no caso de Débora geraram certa tensão no momento da entrevista. Guiada, no entanto, pelas

possibilidades de expressão livre do sujeito, onde a conversação surge como aproximação ao outro por meio desse tipo de entrevista, busquei utilizar alternativas descritas por González Rey, para quem o pesquisador deve respeitar a expressão do sujeito, buscando uma conversa sobre suas próprias respostas, dentro da qual estímulos aparecem, sugerindo novos temas. Também deve ser paciente e buscar a utilização de recursos variados para facilitar o processo de comunicação e envolvimento. Nesse sentido, a conversação com Débora foi se tornando mais fluida à medida que dialogávamos sobre temas que ela mesma trazia.

Outra limitação se deu com relação à utilização da ferramenta de coleta de métricas no *Instagram*, *InstagReader*, prevista antes do início da pesquisa. Como a ferramenta é capaz de importar informações apenas de perfis públicos do *Instagram* e os perfis dos participantes eram ambos privados, não foi possível utilizá-la e nem foi encontrado recurso similar, já que todos apresentam a restrição citada. Para contornar essa dificuldade, a pesquisadora reuniu as informações que desejava consultar (nome de usuário, número de seguidores e contas seguidas, foto de perfil, quantidade de publicações e biografia) manualmente, em uma planilha.

Salientamos que, tratando-se de pesquisa qualitativa, o valor da generalização se dá na ampliação da possibilidade de discussão teórica e do potencial de explicação de fenômenos, sobre os quais novas inteligibilidades são produzidas. Consideramos, portanto, que a TS possibilitou revelar, dentro da questão estudada, a “policromia do humano” (GONZÁLEZ REY; MITJÁNS MARTÍNEZ, 2017, p. 149), em oposição à patologização recorrente.

Por fim, dadas as discussões sobre os aspectos singulares dos casos desenvolvidos no presente trabalho, abrem-se possibilidades para outras pesquisas com diferentes sujeitos e suas vivências subjetivas acerca das práticas fetichistas aqui analisadas, elencando novas zonas de inteligibilidade acerca do tema. Outras oportunidades demarcadas a partir das atuais discussões são pesquisas que busquem investigar as configurações subjetivas sociais da constituição da subjetividade social dos jovens *kinksters* nas redes sociais, refletindo sobre os grupos que se retroalimentam *on-line* e *off-line*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. *In*: ABRAMO, H. W. e BRANCO, P. P. M. (org.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma perspectiva nacional. São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo, 2008, p. 37-72.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. A pesquisa em psicologia sócio-histórica: contribuições para o debate metodológico. *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça. M.; FURTADO, Odair. (org.). **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo, SP: Cortez, 2015, p. 157-171.

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira *et al.* Reflexões sobre sentido e significado. *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça. M. **A dimensão subjetiva da realidade**: uma leitura sócio-histórica. São Paulo, SP: Cortez, 2009. p.54-115.

ALMEIDA, Sandra Aparecida de *et al.* Orientação sexual nas escolas: fato ou anseio?. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 107-113. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472011000100014>. Acesso em: 16 ago. 2019.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION *et al.* **DSM-5**: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. São Paulo: Artmed Editora, 2014.

ARE, Carolina. The Shadowban Cycle: an autoethnography of pole dancing, nudity and censorship on Instagram. **Feminist Media Studies**, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14680777.2021.1928259>. Acesso em: 2 fev. 2022.

BARROS, João Paulo Pereira *et al.* O conceito de "sentido" em Vygotsky: considerações epistemológicas e suas implicações para a investigação psicológica. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 174-181, 2009. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/28377>. Acesso em: 4 abr. 2022.

BEZREH, Tanya *et al.* BDSM disclosure and stigma management: Identifying opportunities for sex education. **American journal of sexuality education**, v. 7, n. 1, p. 37-61, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15546128.2012.650984>. Acesso em: 14 mai. 2020.

BISPO, Larissa Pereira. **Pornô online**: o espaço na educação sexual e na identidade de adolescentes. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/8334/1/LBispo.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2019.

BOYD, Danah. **It's complicated**: The social lives of networked teens. New Haven: Yale University Press, 2014.

BOYD, Danah; ELLISON, Nicole B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of computer-mediated communication**, v. 13, n. 1, p. 210-230, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>. Acesso em: 18 jun. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, **Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional da Juventude – SINAJUVE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 4 set. 2019.

CHAVES, Marlene Pereira. **Desenvolvimento subjetivo de estudantes com deficiência intelectual como processo mobilizador da aprendizagem escolar**. 2019. Dissertação (Mestrado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35225>. Acesso em: 16 nov. 2020.

COLOSI, Rachela; LISTER, Billie. Kinking it up: An exploration of the role of online social networking site FetLife in the stigma management of kink practices. **Papers from the British Criminology Conference**, v. 19, p. 5-24, 2019. Disponível em: <https://www.britisoccrim.org/wp-content/uploads/2019/12/Kinking-it-UpPBCC19.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2020.

D'ANDREA, Anna Cláudia Eutrópio Batista. **Movimentos e articulações**: uma análise das iniciativas de formação de educadoras/es em sexualidade na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (1989-2009). 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-9LVNW6>. Acesso em: 21 set. 2020.

DAYRELL, Juarez. Por uma Pedagogia da Juventude: A escola precisa reconhecer o jovem por trás do aluno e adaptar a ele seus processos educativos. **Revista a Onda Jovem**, São Paulo, v. 1, p. 34-37, mar., 2005.

DE RIDDER, Sander. Sexting as sexual stigma: The paradox of sexual self-representation in digital youth cultures. **European Journal of Cultural Studies**, v. 22, n. 5-6, p. 563–578, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1367549418810080>. Acesso em: 15 maio 2020.

DINIS, Nilson Fernandes. Educação, relações de gênero e diversidade sexual. **Educação & Sociedade**, v. 29, n. 103, p. 477-492, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302008000200009>. Acesso em: 6 jul. 2020.

DINIS, Nilson; ASINELLI-LUZ, Araci. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 30, 2007, p. 77-87. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602007000200006>. Acesso em: 14 ago. 2019.

DOMINGUE, Cal J. A Journey in Kink: From Shameful Fantasy to Self-Actualization. **Journal of Humanistic Psychology**, p. 0022167819873238, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0022167819873238>. Acesso em: 12 out. 2020.

ENBERG, Jasmine. Global Instagram Users 2019: Strong Growth Keeps Competition at Bay and Compensates for Facebook's Struggles. **Emarketer**, [S. l.], 12 dez. 2019. Disponível em: <https://www.emarketer.com/content/global-instagram-users-2019>. Acesso em: 5 jul. 2020.

FACEBOOK. Exploração sexual de adultos. In: **Padrões da Comunidade do Facebook**. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://transparency.fb.com/pt-br/policies/community-standards/sexual-exploitation-adults/>. Acesso em: 3 jan. 2022.

FACEBOOK. Nudez adulta e atividades sexuais. In: **Padrões da Comunidade do Facebook**. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://transparency.fb.com/pt-br/policies/community-standards/adult-nudity-sexual-activity/>. Acesso em: 3 jan. 2022.

FACEBOOK. Proposta de cunho sexual. In: **Padrões da Comunidade do Facebook**. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://transparency.fb.com/pt-br/policies/community-standards/sexual-solicitation/>. Acesso em: 3 jan. 2022.

FANTONI, Andressa. **Autorrepresentação de adolescentes porto-alegrenses no Instagram**. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/10701/1/000484873-Texto%2BCompleto-0.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2020.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites**. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2001. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/190864>. Acesso em: 19 out. 2020.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos *et al.* Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2008000100003>. Acesso em: 18 jul. 2020.

FRANKEL, Anne S. *et al.* Sexting, Risk Behavior, and Mental Health in Adolescents: An Examination of 2015 Pennsylvania Youth Risk Behavior Survey Data. **Journal of School Health**, v. 88, n. 3, p. 190-199, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/josh.12596>. Acesso em: 20 maio 2020.

FREITAS, Fátima Regina Almeida de. **Bondage, dominação/submissão e sadomasoquismo: uma etnografia sobre práticas eróticas que envolvem prazer e poder em contextos consensuais**. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/Disserta%C3%A7%C3%A3o_F%C3%A1tima_Freitas.pdf. Acesso em: 24 jun. 2019.

FURLANETTO, Milene Fontana *et al.* Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa**, v. 48, n. 168, p. 550-571, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053145084>. Acesso em: 1 abr. 2020.

GELINAS, Luke *et al.* Using social media as a research recruitment tool: ethical issues and recommendations. **The American Journal of Bioethics**, v. 17, n. 3, p. 3-14, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15265161.2016.1276644>. Acesso em: 17 jul. 2020.

GLOBALWEBINDEX. Digital vs Traditional Media Consumption: Analyzing time devoted to online and traditional forms of media at a global level, as well as by age and across countries. **Globalwebindex**, [S. l.], p. 1-42, 26 dez. 2019. Disponível em: <https://www.globalwebindex.com/reports/traditional-vs-digital-media-consumption>. Acesso em: 2 jul. 2020.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada (1963). Editora LTC, 2008.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Sujeito e Subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, F. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psicologia da Educação**, n. 24, p. 155-179, 2007a. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-69752007000100011. Acesso em: 28 ago. 2019.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Social and individual subjectivity from an historical cultural standpoint. Outlines. **Critical Practice Studies**, v. 9, n. 2, p. 3-14, 2007b. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/outlines/article/view/1985>. Acesso em: 27 out. 2020.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. As configurações subjetivas do câncer: um estudo de casos em uma perspectiva construtivo-interpretativa. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 30, n. 2, 2010, p. 328-345. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932010000200009>. Acesso em: 28 ago. 2019.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo, SP: Cengage Learning, 2011.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Subjectivity as a new theoretical, epistemological, and methodological pathway within Cultural-Historical Psychology. In: GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GOULART, Daniel Magalhães (org.) **Subjectivity within cultural-historical approach**. Singapore: Springer, 2019. p. 21-36.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. Methodological and epistemological demands in advancing the study of subjectivity from a cultural-historical standpoint. **Culture & Psychology**, v. 26, n. 3, p. 562-577, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1354067X19888185>. Acesso em: 5 jul. 2020.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. **Subjetividade**: teoria, epistemologia e método. Campinas, SP: Alínea, 2017.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. The constructive-interpretative methodological approach: orienting research and practice on the basis of subjectivity. In: GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GOULART, Daniel Magalhães (org.) **Subjectivity within cultural-historical approach**. Singapore: Springer, 2019, p. 37-60.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MONCAYO QUEVEDO, Jorge Eduardo. Sexual Diversity, School, and Subjectivity: The Irrationality of the Dominant Rationale. *In*: GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; GOULART, Daniel Magalhães (org.). **Subjectivity within Cultural-Historical Approach**. Singapore: Springer, 2019. p. 133-147.

GOULART, Daniel Magalhães. **Educação, saúde mental e desenvolvimento subjetivo**: da patologização da vida à ética do sujeito. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/24008>. Acesso em: 15 maio 2020.

HAWKINSON, Kaitlyn; ZAMBONI, Brian D. Adult baby/diaper lovers: An exploratory study of an online community sample. **Archives of Sexual Behavior**, v. 43, n. 5, p. 863-877, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-013-0241-7>. Acesso em: 1 jul. 2021.

HEILBORN, Maria Luiza. Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. *In*: HEILBORN, Maria Luiza *et al.* (org.). **O aprendizado da sexualidade**: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro, RJ: Garamond e Fiocruz, 2006, p. 30-59.

HEILBORN, Maria Luiza. Por uma agenda positiva dos direitos sexuais da adolescência. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, 2012, p. 57-68. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652012000100005>. Acesso em: 15 ago. 2019.

HILLEREN, Jennie. **Etiological Perspectives of ABDL Behavior from Members of an Online ABDL Community**. 2018. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências Sociais e Comportamentais. Walden University, 2018. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/31c4b6c866b28abe1e95fe962c2f180d/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>. Acesso em: 02 jun. 2021.

HOBICA, Steven; KWON, Paul. “This is how you hetero:” sexual minorities in heteronormative sex education. **American Journal of Sexuality Education**, v. 12, n. 4, p. 423-450, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15546128.2017.1399491>. Acesso em: 17 jul. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD Contínua TIC 2018**: Internet chega a 79,1% dos domicílios do país. Agência de Notícias IBGE, [S. l.], 29 abr. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domicilios-do-pais>. Acesso em: 18 jun. 2020.

INSTAGRAM. **Diretrizes da Comunidade**. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://help.instagram.com/477434105621119>. Acesso em: 4 jan. 2022.

KAFKA, Martin P. The DSM diagnostic criteria for fetishism. **Archives of sexual behavior**, v. 39, n. 2, p. 357-362, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-009-9558-7>. Acesso em: 14 fev. 2022.

KANG, Jin; WEI, Lewen. Let me be at my funniest: Instagram users' motivations for using Finsta (aka, fake Instagram). **The Social Science Journal**, v. 57, n. 1, p. 58-71, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.soscij.2018.12.005>. Acesso em: 17 jul. 2020.

KATT, Ayli. Kitten Play 101: What is kitten play?. In: **Kitten Play**. [S. l.], 1 dez. 2018. Disponível em: <https://kitten-play.com/kitten-play-101-kitten-play/>. Acesso em: 2 jul. 2021.

KINK. In: MICHAELIS Moderno Dicionário Inglês. [S. l.]: Melhoramentos, 2016. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-ingles/busca/ingles-portugues-moderno/kink/>. Acesso em: 16 nov. 2020.

LANGDRIDGE, Darren; LAWSON, Jamie. The psychology of puppy play: A phenomenological investigation. **Archives of Sexual Behavior**, v. 48, n. 7, p. 2201-2215, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-019-01476-1>. Acesso em: 15 dez. 2021.

LEVY, David *et al.* Reuters Institute Digital News Report 2020. University of Oxford. **Report of the Reuters Institute for the Study of Journalism 2020**. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR_2020_FINAL.pdf - Acesso em: 5 jul. 2020.

LIN, Kai. The medicalization and demedicalization of kink: Shifting contexts of sexual politics. **Sexualities**, v. 20, n. 3, p. 302-323, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1363460716651420>. Acesso em: 7 jun. 2020.

LIRA, Ariana Galhardi *et al.* Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. **J. bras. psiquiatr.**, v. 66, n. 3, p. 164-171, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000166>. Acesso em: 14 ago. 2019.

LYKENS, James *et al.* Google for sexual relationships: Mixed-methods study on digital flirting and online dating among adolescent youth and young adults. **JMIR public health and surveillance**, v. 5, n. 2, p. e10695, 2019. DOI: 10.2196/10695. Disponível em: <https://publichealth.jmir.org/2019/2/e10695>. Acesso em: 20 mai. 2020.

MACHIMBARRENA, Juan M. *et al.* Internet Risks: An Overview of Victimization in Cyberbullying, Cyber Dating Abuse, Sexting, Online Grooming and Problematic Internet Use. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 15, n. 2471, 2018. DOI: 10.3390/ijerph15112471. Acesso em: 11 maio 2020.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi *et al.* Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicol. estud. [online]**, v. 17, n. 1, p. 151-156, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722012000100017>. Acesso em: 13 jul. 2020.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marcal. Educação sexual: princípios para ação. **Doxa**, v. 15, n. 1, 2011, p. 41-51. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/124985>. Acesso em: 19 ago. 2019

MANDELLI, Maria Teresa; SOARES, Dulce Helena Penna; LISBOA, Marilu Diez. Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. **Arquivos Brasileiros de psicologia**, v. 63, p. 49-57, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2290/229049716006.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2020.

MARQUES, A. F. **Eu músico**: configurações subjetivas a duas ou três vozes. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/7111/1/2010_AliceFariasdeAraujoMarques.pdf. Acesso em: 28 ago. 2019.

MERCADO, Luis Paulo. Pesquisa qualitativa online utilizando a etnografia virtual. **Revista Teias**, v. 13, n. 30, p. 15, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24276>. Acesso em: 18 jul. 2020.

MIRANDA, Luciana Aparecida de. Corpo para mostrar: autorretrato nas redes sociais. In: Encontro Baiano de Estudos em Cultura, 3. **Anais [...]**. Cachoeira, 2012. Disponível em: <http://www3.ufpb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/Corpo-para-mostrar-o-autorretrato-nas-redes-sociais.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2019.

MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina *et al.* Teoria da subjetividade: contribuições em diferentes campos e contextos. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; TACCA, Maria Carmen; VALDÉS PUENTES, Roberto (org.). **Teoria da Subjetividade**: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional. Campinas, SP: Alínea, 2020, p. 179-198.

MONCAYO QUEVEDO, J. E. **Educación, Diversidad Sexual y Subjetividad**: Una Aproximación Cultural-Histórica a la Educación Sexual Escolar en Cali - Colombia. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23565/1/2017_JorgeEduardoMoncayoQuevedo.pdf. Acesso em: 25 abr. 2020.

MOSER, Charles. DSM-5, paraphilias, and the paraphilic disorders: Confusion reigns. **Archives of Sexual Behavior**, v. 48, n. 3, p. 681-689, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-018-1356-7>. Acesso em: 1 jul. 2021.

MOSER, Charles. Reflections on a career dedicated to the study of BDSM and diverse sexualities. **Sexualities**, v. 24, n. 5-6, p. 832-838, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1363460720979310>. Acesso em: 1 jul. 2021.

MOSER, Charles; KLEINPLATZ, Peggy J. Introduction. **Journal of Homosexuality**, v. 50, n. 2-3, p. 1-15, 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1300/J082v50n02_01. Acesso em: 18 jan. 2022.

MÜLLER, Léo. **Instagram já tem 1 bilhão de usuários ativos por mês**. Tecmundo, [S. l.], 20 jun. 2018. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/131503-instagram-tem-1-bilhao-usuarios-ativos-mes.htm>. Acesso em: 19 jul. 2020.

NAEZER, Marijke. From risky behavior to sexy adventures: reconceptualizing young people's online sexual activities. **Culture, Health & Sexuality**, v. 20, n. 6, p. 715-729, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13691058.2017.1372632>. Acesso em: 19 mar. 2020.

NEWMHR, Staci. **Playing on the edge**: Sadomasochism, risk, and intimacy. Indiana: Indiana University Press, 2011.

NUR, Equina. CID-11 tira BDSMers e Fetichistas da lista de doentes. *In: **BDSM de Iniciante***. [S. l.], 9 jan. 2020. Disponível em: <https://medium.com/bdsm-de-iniciante/cid-11-tira-bdsmers-e-fetichistas-da-lista-de-doentes-beb11948bfad>. Acesso em: 17 jan. 2022.

OLIVEIRA, Carolina Torres. **Subjetividade social da sala de aula e criatividade na aprendizagem**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/33860>. Acesso em: 6 out. 2020.

OLIVEIRA, Sandra Regina de. **A inclusão da criança com autismo na educação Infantil**: compreendendo a subjetividade materna. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/37583>. Acesso em: 6 out. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **ICD-11**: International Classification of Diseases 11th Revision. Disponível em: <https://icd.who.int/browse11/l-m/en>. Acesso em: 15 fev. 2022.

PATÍÑO TORRES, José Fernando. A unidade entre pesquisa e prática: reflexões a partir do método construtivo-interpretativo de González Rey. *In: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; TACCA, Maria Carmen; VALDÉS PUENTES, Roberto (org.). **Teoria da Subjetividade**: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional*. Campinas: Alínea, 2020, p. 179-198.

PATTERSON, Daniel. **What the Finsta?! The Darker World of Teenagers and Instagram**: You can't see what you may discover. Huffpost, [S. l.], 5 out. 2016. Disponível em: https://www.huffpost.com/entry/what-the-finsta-the-darker-world-of-teenagers-and_b_57eb9e03e4b07f20daa0fefb. Acesso em: 18 jul. 2020.

PATTERSON, Susan Patricia *et al.* What are the barriers and challenges faced by adolescents when searching for sexual health information on the internet? Implications for policy and practice from a qualitative study. **Sexually Transmitted Infections**, v. 95, n. 6, p. 462-467, 2019. DOI: 10.1136/sextrans-2018-053710. Acesso em: 18 mar. 2020.

RESSEL, Lúcia Beatriz *et al.* A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, jun. 2011, p. 245-250. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-81452011000200005>. Acesso em: 15 ago. 2019.

ROSSATO, Maristela. A complexidade da subjetividade como um sistema configuracional em desenvolvimento. *In: MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina; TACCA, Maria Carmen; VALDÉS PUENTES, Roberto (org.). **Teoria da Subjetividade**: discussões teóricas, metodológicas e implicações na prática profissional*. Campinas, SP: Alínea, 2020, p. 119-136.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo, SP: Ubu Editora, 2017.

RUBINSKY, Valerie. "Sometimes It's Easier to Type Things Than to Say Them": Technology in BDSM Sexual Partner Communication. **Sexuality & Culture**, v. 22, p. 1412-1431, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12119-018-9534-2>. Acesso em: 18 mar. 2020.

SAMAIN, Etienne; MENDONCA, João Martinho de. Entre a escrita e a imagem. Diálogos com Roberto Cardoso de Oliveira. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 185-236, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012000000100006>. Acesso em: 26 out. 2020.

SANTA, Fernando Dala; BARONI, Vivian. As raízes marxistas do pensamento de Vigotski: contribuições teóricas para a psicologia histórico-cultural. **Kínesis**, v. 6, n. 12, p. 1-16, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.36311/1984-8900.2014.v6n12.4792>. Acesso em: 04 abr. 2022.

SANTOS, Mariana Oliveira dos. **Subjetividade social e aprendizagem na educação empresarial**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/39060>. Acesso em: 6 out. 2020.

SHAH, Jay *et al.* New age technology and social media: adolescent psychosocial implications and the need for protective measures. **Current Opinion in Pediatrics**, v. 31, n. 1, p. 148-156, 2019. DOI: 10.1097/MOP.0000000000000714. Acesso em: 20 maio 2020.

SHELDON, P.; BRYANT, K. Instagram: Motives for its use and relationship to narcissism and contextual age. **Computers in Human Behavior**, v. 58, p. 89-97, 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563215303307>. Acesso em: 19 ago. 2019.

SILVA, Vera Lucia Marques da. Sexualidades dissidentes: um olhar sobre narrativas identitárias e estilo de vida no ciberespaço. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 10, p. 3309-3318, out., 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320182310.18642018>. Acesso em: 24 jun. 2019.

SILVA, Carla Regina; LOPES, Roseli Esquerdo. Adolescência e juventude: entre conceitos e políticas públicas. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 17, n. 2, 2010. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/100>. Acesso em: 19 ago. 2020.

SPROTT, Richard A. Reimagining “Kink”: Transformation, Growth, and Healing Through BDSM. **Journal of Humanistic Psychology**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0022167819900036>. Acesso em: 2 abr. 2020.

SPROTT, Richard A.; HADCOCK, Bren Benoit. Bisexuality, pansexuality, queer identity, and kink identity. **Sexual and Relationship Therapy**, v. 33, n. 1-2, p. 214-232. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14681994.2017.1347616>. Acesso em: 2 abr. 2020.

TIIDENBERG, Katrin; PAASONEN, Susanna. Littles: Affects and aesthetics in sexual age-play. **Sexuality & Culture**, v. 23, n. 2, p. 375-393, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12119-018-09580-5>. Acesso em: 01 jul. 2021.

TODARO, Elisabetta. *et al.* Are Social Media a problem or a tool? New strategies for sexual education. **Sexologies**, v. 27, n. 3, Jul–Set 2018, p. e67-e70. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.sexol.2018.05.006>. Acesso em: 9 set. 2019.

VAN OUYTSEL, Joris *et al.* Longitudinal associations between sexting, cyberbullying, and bullying among adolescents: Cross-lagged panel analysis. **Journal of Adolescence**, v. 73, p. 36-41, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2019.03.008>. Acesso em: 15 maio 2020.

VIEIRA, Priscila Mugnai; MATSUKURA, Thelma Simões. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, p. 453-474, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782017226923>. Acesso em: 13 jul. 2020.

VIEIRA, Andreia dos Santos Gomes. **Representações sociais configuradas na subjetividade social e suas expressões no trabalho pedagógico**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/37401>. Acesso em: 6 out. 2020.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, 2014, p. 203-220. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/download/2144/1637>. Acesso em: 8 out. 2019.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais**: mapa de estudos recentes. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

WEISHEIMER, Nilson. Situação juvenil e projetos profissionais de jovens agricultores familiares no Recôncavo da Bahia. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 27, n. 1, p. 67-94, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.36920/esa-v27n1-4>. Acesso em: 19 ago. 2020.

WEISS, Margot. **Techniques of Pleasure: BDSM and the Circuits of Sexuality**. Durham: Duke University Press, 2011.

WIGNALL, Liam. The Sexual Use of a Social Networking Site: The Case of Pup Twitter. **Sociological Research Online**, v. 22, n. 3, p. 21-37, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1360780417724066>. Acesso em: 12 maio 2020.

WIGNALL, Liam. **Kinky Sexual Subcultures and Virtual Leisure Spaces**. 2018. Tese de Doutorado. Faculdade de Artes e Indústrias Criativas, University of Sunderland, 2018. Disponível em: <http://sure.sunderland.ac.uk/id/eprint/8825/>. Acesso em: 21 out. 2020.

WIGNALL, L.; MCCORMACK, M. An exploratory study of a new kink activity: “Pup play”. **Archives of Sexual Behavior**, v. 46, n. 3, p. 801-811, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10508-015-0636-8>. Acesso em: 16 dez. 2021.

WRIGHT, S. De-pathologization of consensual BDSM. **The Journal of Sexual Medicine**, v. 15, n. 5, p. 622-624, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jsxm.2018.02.018>. Acesso em: 16 nov. 2020.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado como voluntário a participar da pesquisa “SEXUALIDADES DISSIDENTES, SUBJETIVIDADE E *INSTAGRAM*: ESTUDO DE CASO COM JOVENS *KINKERS*”. Nessa pesquisa pretendemos conhecer como os jovens utilizam o *Instagram* como uma rede sócio-sexual; compreender como gerenciam o estigma relacionado à prática do *kink* no *Instagram*; e analisar os processos de desenvolvimento da sexualidade vivenciados por esses jovens. O motivo que nos leva a realizar esse estudo refere-se à crescente utilização da *internet* pelos jovens, e o impacto disso em novas produções subjetivas em torno da sua sexualidade. O estudo será realizado com jovens brasileiros, de 18 a 29 anos, que possuem um perfil na rede social *Instagram* associado à sua identidade e/ou práticas *kinky*. Para o desenvolvimento da pesquisa serão utilizados os procedimentos de: 1) entrevistas, por meio de dinâmicas conversacionais, realizadas virtualmente, via chamada de vídeo; 2) exercício de complemento frases, no qual você terá que completar frases a partir de um roteiro estipulado, que lhe será enviado via *e-mail* para ser respondido e posteriormente devolvido à pesquisadora; 3) observação das atividades do seu perfil na rede social *Instagram*, sendo autorizado à pesquisadora seguir o seu perfil e acompanhar suas postagens nessa rede. Caso você concorde, as entrevistas serão gravadas em áudio para posterior transcrição e análise. Somente o pesquisador terá acesso às gravações. Os riscos potenciais da participação na pesquisa são mínimos, já que se realizará a partir de perguntas e atividades sobre aspectos do seu cotidiano, portanto, esta pesquisa não apresenta nenhum risco físico. Entretanto, poderá se sentir constrangido por alguma questão, uma vez que perguntas sobre sua vida privada serão feitas. Se isso ocorrer, você está totalmente livre para não responder à questão ou interromper a participação na pesquisa a qualquer momento. Quanto aos benefícios da pesquisa, você poderá refletir e ampliar sua visão sobre si mesmo e sobre os tópicos sobre os quais conversaremos, como sexualidade e uso de redes sociais. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização. Você tem garantida plena liberdade de recusar-se a participar ou interromper sua participação, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que você é atendido pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar. Seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na Universidade Federal de Viçosa e a outra será fornecida a você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco (5) anos, após o término da pesquisa. Depois desse tempo, os mesmos serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, fui informado dos objetivos da pesquisa “Sexualidades dissidentes, subjetividade e *Instagram*: estudo de caso com jovens *kinkers*” de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas.

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e poderei modificar a decisão sobre minha participação se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desta pesquisa.

Recebi uma via deste termo consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Pesquisadora

Nome: Ananda de Souza Lima Vieira Carvalho

E-mail: ananda.carvalho@ufv.br

Telefone: (32) 99915-3605

Orientadora da Pesquisa/Pesquisadora Responsável

Nome: Professora Dra. Lílian Perdigão Caixêta Reis

E-mail: lilian.perdigao@ufv.br

Telefone: (31) 3612-7516

Endereço: Departamento de Educação, Avenida Purdue s/n, *Campus* Universitário, CEP 36570-900, Viçosa/MG.

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Federal de Viçosa

Edifício Arthur Bernardes, piso inferior

Av. PH Rolfs, s/n – *Campus* Universitário

CEP: 36570-900 Viçosa/MG

Telefone: (31)3612-2316

Email: cep@ufv.br

www.cep.ufv.br

Viçosa, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE B – INSTRUMENTO COMPLEMENTO DE FRASES

Nome:

Data:

Nessa atividade você deve completar os fragmentos com a primeira ideia que lhe surgir. Elas não seguem nenhuma lógica sequencial e nem existe uma frase mais importante que a outra.

1. Eu gosto...
2. Com frequência sinto...
3. Imagino...
4. Foi bom...
5. Eu gostaria de...
6. Sou...
7. É importante...
8. Acredito que preconceitos...
9. Confio em...
10. Minhas preferências ...
11. No *Instagram*...
12. Interesse-me por...
13. Minha sexualidade...
14. É difícil...
15. A escola...
16. O conteúdo que posto...
17. Todos que conheço...
18. Não confio em...
19. Meu futuro me parece...
20. Eu sempre...
21. Sinto-me atraído por...
22. Tenho medo...
23. Sinto falta de informações...
24. Minha maior vontade hoje...
25. Ser jovem...
26. Detesto quando...

27. No meu perfil...
28. Queria ser...
29. Dedico a maior parte do meu tempo...
30. Sempre que posso...
31. Sinto que *on-line* é mais...
32. Eu fico mais à vontade...
33. Arrependo-me de...
34. Sigo perfis...
35. Preciso melhorar...
36. Não tenho...
37. As pessoas costumam...
38. Queria perder o medo de...
39. Minha família...
40. As interações virtuais ...
41. Tenho orgulho...
42. As redes sociais...
43. Se eu pudesse mudaria...
44. Meus amigos...
45. A *internet*...
46. Consentimento é...
47. Aprendo mais...
48. Não compartilho...
49. Sempre gostei...
50. Divergências aparecem quando...
51. Costumo bloquear...
52. Já presenciei...
53. Quando ouço as pessoas falando sobre suas preferências sexuais...
54. Ninguém sabe...
55. Sinto prazer...
56. Diversidade é...
57. Não posso...
58. Quando tenho dúvidas...
59. O que eu mais gosto do *Instagram*...
60. Eu preciso...

- 61. Costumo frequentar...
- 62. Foi ruim...
- 63. Costumam dizer...
- 64. Fico triste...
- 65. Tenho vergonha...
- 66. Nunca mais...
- 67. Curto conteúdos...
- 68. Já me senti...
- 69. Pensam que eu...
- 70. *Off-line* as coisas...

Para a participante Débora foram acrescentadas as seguintes frases:

- 71. Liberdade é...
- 72. Sonho que...
- 73. Esconder...

APÊNDICE C – INSTRUMENTO ENTREVISTA*PRIMEIRA PARTE***Informações de perfil socioeconômico**

1. Nome:

2. Cidade/Estado:

3. Idade:

4. Gênero:

- ☐ Mulher cisgênero
- ☐ Homem cisgênero
- ☐ Mulher transgênero
- ☐ Homem transgênero
- ☐ Não binário
- ☐ Outro. Qual?
- ☐ Prefiro não dizer

5. Orientação sexual:

- ☐ Heterossexual
- ☐ Homossexual
- ☐ Bissexual
- ☐ Pansexual
- ☐ Assexual
- ☐ Outro. Qual?
- ☐ Prefiro não dizer

6. Cor ou raça:

- ☐ Preto
- ☐ Pardo
- ☐ Amarelo
- ☐ Indígena
- ☐ Branco

7. Estado civil:

- ☐ Solteiro
- ☐ Casado
- ☐ Divorciado
- ☐ Amasiado
- ☐ União estável

8. Possui filhos?

- ☐ Sim
- ☐ Não

Idades:

9. Profissão:**10. Nível de escolaridade:**

- ☐ Não estudou
- ☐ Ensino Fundamental Completo
- ☐ Ensino Fundamental Incompleto
- ☐ Ensino Médio Completo
- ☐ Ensino Médio Incompleto
- ☐ Ensino Superior Completo
- ☐ Ensino Superior Incompleto
- ☐ Pós-Graduação

11. Quem mora com você?**12. Renda mensal familiar:**

- ☐ Nenhuma renda
- ☐ Até 1 salário mínimo (até R\$ 1.045,00)
- ☐ De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.045,01 até R\$ 3.135,00)
- ☐ De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 3.135,01 até R\$ 6.270,00)
- ☐ De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 6.270,01 até R\$ 9.405,00)
- ☐ Mais de 9 salários mínimos (mais de R\$ 9.405,00)

13. Equipamento usado para acesso à internet:

- ☐ Computador
- ☐ Tablet
- ☐ Televisão
- ☐ Telefone móvel celular
- ☐ Outro. Qual?

14. Quais das seguintes redes sociais você utiliza? Enumere da menos utilizada para a mais utilizada. Utilize 0 para as que não usa.

- ☐ Facebook
- ☐ Instagram
- ☐ Tumblr
- ☐ Twitter
- ☐ LinkedIn
- ☐ YouTube
- ☐ Whatsapp
- ☐ Pinterest
- ☐ Skype
- ☐ FetLife
- ☐ Outro(s). Qual/quais?

15. Tempo médio gasto diariamente utilizando redes sociais:

- ☐ Menos de 30 minutos
- ☐ De 30 minutos a 1 hora
- ☐ De 1 a 2 horas
- ☐ De 2 a 3 horas
- ☐ Mais de 3 horas

SEGUNDA PARTE

Objetivo Geral		
Compreender como os jovens da dissidência sexual <i>kink</i> produzem sentidos e configurações subjetivas acerca da sua sexualidade na rede social <i>Instagram</i>		
Objetivos	Temas e conteúdo a ser explorado	Possíveis questões

Específicos		
Conhecer como os jovens utilizam o <i>Instagram</i> como uma rede sócio-sexual	- Uso de <i>hashtags</i> relativas ao <i>kink</i> - Agendamento de encontros sexuais e eventos <i>off-line</i> - Postagem de fotos sexualmente sugestivas/relacionadas ao <i>kink</i> - Interação com perfis similares: curtidas, comentários, marcações - Aprendizado de novas práticas <i>kink</i> - Utilização da rede para troca de mensagens - Postagem de conteúdos relativos ao trabalho, atividades do dia a dia, eventos da vida - Fazer novos amigos	- Fale um pouco da sua relação com o <i>Instagram</i>: tempo de uso, vantagens e desvantagens em relação a outras redes, o que você gosta e costuma fazer, buscar. - O <i>Instagram</i> agora conta com muitas possibilidades de conteúdo para compartilhamento: fotos e vídeos no <i>feed</i>, <i>stories</i>, <i>Reels</i>, uso de <i>hashtags</i>... Como você tem utilizado esses recursos? - Nossos gostos e identidades podem nos aproximar de outras pessoas... Com quais tipos de perfis você costuma interagir? Como são essas interações? - Quando buscamos informações ou conteúdos sobre práticas e identidades sexuais não convencionais encontramos muitos termos, como SM, BDSM, <i>kink</i>... Com qual expressão você se identifica mais? Por quê? - Fale-me sobre a sua história com essas práticas/identidades. Como o <i>Instagram</i> passou a fazer parte dessa história?
Compreender como os jovens gerenciam o estigma relacionado às práticas <i>kinky</i> no <i>Instagram</i>	- Busca de usuários com os mesmos interesses - Extensão dos relacionamentos para o meio <i>off-line</i> - Troca de informações sobre o <i>kink</i> - Aconselhamento e suporte entre os pares - Senso de identidade e espaço compartilhados com outros usuários - Interação com propósito comunicativo - Utilização de um perfil exclusivo para interação <i>kink</i> - Questionamento das normas sociais estigmatizadas - Utilização de estratégias visando ao	- Como você costuma expressar seus interesses/identidade <i>kinky</i> com as pessoas que você interage dentro e as que interage fora do <i>Instagram</i>? - Como você administra a relação entre seus interesses/práticas <i>kinky</i> no <i>Instagram</i> e sua privacidade? - Você já se sentiu censurado ao expressar-se no <i>Instagram</i>? - Como você lida com a desaprovação, ridicularização ou preconceitos que as pessoas costumam apresentar sobre o <i>kink</i>?

	anonimato e privacidade (foto, nome de usuário...) - autopercepção de menos valia presente ou passada por sua identidade/práticas - ter sido zombado/desaprovado/ridicularizado/envergonhado por suas postagens ou interesses <i>kinky</i>	
Analisar os processos de desenvolvimento da sexualidade vivenciados por esses jovens	- Emoções e afetos vinculados ao tema - Construções cognitivas referentes à própria sexualidade - História pessoal: experiências do presente e do passado - Concepções acerca do assunto - Crenças e valores do espaço social	- O que significa pra você viver a sua sexualidade? - Alguns momentos se tornam mais ou menos significativos por representarem experiências desagradáveis ou episódios positivos. Quando pensa na sua jornada <i>kink</i>, o que representam esses momentos pra você? Que sentimentos surgem pra você hoje? - Como você sente a influência do que você vê, aprende e comunica no <i>Instagram</i> na sua vida?